

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

GABRIELE PETROSKI MACHADO

SORORIDADE: UM ESTUDO A PARTIR DOS GRUPOS DE PESQUISA E
PROGRAMAS/PROJETOS DE EXTENSÃO QUE PERPASSAM SOBRE A
DISCUSSÃO DA MULHER DAS UNIVERSIDADES ESTADUAIS DO ESTADO DO
PARANÁ

PONTA GROSSA

2024

GABRIELE PETROSKI MACHADO

SORORIDADE: UM ESTUDO A PARTIR DOS GRUPOS DE PESQUISA E
PROGRAMAS/PROJETOS DE EXTENSÃO QUE PERPASSAM SOBRE A
DISCUSSÃO DA MULHER DAS UNIVERSIDADES ESTADUAIS DO ESTADO DO
PARANÁ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais Aplicadas.

Área de Concentração: Cidadania e Políticas Públicas

Linha de Pesquisa: História, Cultura e Cidadania

Orientadora: Prof.^a. A Dra. Reidy Rolim de Moura

PONTA GROSSA

2024

Machado, Gabriele Petroski

M149

Sororidade: um estudo a partir dos grupos de pesquisa e programas/ projetos de extensão que perpassam sobre a discussão da mulher das universidades estaduais do Estado do Paraná / Gabriele Petroski Machado. Ponta Grossa, 2024.

140 f.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas - Área de Concentração: Cidadania e Políticas Públicas), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Profa. Dra. Reidy Rolim de Moura.

1. Sororidade. 2. Pesquisa. 3. Extensão. 4. Gênero. 5. Universidades. I. Moura, Reidy Rolim de. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cidadania e Políticas Públicas. III.T.

CDD: 305.48

TERMO DE APROVAÇÃO

GABRIELE PETROSKI MACHADO

“Sororidade: um estudo a partir dos grupos de pesquisa e programas/projetos de extensão que perpassam sobre a discussão da mulher das universidades estaduais do Estado do Paraná”

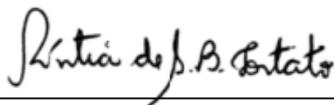
Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:

Ponta Grossa, 03 de maio de 2024.

Assinatura pelos membros da Banca



Profa. Dra. Reidy Rolim de Moura - UEPG-PR - Presidente



Profa. Dra. Cintia de Souza Batista Tortato - IFPR-PR - Membro Externo

 Documento assinado digitalmente
LUANA MARCIA DE OLIVEIRA BILLERBECK
Data: 03/05/2024 10:56:35-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profa. Dra. Luana Marcia de Oliveira Billerbeck - UEPG-PR - Membro Interno

Prof. Dr. Luiz Fernando Lara - UNICENTRO-PR - Suplente Externo

Profa. Dra. Mirna de Lima Medeiros - UEPG-PR - Suplente Interno

Dedico esta pesquisa a todas as mulheres que fazem ou que já fizeram a diferença na vida de outras mulheres, assim, propagando a sororidade.

AGRADECIMENTOS

À Deus, pelas pessoas que Ele colocou em meu caminho e foram essenciais para que eu alcançasse todas as minhas conquistas, também pela minha família amada e pelos amigos especiais.

***Aos meus pais, Ronaldo José Aparecido Machado e Adriana Sutil Petroski,** por todo amor e carinho incondicional e por nunca medirem esforços para que eu pudesse realizar meus sonhos. Não conseguiria estar aqui se não fosse por vocês.*

***Aos meus irmãos, Isabele Petroski Machado e Alexandre Petroski Machado,** meus companheiros durante a vida toda e que foram meus apoios durante o mestrado.*

***Aos meus avós, tios, tias e primas,** por me amarem incondicionalmente e estarem sempre presente em toda a minha vida. Vocês contribuíram para o que eu sou hoje e essa conquista também é de vocês.*

***À minha cachorrinha, Cloe Regina,** que alegra e ilumina meus dias e foi minha motivação neste processo.*

***Às minhas amigas, Julia Grachinski e Gabrielle Roth Machado,** companheiras que compartilham comigo cada momento e que comemoram a cada conquista minha há mais de 10 anos. **À minha amiga, Rafaela Karoline Batista,** por ser apoio e motivação, por sempre saber dizer o que eu preciso ouvir e por estar comigo em todos os momentos importantes, que bom que nos encontramos no primeiro dia de aula da faculdade.*

***Aos meus amigos e amigas** que sempre estiveram ao meu lado me apoiando e me incentivando para que eu chegasse até aqui, vocês são parte disso.*

***À minha orientadora, Reidy Rolim de Moura,** por me incentivar na pesquisa acadêmica, pela dedicação, pelo apoio, pelos ensinamentos, por me inspirar e por acreditar que eu seria capaz e, principalmente, pela compreensão em todos os momentos difíceis que passei durante o processo do mestrado.*

***Às professoras, membros da banca, Cíntia Tortato e Luana Billerbeck,** por aceitarem o convite e por participarem deste momento tão marcante na minha trajetória acadêmica e contribuírem para o meu crescimento profissional.*

***À todas as pessoas** que, direta ou indiretamente, fizeram parte deste processo e contribuíram para a realização desta pesquisa.*

Muito obrigada!

E temos a sorte de saber, em todos os dias da nossa vida, que a sororidade é uma possibilidade concreta, que a sororidade ainda é poderosa.

Bell Hooks

RESUMO

O termo “sororidade” vem ganhando notoriedade e sendo empregado em discursos relacionados às mulheres, seja no âmbito acadêmico ou no âmbito dos movimentos feministas. O conceito é recente e ainda não há uma fundamentação teórica consistente, portanto, a sororidade é compreendida em diferentes perspectivas teóricas, desde a perspectiva crítica à perspectiva neoliberal. Contudo, independente da perspectiva empregada, a sororidade está relacionada à questão de gênero, uma vez que surge como fruto dos movimentos feministas contemporâneos, no enfrentamento às opressões machistas produzidas pelo sistema capitalista e patriarcal. Neste contexto, a presente pesquisa pretende discutir a percepção da sororidade, enquanto prática e teoria, a partir da compreensão das pesquisadoras e extensionistas vinculadas aos grupos de pesquisa e programas/projetos de extensão que perpassam pela discussão da mulher e de gênero, das Universidades Estaduais do Estado do Paraná. A pesquisa tem como objetivo geral compreender os desafios e as possibilidades da prática da sororidade a partir da percepção dos grupos de pesquisa e programas/projetos de extensão que pautam a questão de gênero das Universidades Estaduais do Paraná. E como objetivos específicos, tem-se: a) Mapear fundamentos teóricos da sororidade na atualidade; b) Analisar elementos da compreensão da sororidade a partir da percepção das integrantes dos grupos de pesquisa e programas/projetos das Universidades do Estado do Paraná; c) Identificar se existem elementos da prática da sororidade entre as participantes dos grupos de pesquisa e programas/projetos de extensão das Universidades Estaduais do Paraná. Para alcançar os objetivos propostos, o percurso metodológico adotado foi a revisão bibliográfica e a pesquisa de campo, que consistiu na aplicação de um formulário ao público-alvo deste estudo, entre o período de setembro/2022 a junho/2023. Trata-se de uma pesquisa de natureza exploratória e descritiva, de caráter qualitativa e quantitativa. A metodologia aplicada permitiu verificar que o conceito sororidade é uma realidade presente no cotidiano das mulheres pesquisadoras e extensionistas, seja por vivências próprias ou no âmbito das pesquisas acadêmicas, no entanto, observou-se que essa vivência não é suficiente para dar conta de toda a complexidade do conceito e das relações que são estabelecidas no dia a dia entre as mulheres e demonstra a necessidade de uma fundamentação teórica consistente sobre a sororidade, a fim de ampliar as suas possibilidades.

Palavras-chave: Sororidade; Pesquisa; Extensão; Gênero; Universidades.

ABSTRACT

The term "sorority" is increasingly being used in discourses related to women, whether in academic spheres or feminist activism. However, the concept is still recent and lacks a consistent theoretical foundation, leading to different interpretations from critical to neoliberal perspectives. Regardless of the perspective, "sorority" is connected to gender issues, since it emerges as a product of contemporary feminist movements, as a response to sexist oppression within the capitalist and patriarchal system. In this context, this research aims to discuss the perception of sorority as both a practice and theory, focusing on researchers and extension workers affiliated with gender-focused research groups and programs/projects at Paraná State Universities in 2022-2023. The overall goal of this research is to understand the challenges and possibilities of the practice of sorority based on the perception of research groups and extension programs/projects that focus on the gender issue at Paraná State Universities. The specific objectives include: a) to map current concepts and definitions of the sorority in the actual days; b) to analyze its conceptual understanding among members of research groups and programs/projects at Paraná State Universities; c) to explore whether sorority is implemented within the actions of the research groups and programs/projects at Paraná State Universities. To achieve the proposed goals, the methodological path adopted was a bibliographic review and field research, which consisted of applying a questionnaire to the target audience of this study, between September 2022 and June 2023. This study is exploratory, descriptive, qualitative, and quantitative. The methodology applied allowed us to verify that the concept of sorority is a reality present in the daily lives of women researchers and extensionists, whether through their own experiences or within the scope of academic research. However, this experience alone does not fully address the complexity of the concept and daily relationships among women. It demonstrates the need for a consistent theoretical foundation on sorority, in order to expand its possibilities

Keywords: Sorority; Research; Extension; Gender; Universities

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Resultados do estado da arte sobre sororidade realizado em jun/2021.....	14
Quadro 2 – Resultados atualizados do estado da arte sobre sororidade realizado em jul/2023.....	15
Quadro 3 – Sistematização da busca dos grupos de pesquisas e programas/projetos.....	21
Quadro 4 – Grupos de pesquisa das universidades que receberam o formulário para participação da pesquisa sobre sororidade.....	23
Quadro 5 – Elementos para se Pensar o Conceito de Sororidade.....	58
Quadro 6 – Guias e objetivos éticos-políticos da sororidade.....	60
Quadro 7 – Perfil profissional das respondentes.....	85
Quadro 8 – Participação em outros espaços que perpassam pela temática da mulher.....	88
Quadro 9 – Afirmações sobre o aspecto teórico da sororidade.....	93
Quadro 10 – Motivo pelo qual as respondentes consideram que o tema deve ser mais discutido no ambiente acadêmico.....	101
Quadro 11 – Motivos pelos quais as respondentes acreditam que a sororidade contribui para a emancipação das mulheres.....	102
Quadro 12 – A importância da sororidade na opinião das respondentes.....	104
Quadro 13 - Sugestões para quem estuda o conceito da sororidade.....	107

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Pirâmide invertida para delimitar o problema de pesquisa.....	18
Figura 2 – Localização das Universidades Estaduais Paranaenses.....	66
Figura 3 – Fachada do campus da UEPG localizado no centro de Ponta Grossa.....	68
Figura 4 – Fachada do campus da UEPG localizado no Bairro de Uvaranas....	68
Figura 5 – Fachada do Campus da UEL.....	70
Figura 6 – Fachada do campus da UEM em Maringá.....	71
Figura 7 – Fachada da Unioeste em Cascavel/PR.....	72
Figura 8 – Fachada da Unioeste em Foz do Iguaçu/PR.....	73
Figura 9 – Fachada da Unioeste de Francisco Beltrão/PR.....	73
Figura 10 – Fachada da Unioeste de Marechal Cândido Rondon/PR.....	74
Figura 11 – Fachada da Unioeste de Toledo/PR.....	74
Figura 12 – Fachada da Unicentro campus Santa Cruz.....	76
Figura 13 – Fachada da Unicentro campus Cedeteg.....	76
Figura 14 – Fachada da Unicentro campus de Irati/PR.....	77
Figura 15 – Fachada da Unicentro campus de Pitanga/PR.....	77
Figura 16 – Fachada da Unicentro campus de Prudentópolis/PR.....	78
Figura 17 – Fachada da Reitora da UENP em Jacarezinho/PR.....	79
Figura 18 – Fachada da UENP de Bandeirantes/PR.....	79
Figura 19 – Fachada da UENP de Cornélio Procópio/PR.....	80
Figura 20 – Fachada da Unespar campus de Paranavaí/PR.....	81
Figura 21 – Fachada da Unespar campus de Apucarana/PR.....	81
Figura 22 – Fachada da Unespar campus de Paranaguá/PR.....	82
Figura 23 – Fachada da Unespar de União da Vitória/PR.....	82
Figura 24 - Nuvem de palavras sobre o que as respondentes entendem por sororidade.....	97

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – A forma de participação das respondentes nos grupos de pesquisa e programa/projetos de extensão que fazem parte.....	85
Gráfico 2 – Para além deste programa/projeto, você já esteve em contato com outros espaços que perpassa pela temática mulher?.....	88
Gráfico 3 – O meio em que as respondentes já ouviram sobre sororidade.....	89
Gráfico 4 – O grau de informação das respondentes sobre sororidade em uma escala de 0 (nada) a 5 (muito).....	90
Gráfico 5 – Principais elementos que caracterizam a sororidade.....	92
Gráfico 6 – Resultados das afirmações sobre sororidade.....	94
Gráfico 7 – Você consegue identificar elementos da sororidade em seu cotidiano nos espaços que frequenta?.....	98
Gráfico 8 – Perspectiva a qual a sororidade está vinculada na opinião das respondentes.....	106

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
PERCURSO METODOLÓGICO.....	20
ORGANIZAÇÃO DOS CAPÍTULOS.....	26
CAPÍTULO 1 – ASPECTOS TEÓRICOS: GÊNERO, PATRIARCADO E PÁPEIS SOCIAIS.....	20
1.1 A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DAS DISCUSSÕES DE GÊNERO E AS SUAS EXPRESSÕES.....	27
1.2 AS RELAÇÕES SOCIAIS DE PODER, DOMINAÇÃO MASCULINA E OS PAPEIS SOCIAIS DE GÊNERO.....	34
CAPÍTULO 2 – FEMINISMO CONTEMPORÂNEO E A SORORIDADE.....	42
2.1 A CONTRIBUIÇÃO DO FEMINISMO PARA A LUTA DAS MULHERES CONTRA AS OPRESSÕES PATRIARCAIS.....	43
2.2 SORORIDADE: CONCEITO E PRÁTICA.....	52
CAPÍTULO 3 – A SORORIDADE NA TEORIA E NA PRÁTICA: RESULTADOS DA PESQUISA DE CAMPO.....	61
3.1 A PRODUÇÃO DA CIÊNCIA NOS GRUPOS DE PESQUISAS E PROGRAMAS/PROJETOS DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS.....	61
3.1.1 Universidade Estadual de Ponta Grossa.....	67
3.1.2 Universidade Estadual de Londrina.....	69
3.1.3 Universidade Estadual de Maringá.....	70
3.1.4 Universidade Estadual do Oeste do Paraná.....	72
3.1.5 Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná	75
3.1.6 Universidade Estadual do Norte do Paraná.....	79
3.1.7 Universidade Estadual do Paraná.....	80
3.2 ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA DE CAMPO.....	83
3.2.1 Características das Participantes.....	84
3.2.2 Valores e Elementos da Sororidade.....	91
3.2.3 Sororidade e seus aspectos teórico-práticos.....	100
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	110

REFERÊNCIAS.....	116
APÊNDICE A - FORMULÁRIO APLICADO AOS PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	124
APÊNDICE B - OFÍCIO ENVIADO À PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA.....	131
APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	133
ANEXO A - TERMOS DE ANUÊNCIAS DAS UNIVERSIDADES PARTICIPANTES.....	134
ANEXO B - AUTORIZAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA PARA PESQUISA CIENTÍFICA.....	137

INTRODUÇÃO

O termo “sororidade” é recente e não está incluído no dicionário da língua portuguesa, mas isso não impede que o termo circule no vocabulário das mulheres brasileiras. A necessidade de pesquisar sobre o conceito surge a partir da crescente utilização deste termo nos discursos feministas contemporâneos e também nas redes sociais, porém, com pouca fundamentação teórica.

Ao pesquisarmos sobre a origem da palavra “sororidade”, logo percebe-se que a mesma vem do latim *soror*, que significa “irmã” (Lagarde Y De Los Ríos, 2012) e, portanto, há uma interpretação da sororidade atrelada ao sentimento de “irmandade” entre as mulheres, no mesmo aspecto da fraternidade.

O conceito vem sendo aplicado em diversas áreas de atuação e de pesquisa, em alguns casos sendo empregado em diferentes perspectivas teóricas, o que pode gerar mais de uma interpretação. É importante ter clareza do significado que o conceito da sororidade carrega e o que ele pode representar para o movimento feminista contemporâneo.

Considerando que o uso do conceito da sororidade é relativamente recente e vem crescendo ao longo do tempo, realizou-se o estado da arte, a fim de demonstrar o que se tem de produção acadêmica sobre a sororidade e qual o teor das produções: o que está sendo abordado, quais áreas do conhecimento estão incluindo a sororidade em suas pesquisas e de que forma essas pesquisas estão acontecendo.

Romanowski e Ens (2006) definem o estado da arte como a sistematização da produção sobre um determinado assunto através do levantamento de teses, dissertações, artigos, entre outros materiais, com o objetivo de identificar referenciais teóricos e lacunas sobre o assunto, além disso permite mapear o que se tem produzido sobre um determinado assunto.

O estado da arte ao permitir identificar o referencial teórico e responder algumas lacunas referente a um determinado tema, possibilita o levantamento de problemas de pesquisa, que propiciarão ampliar a produção de conhecimento e avançar sobre o assunto pesquisado.

Para o estado da arte desta pesquisa, buscou-se o descritor “sororidade” nas bases de dados: Banco de Teses e Dissertações da CAPES, entre os anos de 2016 à 2020, onde obteve-se 37 resultados; Scielo, nos anos de 2018 a 2020, obtendo 11 resultados; Redalyc, entre 2016 a 2019, na qual se obteve 63 resultados e Google

Acadêmico, de 2017 a 2021, obtendo 196 resultados. Cabe destacar que houve casos em que o mesmo artigo foi encontrado na base de dados Scielo e Redalyc.

As bases de dados foram selecionadas de acordo com a área de conhecimento das Ciências Sociais Aplicadas, também considerando a interdisciplinaridade.

O quadro abaixo, sintetiza o levantamento realizado pelo estado da arte no período de junho de 2021.

Quadro 1 – Resultados do estado da arte sobre sororidade realizado em jun/2021

ESTADO DA ARTE <i>Julho de 2021/</i>				
Base de dados	Banco de teses e dissertações da CAPES	<u>Scielo</u>	<u>Redalyc</u>	Google Acadêmico
Anos de referência	2016 a 2020	2018 a 2021	2016 a 2019	2017 a 2021
Descritores (palavras-chaves)	“sororidade”	“sororidade”	“sororidade”	“sororidade”
Resultados	37	11	63	196

Fonte: A autora (2021)

Diante destes resultados, verificou-se que todos os trabalhos encontrados nas buscas pelas bases de dados acima citadas, discorrem sobre a observação da prática da sororidade em determinados contextos ou grupo de mulheres, principalmente nas áreas da comunicação e da linguagem. Foi recorrente encontrar artigos sobre análise de discursos sobre a sororidade nas redes sociais; análise de personagens da literatura com base nos elementos da sororidade; e pesquisa que apresentam a sororidade como uma prática existente entre um grupo de mulheres, seja em grupos de mulheres com mais ou com menos vulnerabilidades sociais e/ou econômicas.

Em julho de 2023 realizou-se novo estado da arte, nas mesmas plataformas e com os mesmos descritores, apenas incluindo os anos de referência que ainda não haviam sido incluídos. No Banco de Teses e Dissertações da CAPES, de 2021 a 2023, obteve-se 8 resultados; Na Scielo, de 2021 a 2023, obteve-se 4 resultados; Na

Redalyc, de 2020 a 2023, obteve-se 70 resultados; No Google Acadêmico, de 2021 a 2023, obteve-se 106.

Quadro 2 – Resultados atualizados do estado da arte sobre sororidade realizado em jul/2023

ESTADO DA ARTE Julho de 2023				
Base de dados	Banco de teses e dissertações da CAPES	Scielo	Redalyc	Google Acadêmico
Anos de referência	2021 a 2023	2021 a 2023	2020 a 2023	2021 a 2023
Descritores (palavras-chaves)	“sororidade”	“sororidade”	“sororidade”	“sororidade”
Resultados	8	4	70	106

Fonte: A autora (2023)

A revisão de literatura desenvolvida pelo estado da arte, aconteceu em dois momentos, compreendendo o período de 2016 a 2023 e possibilitou identificar o que se tem de produção teórica acerca do conceito da sororidade, a princípio não se obteve resultados de pesquisas que tratassem da sororidade no âmbito acadêmico, por pesquisadores(as) vinculados a temática de gênero e da área das Ciências Sociais Aplicadas, ou seja, as pesquisas encontradas são em sua maioria voltadas para a prática da sororidade, ainda não são em grande número pesquisas sobre a sororidade como objeto. Alguns dos materiais encontrados subsidiarão os capítulos teóricos e práticos desta pesquisa. A carência de pesquisas publicadas sobre os elementos teóricos que permeiam a sororidade, na perspectiva dos (as) pesquisadores (as) no âmbito acadêmico e científico, somado ao fato de ser um conceito que está sendo cada vez mais utilizado pelas mulheres, é o que motivou a construção da presente pesquisa, além de reforçar a sua originalidade. Por isso os grupos de pesquisa e programas/projetos de extensão que perpassam pelo debate de gênero vinculados às universidades Estaduais do Paraná compuseram o universo desta pesquisa, tendo

em vista que são nestes espaços que há a maior produção de conhecimento teórico e prático.

[...] são as instituições públicas de educação superior, particularmente as universidades, que desenvolvem a maior e, talvez, a mais significativa parcela da pesquisa, tanto pura, quanto aplicada. (Belloni, 1986, p. 30)

Considerou-se então que para ampliar a perspectiva sobre o conceito da sororidade, seria importante voltar-se ao ambiente em que se produz o conhecimento e neste caso são as universidades, principalmente nos grupos de pesquisas.

Na perspectiva crítica e científica, vamos encontrar mais sentido em utilizar o termo, cujo significado se aproxima do que Marcela Lagarde Y De Los Ríos (2012) define: a sororidade como uma “dimensão ética, política e prática do feminismo contemporâneo” (Lagarde Y De Los Ríos, 2012, p. 543) (tradução nossa) ou seja, ultrapassa o simples significado de “união” ou “irmandade” entre as mulheres.

Para esta autora a sororidade é a

[...] consciência crítica da misoginia, seus fundamentos, preconceitos e estigmas, e é o esforço pessoal e coletivo para desmontá-la em subjetividade, mentalidades e cultura, em paralelo com a transformação solidária das relações com as mulheres, práticas sociais e normas políticas jurídicas. (Lagarde Y De Los Ríos, 2012, p. 543, tradução nossa)

Ou seja, a sororidade na perspectiva feminista é um elemento ético-político que visa a aliança entre as mulheres no combate às opressões machistas e misóginas da sociedade, não somente praticada pelos homens, mas pelas próprias mulheres que vivem e convivem em uma estrutura societária patriarcal e culturalmente machista.

Saffioti (2015) e Scott (1995) compartilham da concepção de que o termo gênero compreende a relação entre homem e mulher, entre os próprios homens e entre as próprias mulheres e se refere também aos papéis sociais que desempenham em uma sociedade.

A sororidade emerge como uma possibilidade para enfrentar a competição entre as mulheres, a rivalidade feminina, que é incentivada pela reprodução de preconceitos e comportamentos machistas decorrentes da influência masculina nos padrões sociais.

O primeiro passo para o exercício da sororidade é começar pela própria desconstrução dos preconceitos contra outras mulheres. Becker e Barbosa (2016) ressaltam

A sororidade como uma prática que implica poder e liberdade de pensamento para lutar contra valores e estereótipos patriarcais que, tradicionalmente, unem as mulheres sob determinadas situações e que, em outras, as afastam e as tornam em certa medida inimigas. (Becker e Barbosa, 2016, p. 245)

A sororidade vai além de qualquer sentimento afetivo, ela é dotada de elementos éticos-políticos e princípios que embasam o seu exercício é preciso ter clareza desses elementos e princípios que a caracterizam e compreender o contexto das relações de gênero que a permeiam.

Embora o conceito da sororidade seja fruto da sociedade contemporânea, ele está embasado em uma fundamentação teórica e histórica das discussões de gênero e do feminismo, portanto, é necessário abordar alguns conceitos teóricos que auxiliam na compreensão da construção da sororidade e da sua contribuição para a luta das mulheres.

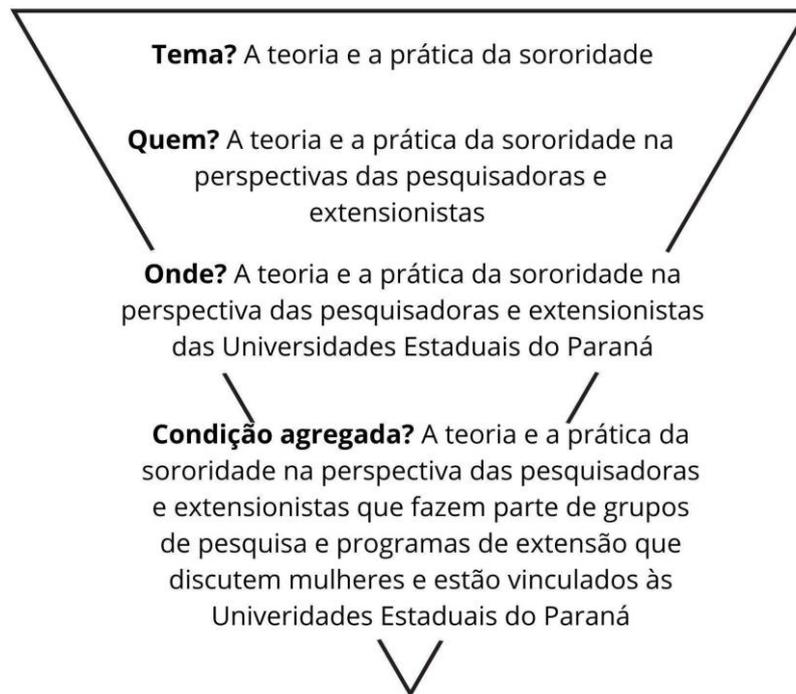
[...] a teoria é o coração da ciência. Embora as teorias estejam sempre intimamente relacionadas com a "realidade" factual, na prática das ciências sociais são as próprias teorias que geram os experimentos que verificam os dados: são as teorias que estruturam a realidade - os dados ou "fatos" que os cientistas estudam. (Alexander, 1992, tradução nossa)

Com base nas palavras de Alexander (1992) o conhecimento teórico científico permite reconhecer os fatos da realidade e como eles interferem na convivência em sociedade, salientando a relação entre teoria e realidade e que ambos constroem a ciência.

Portanto, a problemática desta pesquisa se desenvolve em torno do conceito da "sororidade". Considera-se relevante compreender como este conceito vem sendo entendido e, se vem sendo utilizado e de que forma, pelas pesquisadoras e extensionistas dos grupos de pesquisa e programas/projetos de extensão que discutem a questão da mulher, vinculados às Universidades Estaduais do Paraná.

O problema de pesquisa foi elaborado considerando as qualidades de clareza, exequibilidade e pertinência do tema, tomando o cuidado para que seja preciso, conciso e unívoco, a fim de evitar múltiplas interpretações por leitores diferentes. (QUIVY e CAMPENHOUDT, 1995). Para auxiliar na delimitação do problema de pesquisa foi utilizada a técnica da pirâmide invertida, a qual permite ao pesquisador delimitar seu tema e chegar ao problema de pesquisa a partir de perguntas específicas (HOHENDORFF, 2014). A figura abaixo ilustra como a técnica foi aplicada e o resultado atingido

Figura 1 – Pirâmide invertida para delimitar o problema de pesquisa



Fonte: HOHENDORFF, 2014. Organização: a autora.

Através da aplicação da técnica da pirâmide invertida chegou-se ao seguinte resultado: A teoria e a prática da sororidade na perspectiva das pesquisadoras e extensionistas que fazem parte dos grupos de pesquisa e programas de extensão vinculados às Universidades Estaduais do Paraná. Reformulando e transformando-o em pergunta, chegou aos seguintes problemas de pesquisa: 1) Como as pesquisadoras e extensionistas dos grupos de pesquisa e programas de extensão que discutem a questão da mulher das Universidades Estaduais do Estado do Paraná percebem a teoria e prática da sororidade entre as mulheres? e 2) Quais os desafios e quais as possibilidades da teoria e prática da sororidade?. É a partir destas perguntas de partida que a presente pesquisa se desenvolveu.

Tem-se como objeto de estudo: a sororidade diante dos grupos de pesquisa e programas/projetos de extensão que pautam a questão de gênero e as demandas das mulheres. Na busca de aliar o conhecimento teórico científico e a pauta do movimento feminista acerca da sororidade, as Universidades Estaduais do Estado do Paraná constituem o universo desta pesquisa.

Esta pesquisa tem como objetivo geral: Compreender os desafios e as possibilidades da prática da sororidade a partir da percepção dos grupos de pesquisa e programas/projetos de extensão que pautam a questão de gênero das Universidades Estaduais do Paraná. E como objetivos específicos, tem-se: a)

Mapear fundamentos teóricos da sororidade na atualidade; b) Analisar elementos da compreensão da sororidade a partir da percepção das integrantes dos grupos de pesquisa e programas/projetos das Universidades do Estado do Paraná; c) Identificar se existem elementos da prática da sororidade entre as participantes dos grupos de pesquisa e programas/projetos de extensão das Universidades Estaduais do Paraná.

O espaço universitário é onde se investiga e sistematiza a produção do conhecimento, através da pesquisa, da extensão e do ensino, assim considerou-se necessário incluir as mulheres pesquisadoras para contribuir com a construção do conceito da sororidade. A extensão enquanto parte do tripé pesquisa-ensino-extensão integra as ações que a universidade pode promover para a comunidade a contribuição para a comunidade e assim estabelece relação direta com a sociedade.

A função central da extensão é a formação profissional, a produção de conhecimentos, o desenvolvimento social e a melhoria da qualidade de vida da comunidade interna e de seu entorno [...] extensão ocupa lugar privilegiado na academia, porque procura responder a pergunta sobre o sentido tanto da produção, quanto da socialização do conhecimento realizado no âmbito da universidade, ajudando assim, a efetivar a relevância social e política do ensino e da pesquisa. (Ribeiro, 2011, p. 85-86)

A universidade vai muito além do ensino, a pesquisa e a extensão cumprem um importante papel na formação profissional e na socialização do conhecimento, buscando o desenvolvimento social. Outrossim, salienta-se que está pesquisa não pretende trazer um movimento cientificista para validar o conceito da sororidade, muito pelo contrário, considera-se a sororidade a partir dos saberes das vivências das mulheres, o que se pretende é apresentar a importância de fortalecer a teoria sobre a sororidade para avançar em suas práticas, sem ignorar que a prática da sororidade se constrói na realidade e no dia a dia das mulheres.

PERCURSO METODOLÓGICO

Para alcançar os objetivos propostos esta pesquisa é de natureza exploratória e descritiva. Gil (2002) diz que a pesquisa exploratória possibilita aprofundar o conhecimento do tema pesquisado e busca aprimorar as ideias e as hipóteses iniciais, enquanto a pesquisa descritiva prevê a descrição das características do fenômeno ou da população pesquisada.

Considerando o problema de pesquisa definido na introdução, o universo desta pesquisa são as Universidades Estaduais do Estado do Paraná, tendo como objeto de estudo os grupos de pesquisa e programas/projetos de extensão que discutem gênero e a questão da mulher nas universidades.

A revisão bibliográfica, o levantamento documental e a pesquisa de campo foram os procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento desta pesquisa. A revisão bibliográfica é “desenvolvida a partir de material já elaborado, construído principalmente de livros e artigos científicos” (Gil, 2008, p. 51) e será utilizada para fundamentar teoricamente a sororidade, a partir dos conceitos de gênero e dos feminismos e outros conceitos que permeiam esta discussão. Enquanto a revisão documental, trata-se de “[...] materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaboradas de acordo com os objetivos da pesquisa [...]” (Gil, 2008, p. 51) os documentos utilizados foram os que estavam disponíveis para acesso nas páginas eletrônicas das universidades.

A pesquisa de campo se desenvolveu em três grandes etapas. Etapa 1: Mapeamento e identificação dos grupos de pesquisa e dos programas/projetos de extensão que pautam a temática mulher/gênero vinculados às Universidades Estaduais do Paraná; Etapa 2: Aplicação de um formulário estruturado, com perguntas previamente definidas e elaboradas com base nos objetivos da pesquisa; Etapa 3: Sistematização e análise dos dados obtidos.

Definido por Gil (2008) o formulário é uma

[...] técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimento [...] propostos por escrito aos respondentes [...] (Gil, 2008, p. 121)

O formulário é composto de perguntas que permitem identificar o nível de informação sobre a sororidade que as participantes possuem sobre o tema e, foi

aplicado à todas as participantes mulheres¹ dos grupos de pesquisa e programas/projetos de extensão, independente do seu grau de formação (incluindo alunas da graduação, da pós-graduação, professoras e etc.), através de um formulário online do *Google Forms* (APÊNDICE A).

Para mapear os grupos de pesquisa, realizou-se um levantamento no Diretório dos Grupos de Pesquisa do Brasil, disponível na página eletrônica do CNPQ no período de abril de 2022, utilizando os filtros: palavras-chave; região; e UF, correspondendo respectivamente: gênero; sul; e Paraná. Através deste levantamento, foram obtidos 128 resultados, destes, foram selecionados 15 grupos de pesquisa, que são voltados às discussões de gênero e são vinculados à alguma Universidade Estadual do Paraná. Os programas/projetos de extensão foram encontrados através das páginas eletrônicas das universidades e selecionou-se os que perpassam pela discussão de gênero, considerando a temática identificada através do nome do programa/projeto, totalizando um número de 17 projetos de extensão. Como a busca pelos programas/projetos de extensão foi realizada de forma manual através das páginas eletrônicas das universidades há a possibilidade de haver programas/projetos que não foram incluídos devido à desatualização das páginas, os números encontrados não representam a totalidade de programas/projetos existentes e sim os que foram encontrados com a busca.

Quadro 3 - Sistematização da busca dos grupos de pesquisas e programas/projetos

UNIVERSIDADE	GRUPOS DE PESQUISA	PROGRAMAS/PROJETOS DE EXTENSÃO
UNICENTRO	Corpo e Gênero na História	HumanizAÇÃO: Grupo de Apoio, Empreendedorismo e Empoderamento Feminino para Mães de Prematuros
	Grupo de Estudos e Pesquisas: Feminismos e Violências de gênero	Núcleo Maria da Penha - Irati/PR
		Tô Grávida, e agora?
		Identificação e Notificação de Situações de Violência Contra Mulheres: Formação para a Atenção Básica de Saúde
		Feminismo Decolonial: Possibilidades de Pesquisa e Intervenção
		Florescer: A Universidade na Escola, Atuando na Prevenção da Violência Contra a Mulher

¹ Mesmo que haja participantes homens nos grupos e programas/projetos selecionados, solicitou-se apenas a participação das mulheres.

		Núcleo Maria da Penha - Santa Cruz/PR
		Frente de Prevenção à Violência Doméstica ou Familiar Contra Mulheres
UNIOESTE	Corpo, Gênero e Diversidade	Núcleo Maria da Penha - Toledo/PR
	Cultura, relações de gênero e memória.	Núcleo Maria da Penha - Francisco Beltrão/ PR
	Desenvolvimento, Trabalho e Gênero	
	Grupo de Estudo e Pesquisa de Gênero e Empoderamento da Mulher	
	Etnia, Diversidade e Gênero	
UNESPAR	Grupo de Pesquisa Gênero, Trabalho e Políticas Públicas	Núcleo de Educação para Relações de gênero - Apucarana/PR
	Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero, Sexualidade e Família	Núcleo de Educação para Relações de gênero - Curitiba/PR
		Núcleo de Educação para Relações de gênero - Paranavaí/PR
UEPG	Grupo de Pesquisa Jornalismo e Gênero	Núcleo Maria da Penha - Ponta Grossa/PR
	Laboratório de Estudos de Gênero, Diversidade, Infância e Subjetividades	
	Questão ambiental, gênero e condição de pobreza	
UEM		Manna Academy uma rede de estímulo à participação e à formação de meninas e mulheres para as carreiras de engenharias, computação e microeletrônica
UENP		Aconchego: Empreendedorismo, acesso à tecnologia e saúde integral das mulheres - Cornélio Procópio/PR
		Núcleo Maria da Penha - Jacarezinho/PR

Fonte: CNPQ (2022). Páginas Eletrônicas das Universidades (2022). Organização: A autora. 2023

Entre a execução das três grandes etapas foi necessário adotar alguns procedimentos metodológicos adicionais, pois no decorrer da submissão do projeto de pesquisa ao Comitê de Ética pela plataforma Brasil, foi solicitado o Termo de Anuência das Universidades selecionadas. Sendo assim, esta pesquisadora estabeleceu contato via e-mail e via ligação telefônica junto às Pró-reitorias de pesquisa e de extensão das universidades solicitando o Termo de Anuência, contudo, somente obtivemos retorno das pró-reitorias de pesquisa da UNESPAR e da UNIOESTE (ANEXO A) e não obtivemos retorno de nenhuma pró-reitoria de extensão.

Respeitando os procedimentos solicitados pelo Comitê de Ética, estabeleceu-se contato apenas com os representantes dos grupos de pesquisa das universidades que enviaram o Termo de Anuência e enviou-se o formulário, ou seja, nesta primeira etapa não foi possível incluir os programas/projetos de extensão.

Foram selecionados 3 grupos de pesquisas que estavam ativos da UNESPAR, 2 grupos ativos da UNIOESTE e 3 grupos ativos da UEPG. O quadro abaixo sistematiza os grupos de pesquisa que receberam o formulário para participação na pesquisa.

Quadro 4 - Grupos de pesquisa das universidades que receberam o formulário para participação da pesquisa sobre sororidade

UNIOESTE	Corpo, gênero e diversidade
	Cultura, relações de gênero e memória
	Etnia, Diversidade e Gênero
UNESPAR	Gênero, Trabalho e Políticas Públicas
	Gênero, Sexualidade e família
UEPG	Jornalismo e Gênero
	LAGEDIS - Gênero, Diversidade, Infância e Subjetividades
	Questão Ambiental, gênero e condição de pobreza

Fonte: CNPQ (2022). Organização: a autora. 2023.

Não havia como estimar a quantidade exata de participantes de cada grupo, e inicialmente obteve-se apenas 5 respostas. Quanto aos programas/projetos de extensão, devido à dificuldade de retorno das Pró-reitorias de extensão no envio dos Termos de Anuência, estes não foram incluídos neste primeiro momento. Diante da baixa quantidade dos dados, buscou-se outra estratégia para atingir o público-alvo da pesquisa e ainda incluir a extensão: selecionou-se os programas/projetos de extensão das universidades estaduais do Paraná, aprovados no edital "Chamada Pública 02/2022 - Programa Mulheres Paranaenses: Empoderamento e Liderança" lançado pela Fundação Araucária, tendo em vista que o objetivo do programa é conceder apoio

financeiro aos pesquisadores/extensionistas para implantação e desenvolvimento de programas voltados ao fomento do empoderamento das mulheres.

Solicitou-se o apoio da Pró-reitora de Extensão da Universidade Estadual de Ponta Grossa², através de ofício (APÊNDICE B) no envio e na sensibilização dos pesquisadores/extensionistas para participação e preenchimento do formulário enviado. A participação na pesquisa estava condicionada à aceitação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE C). Nesta segunda tentativa de aplicar o formulário obteve-se 14 respostas.

Notou-se certa resistência na participação das pesquisadoras e extensionistas na presente pesquisa, nas duas tentativas obteve-se pouca adesão ao formulário, o que tornou a análise desta pesquisa dificultosa, no entanto, este fato demonstra um detalhe importante a ser destacado: a dificuldade em se fazer ciência na atualidade brasileira. Levanta-se algumas suposições que podem justificar tal fato, como o contexto político que abalou a credibilidade e o financiamento científico nos últimos quatro anos e outros fatores desconhecidos que podem ter levado a pouca participação.

Apesar do número de participações não atingirem um número significativo, foi possível realizar inferências com os dados coletados. Após a coleta e a sistematização dos dados colhidos com os formulários aplicados, para o tratamento dos dados qualitativos foi aplicada a análise de conteúdo, que para Bardin (1977) é

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (Bardin, 1977, p.42)

A análise de conteúdo permite ao pesquisador “[...] compreender as características, estruturas ou modelos que estão por trás dos fragmentos de mensagens tornados em consideração” (Câmara, 2013, p. 182). Considerando que esta pesquisa é de caráter qualitativo, a análise de conteúdo mostrou ser a técnica mais adequada para tratar os dados coletados.

A análise de conteúdo se desenvolveu em três fases. Na primeira fase reuniu-se todo o material coletado (referencial teórico, documentos e dados dos formulários)

² Instituição pela qual esta pesquisa está vinculada.

e realizou-se a leitura flutuante – que é o primeiro contato com os dados (Bardin, 1977) – e a preparação do material para categorizar e codificar os elementos. A segunda fase é constituída pela exploração do material e foi dedicada à definição de classificação e agregação dos dados em categorias, identificando as palavras-chaves. Na terceira fase realizou-se as inferências e interpretação dos resultados obtidos respaldada no referencial teórico.

Cabe ressaltar, que a presente pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e aprovada para a sua execução sob o parecer número 5.594.504 (ANEXO B).

ORGANIZAÇÃO DOS CAPÍTULOS

Esta dissertação está organizada em três capítulos, sendo os dois primeiros capítulos teóricos e o terceiro e último dedicado aos dados da pesquisa de campo.

O primeiro capítulo é destinado à construção de um aporte teórico, definindo a categoria de gênero com base em seu percurso teórico-histórico e apresentando elementos que derivam da discussão de gênero, como os papéis sociais, patriarcado e machismo e outros conceitos que fazem parte da temática de gênero.

O segundo capítulo trata especificamente sobre o histórico e desenvolvimento dos movimentos feministas no Brasil e fundamenta-se teoricamente o conceito de sororidade. A sororidade se apresenta como uma expressão dos feminismos contemporâneos, neste capítulo aborda-se os elementos que a caracterizam e de que maneira a prática da sororidade se apresenta no cotidiano das mulheres.

O terceiro capítulo é dedicado à pesquisa de campo. Inicialmente realizam-se breves apontamentos sobre a importância da pesquisa e extensão universitária na construção do conhecimento e fortalecimento de novos conceitos, bem uma breve contextualização de todas as universidades Estaduais do Paraná, mesmo das que não fizeram parte desta pesquisa, mas que foram convidadas a participar. Em seguida, constrói-se a análise qualitativa dos dados obtidos através dos resultados do formulário aplicado.

Por fim, a conclusão apresenta o resumo de toda a pesquisa, evidenciando as considerações sobre o tema e o alcance dos objetivos propostos na introdução desta pesquisa.

CAPÍTULO 1 – ASPECTOS TEÓRICOS: GÊNERO, PATRIARCADO E PÁPEIS SOCIAIS.

A forma como as mulheres estão inseridas na sociedade é decorrente de uma série de fatores históricos e culturais, as relações de gênero atuais se expressam a partir da relação entre homens e mulheres no contexto da sociedade capitalista. A realidade atual é fruto da construção histórica da sociedade e por isso é importante, antes de tudo, entender como ela se desenvolveu e quais foram os fatos que influenciaram as relações sociais entre homens e mulheres e como ela se expressa hoje.

Para compreender o conceito da sororidade é necessário entender as relações de gênero no contexto capitalista, neste sentido, o objetivo deste capítulo é definir a categoria gênero e os conceitos de patriarcado e poder, bem como abordar os papéis sociais femininos e masculinos, como ponto de partida para reconhecer a sororidade enquanto aspecto teórico e prático que permeia o cotidiano das mulheres no enfrentamento às opressões machistas e desenvolvimento de apoio mútuo entre as mulheres.

Fundamentando-se na teoria das autoras Heleieth Saffioti e Joan Scott para definir a categoria de gênero, Margareth Mead para compreender a influência da cultura nas relações de gênero, Simone de Beauvoir para a construção do ser mulher e os papéis sociais que as mulheres desempenham na sociedade. Compreendendo as relações sociais de poder que permeiam as relações de gênero e que são responsáveis pela dominação masculina e desigualdades de gênero e potencializadas pela sociedade patriarcal capitalista.

Este capítulo está estruturado em duas seções. Na primeira seção realiza-se a abordagem teórica da categoria gênero, trazendo a diferenciação entre sexo e gênero, como resultado da formação social e cultural dos homens e das mulheres. Na segunda seção conceitua-se as relações sociais de poder e o patriarcado, descrevendo os papéis sociais de gênero e as expressões da dominação masculina.

1.1 A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DAS DISCUSSÕES DE GÊNERO E AS SUAS EXPRESSÕES

Tudo que envolve a discussão teórica acerca da categoria gênero não são definições prontas e acabadas, muito pelo contrário, se trata de um campo que se

desenvolve constantemente, com teorias passíveis de serem interpretadas de formas diferentes e o que norteia a discussão será a corrente teórica adotada por cada autor. É importante que o leitor conheça as diferentes conceituações desta categoria, o que se pretende mostrar nesta dissertação é a concepção de gênero como uma categoria analítica em uma perspectiva crítica, partindo das definições de autoras como Heleieth Saffioti, Joan Scott, Judith Butler, entre outras autoras que se debruçam sobre o tema.

Parte-se da concepção de gênero enquanto uma categoria e não um conceito, tendo em vista que

[...] as categorias estão estritamente relacionadas à possibilidade de entendimento; elas não vêm 'da' experiência, mas têm já que estar presentes para que a experiência possa ser conhecida como tal. (Valle, 2008, p.12)

Enquanto o conceito tem a finalidade de unificar os fenômenos em um conjunto, trazendo um recorte de uma certa realidade, as categorias são como uma evolução do conceito, elas determinam a universalidade de um fenômeno de uma forma geral e que não se determina somente a uma certa realidade. Por este motivo compreende-se que “gênero” é uma categoria, pois carrega a universalidade de um fenômeno e não está limitada a uma realidade.

Nosso objetivo é compreender a importância dos sexos, isto é, dos grupos de gênero no passado histórico. Nosso objetivo é descobrir o leque de papéis e de simbolismos sexuais nas diferentes sociedades e períodos, é encontrar qual era o seu sentido e como eles funcionavam para manter a ordem social ou para mudá-la (Davis, 1975 *apud* Scott, 1995, p. 72)

A concepção da categoria “gênero” adotada neste trabalho, se refere às questões sociais que envolvem os homens e as mulheres, sabendo que “gênero” não é um sinônimo de “mulher”, muito pelo contrário, “falar de relações de gênero é falar das características atribuídas a cada sexo pela sociedade e sua cultura” (Bonetti, 2012, s/p.)

O gênero tem sua base material em um fenômeno natural, desde o nascimento, que é o sexo. É por isso que o sexo condiciona, mas não determina o gênero, já que este transcende a simples distinção de indivíduos quanto à sua condição biológica (feminino-masculino); é, portanto, uma categoria mais abrangente. (Borrego, 2018, p. 472, tradução nossa)

Saffioti (2015, p. 47) afirma que “gênero é a construção social do masculino e do feminino”, se trata de características que não podem ser determinadas biologicamente e Borrego (2018) ao afirmar que o sexo condiciona, mas não

determina o gênero, corrobora a construção social das características atribuídas ao homem e à mulher.

[...] o termo "gênero" torna-se uma forma de indicar "construções culturais" - a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. (Scott, 1995, p. 75)

A diferença entre sexo e gênero está relacionada ao ponto de vista teórico que se analisa os dois conceitos, podem haver autores (as) que não considerem a diferença dos conceitos e que os tratem como sinônimos, por isso é importante definir a perspectiva teórica que a resposta será embasada.

Concebida originalmente para questionar a formulação de que a biologia é o destino, a distinção entre sexo e gênero atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: conseqüentemente, não é nem o resultado causal do sexo, nem tampouco aparentemente fixo quanto o sexo. (Rubin, 2017, p. 24)

Do ponto de vista de algumas estudiosas, como Margareth Mead (2000) e Gayle Rubin (2017), a definição de “sexo” se refere as características anatômicas, biológicas e fisiológicas do homem e da mulher, que por influência cultural estabeleceu-se comportamentos pré-determinados à cada sexo. Rubin (2017) adota o sistema sexo/gênero

Um “sistema de sexo/gênero”, numa definição preliminar, é uma série de arranjos pelos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana, e nos quais essas necessidades sexuais transformadas são satisfeitas. (Rubin, 2017, p. 3)

Em contrapartida, Butler (2003) questiona a dicotomia de sexo/gênero e sugere que o “sexo” também possa ser culturalmente construído, tanto quanto o “gênero” e que não há uma relação causal, ou seja, gênero não é a interpretação cultural do sexo, então para a autora o sexo não se remete apenas a uma questão natural, mas também carrega elementos culturais que o define.

Butler (2003) afirma que os conceitos de sexo e gênero são resultados da heteronormatividade compulsória, que significa que “são atos normativos afirmados pela repetição de valores heterossexuais, os quais são considerados como normais e apropriados” (Brosin e Tokarski, 2017, p. 105). Mesmo assim, a autora não nega a definição biológica, apenas acrescenta a interpretação de que o conceito de sexo também aborda questões sociais.

Mead (2000) também reconhece a influência cultural e social sobre o sexo, principalmente quanto aos papéis sociais atribuídos à cada sexo. Em sua obra *Sexo e Temperamento* (1935) a autora analisa o comportamento de três sociedades primitivas com o intuito de investigar se o comportamento do homem e da mulher está ligado ao sexo enquanto algo natural e o quanto o espaço-tempo interfere no temperamento do ser humano. O intuito da obra não é investigar se há ou não a diferença entre os sexos, mas apenas demonstrar como as sociedades se organizam com base nas diferenças sexuais. Mead (2000) conclui seu estudo dizendo que em duas sociedades primitivas os papéis não eram necessariamente pautados no sexo, em uma das sociedades as mulheres tinham um papel definido e na outra esse mesmo papel era destinado aos homens, enquanto que na terceira sociedade as atribuições eram definidas baseadas no sexo.

O estudo reforçou a tese de Mead (2000) de que o comportamento humano é moldado pela cultura em sociedade e que por ser reproduzido ao longo das gerações, em um certo momento se torna aparentemente natural, se deixa de sentir a imposição e os indivíduos adotam aqueles comportamentos como naturais e associam com a questão biológica. A cultura exerce grande influência nos hábitos, comportamentos e costumes da sociedade e a diversidade cultural revela que existem hábitos, costumes, valores que nem sempre são comuns a todos os povos, o recorte temporal e geográfico é relevante para pensar os comportamentos humanos. A diversidade cultural é produto de como as relações humanas são moldadas no decorrer do tempo e podem sofrer mudanças conforme a sociedade vai se desenvolvendo, alguns comportamentos ou valores podem deixar de fazer sentido para determinada cultura e outros podem ser adotados. Os entendimentos dos conceitos teóricos também sofrem da influência cultural. Neste trabalho considera-se apenas a cultura ocidental, não será aprofundado os conceitos com base em outras culturas.

As diferenças conceituais entre sexo e gênero demonstram uma linha tênue entre um e outro e não se trata de uma relação causal, onde um determina o conceito do outro, mas estão paralelamente interligados e se faz necessário entender o conceito de ambos para a compreensão da realidade multifacetada e principalmente, para assimilar a relação de outros conceitos que derivam das questões de gênero. E quanto a descrição de quais são as diferenças entre sexo e gênero, neste trabalho se apropriará das explicações propostas pelas autoras citadas: gênero como construção

social dos papéis sociais atribuídos aos homens e mulheres e, sexo como características biológicas.

Gênero é uma categoria social, histórica e cultural. Social pois é construída pela sociedade, histórica por que ultrapassa gerações e cultural por que incorpora a cultura do espaço-tempo de uma sociedade e não está restrita ao que envolve apenas as mulheres, muito pelo contrário, “para sugerir que qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informações sobre os homens, um implica o estudo do outro” (Scott, p. 75).

Assim, as relações de gênero se expressam de acordo com as características de cada momento histórico vivenciado, embora o termo “gênero” tenha seu uso relativamente recente, a relação entre homens e mulheres é antiga e existe desde que o ser humano passou a existir, uma vez que os homens e as mulheres se relacionavam entre si e cada um possuía um papel a desempenhar dentro da comunidade que viviam. Obviamente, essa relação não é a mesma que existe hoje, porém, a essência é semelhante. Os estudos de Margareth Mead apontam que

[...] as características psicológicas que as sociedades ocidentais estão habituadas a ligar à masculinidade e à feminilidade existem, independentemente do sexo, em sociedades primitivas (Saffioti, 1976, p. 182)

Um fenômeno que marcou uma grande transformação na sociedade a nível universal foi a consolidação do sistema capitalista no século XVI, que “é um sistema de produção baseado na exploração da mão-de-obra” (Saffioti, 1976, p. 41) e “pautado na valorização do capital” (Zirbel, 2021, p. 13), se trata não só de um sistema econômico, mas também social, que pautou as relações econômicas e sociais mundialmente.

A necessidade de argumentar sobre o sistema capitalista está no fato de que é neste sistema em que as relações acontecem a partir da sociedade de classes. Com a sua consolidação estabeleceu-se uma nova forma de pensar o trabalho e os papéis sociais dos homens e das mulheres na sociedade.

A condição de homem livre do trabalhador nas sociedades competitivas, requisito essencial para a realização histórica do modo capitalista de produção, não se efetiva, imediatamente, para todos os membros da sociedade. (Saffioti, 1976, p.15)

Nem todos os trabalhadores inicialmente estavam inseridos no mercado de trabalho formal e acarretou na divisão de classes, sexual e de raça ao selecionar a

mão de obra. Se antes, no período do pré-capitalismo os trabalhadores produziam os produtos que consumiam para a própria subsistência, no capitalismo os trabalhadores produziam produtos que muitas vezes nem sequer poderiam ter acesso ao consumo, em troca de um salário, nas palavras de Saffioti (1976, p. 13) o “trabalhador não mais produz diretamente para seu consumo, mas produz artigos cuja existência independe de suas necessidades.”

O aparecimento do capitalismo se dá, pois, em condições extremamente adversas à mulher. No processo de individualização inaugurado pelo modo de produção capitalista, a mulher contaria com uma desvantagem social de dupla dimensão: no nível superestrutural era tradicional uma subvalorização das capacidades femininas traduzidas em termos de mitos justificadores da supremacia masculina e, portanto, da ordem social que a gerara; no plano estrutural, a medida que se desenvolviam as forças produtivas, a mulher vinha sendo progressivamente marginalizada das funções produtivas, ou seja, periféricamente situada no sistema de produção. (Saffioti, 1976, p.18.)

A prioridade de se inserir no mercado de trabalho remunerado eram os homens brancos, de modo geral o homem era responsável pelo sustento da família e a mulher pelos cuidados dos membros da família. As mulheres que tinham a função de cuidado da família e do ambiente doméstico constituíam uma parcela das mulheres, já que nem todas podiam desempenhar essa função e neste momento as mulheres que podiam eram consideradas privilegiadas.

Quando as mulheres, tiveram oportunidade de se inserir no mercado de trabalho fora de casa, foi principalmente pela necessidade de mão-de-obra nas fábricas durante a revolução industrial, em que a mão-de-obra feminina foi requisitada para responder às demandas que surgiram nas fábricas manufatureiras, porém, as mulheres nunca tiveram as mesmas condições de reconhecimento que os homens. (Davis, 2016). Claro que neste recorte da divisão sexual do trabalho nem todas as mulheres estavam inclusas, as mulheres brancas tiveram mais oportunidades do que as mulheres negras, o que demonstra que o gênero, por si só, não é a única condição a ser considerada neste debate, raça e classe são questões que devem ser igualmente discutidas.

Se por um lado o trabalho remunerado feminino aconteceu pela necessidade de mão-de-obra, por outro as mulheres começaram a gozar de certa independência e de uma pseudo igualdade econômica, em relação aos homens, no entanto, Beauvoir (2016a) considera que

Economicamente, homens e mulheres constituem como que duas castas; em igualdade de condições, os primeiros têm situações mais vantajosas, salários mais altos, maiores possibilidades de êxito do que suas concorrentes recém-chegadas. Ocupam na indústria, na política etc., maior número de lugares e os postos mais importantes. (Beauvoir, 2016a, p. 17)

A estrutura capitalista, aliada com o sistema patriarcal, colocou as mulheres em uma situação de servidão ao homem, que durante muito tempo foi perpetuada no seio familiar e refletida nos demais espaços da sociedade: a mulher deveria ser submissa ao homem (marido).

[...] a mulher sempre foi, se não a escrava do homem, ao menos sua vassala, os dois sexos nunca partilharam o mundo em igualdade de condições, e ainda hoje, embora sua condição esteja evoluindo, a mulher arca com um pesado *handicap* (Beauvoir, 2016a, p. 17)

Mais uma vez a cultura se mostra presente ao perceber que este estereótipo da submissão feminina foi difundido e naturalizado ao longo das gerações e até mesmo pelas próprias mulheres, que muitas vezes não se reconhecem como seres capazes e competentes de exercer atividades que socialmente são conferidas aos homens, Beauvoir (2016a) considera que as mulheres não são essencialmente inferiores, mas submetidas socialmente a uma condição que as inferioriza. O processo de desconstrução da submissão feminina é gradual e é necessário que as mulheres se reconheçam neste processo, através da consciência de classe e de raça. A consciência de classe é fundamental para que a luta de classe não seja inviabilizada por outras lutas sociais, Lerner (2019) afirma que “a classe para os homens era e é baseada em sua relação com os meios de produção (quem tem os meios pode dominar quem não os tem” (Lerner, 2019, s/p), agregando a questão de gênero, os homens sempre foram os sujeitos que tinham maior chance de serem donos dos meios de produção, enquanto as mulheres possuíam poucas possibilidades de serem donas de meios de produção, pois, no início da modernidade, as sociedades democráticas beneficiavam pequenos grupos de homens brancos e donos de propriedades. (Zirbel, 2021)

A desigualdade entre a população branca e negra é resultado do longo período de escravidão, que no Brasil durou por quase 400 anos e oficialmente chegou ao fim há pouco mais de 130 anos, o “sistema escravista definia o povo negro como propriedade” (Davis, 2016, p. 17), enquanto as mulheres brancas desempenhavam o papel de esposas, as mulheres negras deveriam servir aos seus senhores, inclusive as mulheres brancas. A mulher escrava nas palavras de Davis (2016) era na visão

dos proprietários de terras, desprovidas de gênero, assim, eram trabalhadoras em tempo integral, antes de serem mães, esposas e donas de casas. Neste contexto as mulheres negras não desempenhavam o mesmo papel que as mulheres brancas

A desigualdade não era e não é só entre homens e mulheres, mas entre as próprias mulheres, pois existem condições que as tornam diferentes, como a classe, a raça, a sexualidade, entre outras e à medida que essas diferenças significam o não acesso aos seus direitos fundamentais e à liberdade, torna-se evidente a desigualdades entre elas. A interseccionalidade busca explicar como as diferenças de classe, raça, etnia, orientação sexual, idade, entre outras, estão mutualmente conectadas e como interferem nas relações sociais.

A interseccionalidade é uma

[...] conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. (Crenshaw, 2002, p. 177)

Busca-se evidenciar a relação mútua entre as diversas opressões, porém em diferentes níveis, por exemplo, uma mulher branca não vivencia a mesma opressão que uma mulher negra, assim como um homem negro não vivencia a mesma opressão que uma mulher negra, pois há variáveis como: gênero, raça, classe, entre outros. Collins e Bilge (2020, p. 17) defendem que a interseccionalidade “é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas” e evidenciam seu uso como uma ferramenta analítica.

O enfrentamento das desigualdades entre as mulheres é mais complexo do que se imagina, são diversos elementos e variáveis que permeiam as relações desiguais, é necessário a compreensão da interferência dessas variáveis na unificação das lutas das mulheres, assim a interseccionalidade é fundamental para pensar o contexto das mulheres na sociedade.

1.2 RELAÇÕES SOCIAIS DE PODER, DOMINAÇÃO MASCULINA E OS PÁPEIS SOCIAIS DE GÊNERO

As relações de gênero se referem também aos papéis sociais que os homens e as mulheres desempenham na sociedade, que estão presentes nas esferas privadas

e públicas, no trabalho, na religião e principalmente na família. Mead (2000) corrobora em seu estudo que os papéis são socialmente construídos e atribuídos com base na cultura de cada sociedade.

Os papéis sociais se referem ao conjunto de comportamentos, rituais e ações, que cada sociedade criou e são referências para a percepção do outro (D'vila, 2023), as mulheres e os homens foram socialmente condicionados a um modo de agir específico, comportamentos que caracterizam o feminino e o masculinos. “A interiorização dos papéis sociais e dos de sexo a partir da socialização familiar assegura a estabilidade e o equilíbrio da sociedade.” (Fougeyrollas-Schwebel, 2014), os papéis sociais são principalmente mantidos pelas relações sociais de poder.

Evidenciam-se a formação de estereótipos³ como fundamentais para a influência social e cultural, que mesmo não sendo uma regra, se tornam normativos para a ideia de um comportamento ideal e limitam a possibilidade de desenvolvimento pessoal ou grupal. (Strey, *et al*, 2001)

Cada sociedade atribui determinados papéis a homens e mulheres e esses papéis frequentemente, ou quase sempre, ajustam-se perfeitamente a certas idéias de como são ambos os sexos (Strey, *et al*, 2001, p. 86)

Biroli (2012) ressalta que os papéis sociais são construção histórica ao afirmar que o laço entre as mulheres e a domesticidade foram produzidos historicamente, valorizando a maternidade e atrelando esse papel à mulher, como em Beauvoir (2016b) que traz uma reflexão sobre o “ser mulher” e alicerça a concepção de que “não se nasce mulher, torna-se mulher” (Beauvoir, 2016b, p. 11) e reafirma que é o conjunto da civilização que elabora o produto do papel feminino.

“O lugar da mulher na sociedade é estabelecido por eles [homens]. Em nenhuma época ela impôs sua própria lei” (Beauvoir, 2016a, p. 113), com isso, Beauvoir (2016a) faz uma reflexão sobre como as mulheres sempre reproduziram um papel que lhes foi imposto e em nenhum momento da história elas tiveram a oportunidade de escolher os papéis que desejam desempenhar, ou melhor, quando escolhem desempenhar outras funções que não condizem com o papel feminino imposto, se tornam alvo de críticas negativas.

³ Fixação de características como representativas de uma pessoa, grupo ou coletivo. (Strey, *et al*, 2001, p. 86)

A família⁴ é um elemento central para discutir os papéis sociais, pois é na família que o indivíduo estabelece as primeiras relações sociais, é onde ele se desenvolve e reproduz um padrão de comportamento apreendido em seu meio de convivência e esse padrão é o que foi construído socialmente e culturalmente, percebe-se que

A coerção exercida com o fito de levar o indivíduo a comportar-se como membro de seu próprio sexo converte-se num dos instrumentos mais fortes com que a sociedade tenta moldar a criança em crescimento nas formas aceitas. (Mead, 2000, p. 282)

A criança se torna um adulto que teve seu comportamento influenciado para reproduzir os padrões aceitos pela sociedade, diante das suposições que estabelecem ao se referir aos homens e as mulheres, por exemplo, quando se associa à maternidade como objetivo principal da vida da mulher ou como uma condição que toda mulher deve passar em algum momento da sua vida.

A sociedade investe muito na naturalização deste processo. Isto é, tenta fazer crer que a atribuição do espaço doméstico a mulher decorre de sua capacidade de ser mãe. De acordo com este pensamento, é natural que a mulher se dedique aos afazeres domésticos, aí compreendida a socialização dos filhos, como é natural sua capacidade de conceber e dar a luz. (Saffioti, 1987, p. 9)

Saffioti (1987) reforça que a identidade social é socialmente construída e que até mesmos os fenômenos naturais foram modificados com base nas condições sociais de tempo e espaço, um exemplo é o parto, que é algo natural, porém foram atribuídas questões culturais e sociais, que deram a esse fato significados diferentes em cada em períodos históricos.

À mulher foi atribuído os papéis sociais domésticos, como se isso fosse algo natural, fazendo-se acreditar que assim é, assim sempre foi e assim será, até tornar-se algo natural e um hábito no cotidiano das mulheres, Saffioti (1987) reforça que neste aspecto a ideologia cumpre sua função de encobrir a realidade, já que os papéis sociais são repassados de geração em geração, o que contribui para a sua naturalização.

[...] o lugar que uma mulher ocupa na sociedade vai depender do sentido que adquire aquilo que faz através das interações sociais concretas, que estarão carregadas de sentidos perpetuadores de seus papéis de gênero (Strey, et al, 2001, p. 87)

⁴ Família é uma instituição social e histórica cuja função é a reprodução e a sociabilização. (Anne-Marie Devreux, 2009; Nader; Rangel, 2019)

Perpetuou-se o papel da mulher como cuidadora do lar, responsável pelos cuidados dos membros da família e responsável pelas atividades domésticas, porém o “poder de um homem enquanto pai é posterior ao exercício do direito patriarcal de um homem (marido) sobre uma mulher (esposa)” (Pateman, 1993, p. 18), pois o homem exercia um papel de poder perante a mulher e os membros da família.

A família, nas palavras de Marodin (2001) é um sistema vivo, que é influenciado por fatores externos e internos e está em constante transformação e são, principalmente, os valores que são passados através das gerações, é a primeira instância da vida social que os papéis sociais são reproduzidos. As próprias estruturas familiares se remodelaram, novas configurações familiares passaram a existir, a concepção de família: pai, mãe e filhos, atualmente já não é mais a única aceita como verdade. A origem da concepção de família está atrelada à origem da propriedade privada, pois os membros da família eram necessários para os cuidados da propriedade. Assim, a família se constituiu como um campo de relações de poder e de opressão, já que as mulheres não mantêm o poder de escolha das suas atividades, as atividades domésticas são descarregas nas mulheres (Anne- Marie Devreux, 2009).

O lugar da mulher na sociedade sempre foi estabelecido pelos homens, sem que elas pudessem impor suas próprias vontades ou estabelecer os próprios padrões, deveriam apenas seguir aquilo que foi colocado como certo (Beauvoir, 2016a).

O desejo feminino insaciável tem que ser controlado pelo direito patriarcal. As relações das mulheres com o mundo social têm que ser sempre mediadas pela razão do homem; os corpos das mulheres têm que ser sempre submetidos à razão e às decisões do homem para que a ordem não seja ameaçada. (Pateman, 1993, p. 151)

Para os homens nunca foi interessante que as mulheres tivessem acesso às mesmas condições sociais que eles, por isso, que a ordem patriarcal se mantém até o presente momento. A ordem que se estabeleceu pressupõe a opressão das mulheres, para que estas estejam em favor dos homens, numa relação de servidão. Chimamanda (2014) traz uma reflexão do papel que o homem e a mulher desenvolvem na sociedade, considerando que

Os seres humanos viviam num mundo onde a força física era o atributo mais importante para a sobrevivência; quanto mais forte a pessoa, mais chances ela tinha de liderar. E os homens, de uma maneira geral, são fisicamente mais fortes. Hoje, vivemos num mundo completamente diferente. A pessoa mais qualificada para liderar não é a pessoa fisicamente mais forte. É a mais inteligente, a mais culta, a mais criativa, a mais inovadora. E não existem

hormônios para esses atributos. Tanto um homem como uma mulher podem ser inteligentes, inovadores, criativos. (Chimamanda, 2014, p. 24-25)

A autora chama a atenção para a mudança das características necessárias para as funções de liderança e, no entanto, mesmo as mulheres podendo ser mais qualificadas para tal função, os homens continuam desempenhando papéis de líderes. A permanência dos papéis sociais é importante para o patriarcado uma vez que garante a ordem de submissão e opressão das mulheres. O homem (seja marido, pai, colega de trabalho, etc.) carrega a superioridade, se coloca no exercício de liderança, na família ou no ambiente de trabalho, por exemplo, o que fica visível quando mulheres que possuem o mesmo cargo profissional que um homem, recebem um salário menor ou quando o marido não compartilha da mesma responsabilidade dos filhos com a mulher.

Os papéis sociais de gênero estão permeados pelas relações sociais de poder, pois foram impostos socialmente pela classe dominante: a classe masculina. A dominação é legitimada através

[...] dos costumes e da tradição (dominação tradicional); 2) da lei constitucional, estabelecida, por exemplo, de modo democrático (dominação legal); 3) do valor pessoal ou dos talentos excepcionais do chefe (dominação carismática). (Apfelbaum, 2009, p. 76)

Percebe-se que a dominação nem sempre irá se revelar visivelmente impositiva, quando ela ocorre principalmente através dos costumes e das tradições, a classe dominada nem sempre se reconhece como tal, acabam naturalizando a sua condição perante os dominantes. A dominação masculina, por exemplo, se manifesta através do patriarcado, que significa a relação de poder dos homens em detrimento das mulheres (Saffioti, 2015) e se tornou um sistema que atinge a população de forma universal, a sociedade ocidental segue o modelo patriarcal, onde os homens, são uma figura de autoridade e poder. Lerner (2019) afirma que o sistema do patriarcado só se mantém com a cooperação das mulheres e essa cooperação ocorre através da discriminação no acesso a recursos econômicos e poder político, dentre outras formas que o sistema patriarcal lança mão para que se mantenha a ordem vigente.

Pateman (1993) aponta que existem algumas lacunas sobre o conceito de patriarcado e que as feministas utilizam o conceito em diversos sentidos, mas que é importante que se coloque em pauta o conceito como “a forma de direito político que todos os homens exercem pelo fato de serem homens” (Pateman, 1993, p. 39) para o

mesmo não caia na obscuridade, para que não perca o seu real significado para o movimento feminista.

A dominação, é uma forma de poder que está diretamente relacionada com o contexto, Lerner (2019, s/p) afirma que o “patriarcado mantém e sustenta a dominação masculina, baseando-se em instituições como a família, as religiões, a escola e as leis”. O patriarcado se expressa com maior intensidade no ambiente doméstico familiar, na função de pai e marido o homem exerce o papel de provedor e de protetor. A família, na concepção de Biroli (2012)

[...] é produto de, e reproduz ativamente, relações de poder historicamente estruturadas, sem deixar de ser um ambiente central à definição das especificidades dos indivíduos e dos valores e atitudes, racionais e afetivos, que terão impacto sobre a sua participação em outras esferas da vida. (Biroli, 2012, p. 212)

É o ambiente onde o poder masculino se torna mais latente, tendo em vista que é de responsabilidade do homem tomar as decisões da casa, durante muito tempo se usou o termo “chefe de família” e remete justamente ao homem que “chefiava” a família⁵.

No seio da família, a dominação masculina pode ser observada em praticamente todas as atitudes. Ainda que a mulher trabalhe fora de casa em troca de um salário, cabe-lhe realizar todas as tarefas domésticas. (Saffioti, 1987, p. 50).

Para Beauvoir, a dominação masculina não foi mera coincidência e ressalta que o

[...] o triunfo do patriarcado não foi nem o acaso e nem o resultado de uma revolução violenta. Desde a origem da humanidade o privilégio biológico permitiu aos homens afirmarem-se sozinhos como sujeitos soberanos. (Beauvoir, 2016b, p. 112)

Percebe-se que a soberania masculina antecede o período capitalista, ou seja, o patriarcado nasce junto com a propriedade privada e se reafirmou pelas características biológicas, que foram ganhando atribuições sociais também e com a sociedade capitalista o poder masculino aliado ao poder econômico tornou as desigualdades de gênero mais latente e legitimou as violências contra as mulheres.

⁵ Atualmente, com as novas configurações familiares, as mulheres também estão sendo reconhecidas como chefes de famílias, nas famílias em que as mulheres são responsáveis pelo sustento e cuidados de seus membros.

A dominação masculina, através do poder simbólico, naturaliza a violência contra mulher, a violência que nem sempre é física, mas que na maior parte dos casos é psicológica e moral

[...] muitas vezes as mulheres não veem a violência como um instrumento de imposição ou de legitimação da dominação, mas sim como um tipo de respeito que “naturalmente” se exerce para o homem, já que normalmente elas não têm capacidade crítica para reconhecer a arbitrariedade das regras impostas. (Godinho, 2020, p. 11)

O sistema de dominação masculina se perpetua inclusive através da família patriarcal ao reproduzir comportamentos machistas. As violências são perpetuadas através das gerações pois é uma reprodução cultural e muitas vezes naturalizada.

Na lógica patriarcal, a mulher se tornou um “objeto” e sua existência tinha como propósito servir e satisfazer aos homens, como se fossem sua propriedade, na verdade eram consideradas propriedade dos homens, do pai e, posteriormente do marido. Na época dos casamentos arranjados o pai escolhia o marido das filhas, sem o consentimento delas e na maioria das vezes essa escolha era motivada por negociações financeiras, evidenciando que as mulheres eram vistas como propriedade dos homens.

Se espera que as mulheres sejam “femininas” e mantenham-se sorridentes, atenciosas, submissas e discretas, buscando atingir um padrão inalcançável, já que este padrão é subjetivo a cada ser. As mulheres eram e em muitas realidades ainda são criadas para agradarem potenciais maridos.

A dependência pela aceitação dos outros, se torna não só dos homens, mas também de outras mulheres, que se constituem a partir do padrão ideal, deixando de se aceitar o padrão real, principalmente em relação à aparência física e comportamento.

Assim, a dominação masculina, gerou uma relação de inferioridade entre as próprias mulheres, reconhecendo que o gênero que compartilham, já não é mais o suficiente para que permaneçam na mesma posição, já que a condição de classe social, econômica, raciais e de sexualidade, se tornam potenciais para a reprodução dos pré-conceitos e de misoginia entre elas. A considerar que as mulheres nunca estiveram na mesma posição apenas por compartilharem o mesmo gênero, sempre houve a desigualdade entre as mulheres brancas e negras, entre as mulheres ricas e pobres.

A partir do momento em que algumas mulheres tomaram consciência das condições que as diferenciavam, é que buscaram transformar a forma como eram tratadas, pelos homens e por outras mulheres.

CAPÍTULO 2 – FEMINISMO CONTEMPORÂNEO E A SORORIDADE

O patriarcado e o capitalismo são sistemas que de certa forma definiram as relações sociais e foram determinantes para o desdobramento das desigualdades de gênero. As mulheres ao se darem conta da situação de inferioridade que estavam vivendo e “na certeza de que as relações entre homens e mulheres não estão inscritas na natureza, e que existe a possibilidade política de sua transformação” (Fougeyrollas-Schwebel, 2009, p. 144) organizarem-se coletivamente para lutar contra as desigualdades de gênero vivenciadas.

Precisa-se esclarecer que há um recorte, principalmente de classe e de raça, quando se refere às mulheres, alguns coletivos de mulheres que estavam a frente pela reivindicação da participação das mulheres na sociedade não abrangiam todas as mulheres (Davis, 2016), os coletivos representavam interesses específicos de específicos grupos de mulheres: as mulheres proletárias, as mulheres negras, as mulheres burguesas.

Da mesma forma que se reconhece os movimentos feministas no plural, tendo em vista que existe pluralidade das vertentes adotadas pelos movimentos feministas

Falar de “movimentos feministas” permite designar sob uma mesma denominação as diversas formas de movimentos de mulheres, o feminismo liberal ou “burguês”, o feminismo radical, as mulheres marxistas ou socialistas, as mulheres lésbicas, as mulheres negras e todas as dimensões categoriais dos movimentos atuais. (Fougeyrollas-Schwebel, 2009, p. 144)

Fougeyrollas-Schwebel (2009) apresentam algumas das vertentes feministas e reconhece todos os movimentos como válidos, não há intenção de considerar os movimentos como certos ou errados, é necessário entender como eles se configuram em sua forma.

Assim, o patriarcado e os movimentos feministas não são estáticos e foram acompanhando o desenvolvimento da sociedade, à medida em que as relações sociais de poder foram tomando novas formas, à medida em que as mulheres conquistaram alguns direitos e passaram a frequentar espaços na sociedade, que antes eram frequentados exclusivamente por homens, esses fatores não foram suficientes para considerar que enfim havia uma igualdade entre os homens e as mulheres, pelo contrário, novas demandas foram surgindo, inclusive a necessidade da luta pela permanência dos direitos conquistados pelas mulheres.

Os frutos dos movimentos feministas são evidenciados pelo surgimento de novos conceitos e práticas, como o empoderamento feminino, a sororidade, a dororidade⁶, a interseccionalidade, que fazem parte dos movimentos contemporâneos e surgiram frente as novas (e antigas) demandas das mulheres.

O conceito de sororidade, fundamentado na teoria da antropóloga Marcela Lagarde Y De Los Ríos, remete-se o conceito à perspectiva crítica, como expressão dos feminismos contemporâneo. Para Lagarde Y De Los Ríos (2012) a sororidade é uma dimensão ética e política e pretende aproximar as mulheres para o enfrentamento das opressões machistas.

O objetivo deste capítulo é fundamentar teoricamente o conceito da sororidade e identificar seus elementos, traçando a sua relação com os movimentos feministas. A sororidade enquanto um ponto de interrogação do feminismo, que necessita de aprofundamento teórico e prático.

Este capítulo está estruturado em duas seções A primeira seção é destinada a contextualizar brevemente os movimentos feministas e evidenciar a sua importância para a luta das mulheres. Na segunda seção apresenta-se a origem do conceito da sororidade e os elementos que a caracterizam.

2.1 A CONTRIBUIÇÃO DO FEMINISMO PARA A LUTA DAS MULHERES CONTRA AS OPRESSÕES PATRIARCAIS

A partir do século XX, diante das opressões e das desigualdades de gênero desfavoráveis ao sexo feminino, algumas mulheres sentiram-se insatisfeitas com o contexto imposto pela sociedade, e principalmente, com as limitações relacionadas a posição social que poderiam ocupar. Sendo que até este momento o papel social das mulheres estava focado nas atribuições do lar e com a família, onde mantinham um status de submissão inquestionável em relação ao homem. Mais uma vez, destaca-se o recorte de classe existente entre as mulheres, já que as mulheres que se dedicavam aos cuidados do lar e da família compunham um grupo específico de mulheres

⁶ A dororidade trata das dores que unem as mulheres negras para além do machismo.

Com esta percepção, as mulheres começaram a reivindicar um novo papel na sociedade, bem como seus direitos, assim, surgiram os movimentos feministas, definido por Lisboa (2010) como

[...] um movimento sociocultural, que luta por justiça e equidade nas relações entre homens e mulheres e, sobretudo, luta para garantir os direitos humanos, principalmente o das mulheres em função do alto nível de violência e discriminação que padecem. (Lisboa, 2010, p. 68)

Os movimentos feministas se enquadram na definição de movimentos sociais, que para Touraine (2006, p. 18) se refere à “uma ação coletiva que coloca em causa um modo de dominação social generalizada”, que no caso do feminismo, a dominação em pauta é o patriarcado, então “o feminismo surge e se define frente ao poder” (LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2012, p.469). O feminismo desempenha um papel fundamental no enfrentamento das opressões machistas e na conquista dos direitos das mulheres, “além disso, uma variedade de perspectivas marcou e marca o que hoje chamamos de feminismo, uma vez que suas protagonistas enfrentaram variadas formas de opressão e marginalização” (Zirbel, 2021, p. 11)

O feminismo aparece como um movimento libertário, que não quer só espaço para a mulher – no trabalho, na vida pública, na educação –, mas que luta, sim, por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta última tenha liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo. (Pinto, 2010, p. 16)

De modo geral, o feminismo inicialmente se caracterizava pela inclusão política das mulheres na sociedade, estendendo a elas os direitos que os homens já tinham acesso a partir da Revolução Francesa no século XVIII, que trouxe a tríade: liberdade, fraternidade e igualdade, que se tratava da união entre homens livres e iguais, perante o Estado. Pateman (1993, p. 17) afirma que “a liberdade civil não é universal - é um atributo masculino e depende do direito patriarcal” e que para a autora parte de um contrato sexual, que emerge do contrato original, descrito pelos contratualistas John Locke, Thomas Hobbes e Jean-Jacques Rousseau, acerca da liberdade e da propriedade. Para Pateman (1993) vai além de um contrato social, é também um contrato sexual, no sentido patriarcal, pois cria-se o direito político dos homens sobre as mulheres.

Considerando o período histórico, as mulheres não estavam incluídas na tríade liberdade, fraternidade e igualdade e isso marca a emergência das primeiras reivindicações da população feminina, embora ainda não se constituísse como de fato

o movimento feminista, que só se consolidou como movimento na segunda metade do século XX (Fougeyrollas-Schwebel, 2009, p. 144).

Há um destaque importante a ser realizado, de que os movimentos feministas se constituíram de diferentes formas, os movimentos feministas europeus e estadunidense apontam algumas diferenças entre si

Para os movimentos feministas europeus, a relação com os partidos de esquerda é essencial e a dialética de inclusão-exclusão é permanente. Nos Estados Unidos, a fraqueza das feministas socialistas na esfera de feminismo e a ausência de partidos social-democratas fazem que o movimento tenha dado mais ênfase à autonomia individual e à igualdade, e que continue pouco ativo em matéria de direitos sociais. (Fougeyrollas-Schwebel, 2009, p. 148)

E são por conta dessas diferenças que os movimentos feministas se estruturaram em várias perspectivas. Durante o seu processo de consolidação, os movimentos feministas passaram por momentos que marcaram cada fase, conhecidas e estudadas como as três ondas do feminismo, que foram “momentos de grande movimentação e articulação feminista não restritos a um único espaço geográfico” (Zirbel, 2021, p. 12) e que foram fundamentais. Gohn (2007) reforça o destaque que a luta das mulheres ganhou na sociedade, principalmente por datarem um longo período

Sabemos que as lutas das mulheres para constituírem-se como sujeitos históricos datam de vários séculos. Pesquisas têm destacado o papel das mulheres desde sociedades antigas e primitivas. Mas foi com o feminismo que elas geraram uma visibilidade pública, de um coletivo. O feminismo no mundo ocidental tem sido classificado em três grandes ondas ou fases. (Gohn, 2007, p. 46)

A primeira onda feminista teve início no final do século XIX em diversos países da Europa e da América, quando as mulheres se viram num contexto de devastação e problemas gerados pela 1ª Guerra Mundial, com os quais foram obrigadas a lidar. Neste mesmo período, as mulheres na Inglaterra se uniram para lutar pelos seus direitos, sendo direito ao voto o mais popular nas reivindicações e conquistado em 1918 no Reino Unido (Pinto, 2010; Zirbel, 2021). O direito ao trabalho, a redução da jornada de trabalho das mulheres também são as principais pautas das mulheres (Gohn, 2007).

As mulheres brasileiras também marcaram presença nos movimentos abolicionistas no século XIX. No Brasil, o direito ao voto foi conquistado pelas mulheres em 1932, quase 15 anos após o direito ter se tornado realidade na Inglaterra.

A luta das mulheres pelo reconhecimento legal da igualdade de direitos marcou a primeira onda (Gohn, 2007), o direito ao voto feminino foi o mais popular dos movimentos e uniu as mulheres de vários lugares do mundo, sendo também o primeiro direito político conquistado pelas mulheres. O que não significa que não haviam outras pautas e outras reivindicações importantes para a vida das mulheres, na verdade, não podemos e não devemos reduzir o movimento feminista da época apenas ao direito ao voto.

Ainda na primeira onda do feminismo no Brasil, ocorreu o movimento das operárias de ideologia anarquista. (Pinto, 2010) que denunciavam as condições precárias de trabalho das mulheres nas fábricas e nas oficinas.

Em busca pela igualdade e pela liberdade o empoderamento feminino emerge na perspectiva feminista como

[...] um poder que afirma, reconhece e valoriza as mulheres; é condição para obter a igualdade entre homens e mulheres; representa um desafio às relações patriarcais, em especial dentro da família, ao poder dominante do homem e a manutenção dos seus privilégios de gênero. Implica a alteração radical dos processos e das estruturas que reproduzem a posição subalterna da mulher como gênero; significa uma mudança na dominação tradicional dos homens sobre as mulheres, garantindo-lhes a autonomia no que se refere ao controle dos seus corpos, da sua sexualidade, do seu direito de ir e vir, bem como um rechaço ao abuso físico e as violações. (Lisboa, 2008, p. 2)

O empoderamento se constrói como condição para as mulheres alcançarem a equidade de gênero, ou seja, não se trata de serem melhores que os homens ou de se tornarem dominantes, mas sim de serem tratadas como iguais, a partir do que os tornam desiguais.

Nos anos seguintes, nos EUA e na Europa, uma série de acontecimentos históricos e a efervescência de outros movimentos sociais, promoveram a inserção da mulher nos espaços sociais e que por sua vez, impulsionam as mulheres brasileiras a se organizarem, independente da sua classe, condição econômica e raça, a buscarem seus direitos e é especificamente a partir da década de 1960 que o feminismo emerge em sua segunda onda.

[...] o centro das reivindicações passou para a problemática das diferenças, as mulheres atuavam em coletivos e uniram-se a outras “minorias” oprimidas e em protesto na época (negros, estudantes). (Gohn, 2007, p. 48)

É neste momento que se evidencia a ampliação das pautas das mulheres, sexualidade, violência, mercado de trabalho passam a ser temas dos estudos

feministas e teve a construção da categoria “gênero” como seu maior saldo positivo (Zirbel, 2021; Gohn, 2007).

O feminismo tem como pressuposto ético-político denunciar um conjunto de suposições que a sociedade definiu como “natural” (por exemplo, a heterossexualidade, a maternidade), engendram práticas opressivas e discriminatórias, causando sofrimento para as pessoas que fogem do padrão de “normalidade” estabelecido. Os estudos feministas propõem, ainda, desconstruir os papéis impostos a homens e mulheres pela sociedade, com base na tese de que a diferença sexual é o principal fundamento da subordinação feminina (Lisboa, 2010, p. 69)

Fica evidente que o feminismo busca também desconstruir os estereótipos criados aos papéis sociais que elas as mulheres são “destinadas” a desempenhar e fomentar a sua condição de liberdade, para que elas possam ter o poder de escolha sobre o que querem ser, sem que seus corpos estejam cumprindo com os padrões que agradam somente a sociedade e não a si mesmas.

O feminismo aparece como um movimento libertário, que não quer só espaço para a mulher – no trabalho, na vida pública, na educação –, mas que luta, sim, por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta última tenha liberdade autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo. (Pinto, 2010, p. 16)

A chegada da pílula anticoncepcional demonstrou uma revolução sexual, pois permitia que as mulheres tivessem certo controle sobre seus corpos, podiam se planejar para quando quisessem viver a maternidade ou prevenir para que não vivessem. Apesar de ter gerado convergência de interesses contraditórios (já que podia significar o controle de natalidade), não deixa de ser um avanço para a liberdade reprodutiva das mulheres. (Santos, 2020).

No Brasil, a segunda onda do feminismo ficou marcado pelos

[...]movimentos organizados segundo a temática do gênero, as mulheres destacam-se por serem as que têm tido os maiores índices de participação e de organização de suas demandas em entidades associativas (certamente estamos considerando nos movimentos de gênero a presença feminina e a masculina). (Gohn, 2007, p.45)

O que gerou mudanças significativas no país para toda a população, principalmente às mulheres, que foram as responsáveis pelas principais demandas levantadas por elas.

A segunda onda do feminismo, se iniciou em 1960 e perdurou até aproximadamente 1980, após as duas grandes guerras mundiais as mulheres acabaram ocupando campos de trabalhos, que antes eram considerados masculinos.

Após a Segunda Guerra Mundial, com a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) houve o reconhecimento da igualdade política entre os gêneros, no entanto, ainda havia uma certa resistência na aceitação desta igualdade e na prática isso não acontecia, ainda se teve algumas campanhas tentando convencer as mulheres da sua posição de esposas submissas e da sua dedicação ao lar, pois era o que o modelo patriarcal da época e é neste momento que as mulheres começam a refletir sobre o que é ser mulher e questionar sobre a sua subordinação, buscando então uma nova concepção de liberdade e igualdade. (Zirbel, 2021; Botelho, 2023; Organização das Nações Unidas, 1948)

“A ideia de que a sororiedade entre mulheres era algo necessário e importante começou a difundir-se” (Zirbel, 2021), assim, surge o sentimento de irmandade entre as mulheres, que impulsionou as ações feministas. Neste período, o Brasil vivenciava um momento diferente dos países Europeus e dos EUA, o país enfrentava a ditadura militar com grande repressão dos militares, ou seja, o momento não era nada propício para movimentos libertários, no entanto, apesar disso foi na década de 1970 que se teve as primeiras manifestações feministas no Brasil (Pinto, 2010) e que impulsionou as mulheres a manifestarem pelos seus direitos. É a partir desta década que o movimento feminista se estabelece no Brasil, “o feminismo militante no Brasil surge como consequência da resistência das mulheres à ditadura” (Sarti, 2001, p. 33), pois a igualdade entre homens e mulheres estava apenas na teoria.

De acordo com Gohn (2007) as mulheres emergem na segunda onda do feminismo no cenário público brasileiro através dos seus papéis de mães que lutavam por seus filhos desaparecidos e trabalhadoras que enfrentavam a desigualdade salarial. No fim da década de 1970 formam-se grupos e correntes feministas, principalmente nas universidades e centros de estudos. As mulheres ganham espaço na pesquisa e nas universidades, como pesquisadoras e como temas de estudo, a condição da mulher se torna pauta nas pesquisas, no entanto, não são tratadas como atrizes principais. Gohn (2007, p. 52) alerta que “grande parte dos estudos das feministas da época também não tratava das condições de vida das mulheres na periferia”, percebe-se que havia um recorte das mulheres que participavam dos movimentos e que tinham sua situação evidenciada, chama-se a atenção para a condição de desigualdade entre as mulheres. A intelectual e feminista Simone de Beauvoir fomentou a reflexão ontológica do que é ser mulher e impulsionou as

mulheres à questionarem o seu papel na sociedade e principalmente à sua condição de subordinação aos homens. Assim,

Grupos de conscientização e atividades coletivas foram organizados em praticamente todos os continentes a fim de apoiar mulheres e motivá-las a lutar por melhorias de suas condições de vida. As pautas dos grupos foram ricas e diversas: anticolonialismo, luta antirracista, valorização do trabalho doméstico, segurança no trabalho, educação, creches, licença-maternidade, lesbianismo, direitos reprodutivos (acesso a métodos contraceptivos, direito a aborto seguro, lutas contra programas de esterilização compulsória de mulheres negras e pobres), violência doméstica, assédio, estupro, etc. (Zirbel, 2021, p. 18)

Todas essas pautas, estavam fundamentadas na crítica feminista sobre a sociedade patriarcal, partindo da ideia de que homens e mulheres possuem a mesma capacidade humana e, portanto, poderiam ter os mesmos direitos sociais e serem igualmente respeitadas (Zirbel, 2010). O que fomentou a luta feminina pela igualdade de direitos, pelo acesso ao trabalho, à educação e a todos os espaços que os homens também frequentavam. Nas décadas seguintes inicia a terceira onda do feminismo. O contexto dos anos 90 é marcado por mudanças mundiais no cenário político e econômico, há o fim da ditadura militar no Brasil e início da democracia, no cenário internacional tem-se o fim da união soviética, a queda do muro de Berlim (que dividia a Alemanha durante a Guerra Fria), o neoliberalismo se espalhou pelo mundo e houve a expansão tecnológica.

Em se tratamento dos movimentos feministas, o que na segunda onda unia as mulheres o “ser mulher”, na terceira onda se torna motivo de problematizações e gera o debate das desigualdades entre as mulheres: classe, raça, etnia, sexualidade, idade, entre outros aspectos.

O avanço das tecnologias de comunicação propiciou maior visibilidade às pautas feministas e todos os conceitos elaborados pelas feministas nas décadas anteriores, ultrapassaram as barreiras acadêmicas e atingiam às mulheres de vários segmentos da sociedade (Zirbel, 2021)

Questões que eram pensadas em pequenos grupos (como problemas atrelados ao capacitismo e ao etarismo ou enfrentados por pessoas trans e feministas comunitaristas e indígenas) entraram na pauta de variados grupos de feministas. As ferramentas teóricas possibilitaram um aprofundamento da análise das variadas e simultâneas formas de opressão vivenciadas por uma mesma mulher, assim como da questão das diferenças e da diversidade internas ao movimento feminista. As novas mídias, por sua vez, possibilitaram a disseminação dessas análises e ideias para além das fronteiras locais de uma maneira acelerada. (Zirbel, 2021, p. 22)

A mídia, por sua vez, cumpriu um importante papel na disseminação de pautas, já discutidas por grupos seletos de feministas, possibilitando a incorporação de novas pautas, como a luta contra as violências físicas e psicológicas, duplas jornadas de trabalho, discriminação do ambiente de trabalho, entre outras. (Zirbel, 2021).

As ondas do feminismo demonstram o processo de evolução do movimento feminista e como conforme o movimento foi avançando as pautas das mulheres foram conquistando visibilidade. Chimamanda (2014, p. 25) afirma que “nós evoluímos. Mas nossas ideias de gênero ainda deixam a desejar” e traz a reflexão de que os estudos da categoria de gênero não se esgotaram, tendo em vista que apesar dos avanços, ainda não superamos a opressão de gênero os movimentos feministas desempenham um papel fundamental na luta pela liberdade e igualdade de gênero.

Ainda assim, apesar dos movimentos feministas terem se demonstrado importante para o avanço dos direitos das mulheres, as principais autoras que trouxeram à tona o debate sobre gênero e a situação da mulher, desconsideravam muitas vezes à situação das mulheres negras

[...]ao definirem indistintamente as questões de gênero, as feministas universalizaram as suas experiências e reduziram estas experiências às necessidades de um grupo de mulheres: das mulheres brancas de classe média. Neste sentido, os movimentos feministas expressaram, em momentos-chave de seu desenvolvimento, um pensamento hegemônico reducionista, e, sobretudo, indiferente às situações de dominação e opressão sofridas pelas mulheres negras [...]. (Leal, 2021, p. 25)

As autoras Angela Davis e Bel Hooks desempenham um papel fundamental ao abordar e evidenciar à condição das mulheres negras e denunciam as desigualdades entre as mulheres. As críticas de Bel Hooks ao movimento feminista branco burguês se davam tendência deste movimento de ignorar a

[...] codependência entre os preconceitos de raça, classe, gênero e sexualidade, tendência que resultou no silenciamento das pessoas negras e empobrecidas - principalmente das mulheres - e na manutenção do sistema capitalista. (Silva, 2022, p. 2)

Não se pode romantizar os movimentos feministas, a análise crítica permite que seja notado que as mulheres também dominavam outras mulheres pelas diferentes condições sociais, de raça, classe que ocupavam. O feminismo branco excluía as mulheres negras, Collins e Bilge (2021) evidenciam que as questões específicas das mulheres negras eram relegadas, já que os movimentos negros não

davam conta sozinhos de abordar todas as discriminações que as mulheres negras sofriam e a interseccionalidade se tornou uma ferramenta analítica como repostas a esses desafios.

Nesta seção se buscou evidenciar os principais marcos dos movimentos feministas, obviamente houve muitos outros marcos que não couberam ser apresentados aqui, mesmo assim, foi possível evidenciar o panorama da construção do feminismo, principalmente no Brasil.

A organização do movimento feminista no Brasil, apesar de ter resultado da importação de ideias que não encontravam muito eco na sociedade brasileira (neste sentido, teria, se tivesse tido pleno êxito desde seu início, criado um grande hiato entre a legislação referente à mulher e as verdadeiras relações sociais que a interiorizavam), inoculou, em boa parcela das mulheres, a aspiração de libertar-se e de emancipar-se através do trabalho, processo este que foi amadurecendo à medida que, efetivamente, iam os elementos femininos penetrando em áreas até então reservadas exclusivamente aos homens. (Saffioti, 1976, p. 155-156)

Conforme o feminismo foi avançando, cada vez mais, mais mulheres foram sendo motivadas a buscar pela sua liberdade e emancipação, principalmente através do trabalho, como reforça Saffioti (1976), já que, na sociedade capitalista, o trabalho significa também o meio de garantir a sobrevivência e emancipação. O feminismo então, contribuiu para que as mulheres tomassem consciência de seus direitos e dos papéis que poderiam exercer, além do que já estava pré-estabelecido, pois “o feminismo procurou, em sua prática enquanto movimento, superar as formas de organização tradicionais, permeadas pela assimetria e pelo autoritarismo” (Alves; Pitanguy, 1985, p. 8).

O feminismo está presente em diferentes gerações e suas lutas vão se incorporando à medida que as mulheres vão se reconhecendo nesse processo da superação das desigualdades de gênero, mesmo que muito já se tenha avançado, não pode-se afirmar que as pautas das ondas feministas anteriores foram superadas, tendo em vista que, o embate entre capitalismo e patriarcado é constante, há a necessidade do fortalecimento das mulheres e do reconhecimento das suas diferenças, abrangendo a luta de classes e raça.

Destaca-se os movimentos “*Me too*” e “Nenhuma a menos” como representações dos movimentos feministas.

Nenhuma a menos” ou “Ni una menos” é um movimento que nasceu na Argentina. Em 2016, o brutal assassinato de Luciana Pérez (16 anos) mobilizou não só mulheres argentinas, mas de toda América Latina: a partir

desse fato, o movimento “Nenhuma a menos” ultrapassou fronteiras e uniu ainda mais as hermanas latino-americanas na luta contra o fim da violência de gênero em todas as suas manifestações. (Lima, 2017, p. 1)

O movimento “Nenhuma a menos” reflete o enfrentamento das mulheres contra as violências de gênero e em defesa da vida. As violências de gênero, físicas, psicológicas, sexual, entre outras, são resultados da sociedade machista e patriarcal, que faz os homens pensarem que possuem vantagens e direitos sobre os corpos das mulheres. O movimento se mostra necessário diante deste contexto marcado pelas violências contra as mulheres.

O movimento “*Me too*” foi uma iniciativa da atriz americana Alyssa Milano, em 2017, que convidava as mulheres que sofreram assédio sexual a compartilharem a *hashtag* #*Metoo* na rede social *twitter*, compartilhando seu relato. O movimento se espalhou e se tornou uma campanha permanente no Brasil

O objetivo da Me Too Brasil é amplificar a voz de sobreviventes, dar visibilidade aos milhares de relatos de abuso sexual silenciados e dar suporte para que estas meninas e mulheres saibam que não estão sozinhas. (Me Too, 2024)

O movimento possui um site próprio onde possui um espaço para compartilhamento de relatos e oferece apoio às vítimas de violência sexual, bem como se mostra ativo nas discussões em defesa das mulheres.

Tanto o movimento “*Me too*”, quanto o movimento *Nenhuma a menos*, são exemplos práticos da evolução dos movimentos feministas e de como é importante o apoio feminino frente às opressões e as violências. E deram origem ao conceito e prática da sororidade.

2.2 SORORIDADE: CONCEITO E PRÁTICA

É difícil datar especificamente o surgimento da sororidade, ou a primeira menção do termo, mas o que se pode dizer é que a sororidade nasceu com a consolidação do movimento feminista.

Com a efervescência do movimento feminista, entre as décadas de 1960 e 1970 surge o sentimento de sororidade, ainda não se utilizava este termo, porém o sentimento, a noção, estavam começando a fazer parte da vida e dos discursos das mulheres, só não havia uma palavra que nomeasse esse sentimento que unia as

mulheres em torno de um objetivo comum. Assim, o termo é um retrato da atualidade, já o sentimento não tanto.

No final da década de 60, Kate Millet escritora e ativista feminista norte-americana usou o termo “*sisterhood*” para se referir à união entre as mulheres sem distinção de raça ou classe. O *sisterhood*, que tem um significado próximo de “irmandade entre as mulheres”, que no inglês, “*sister*” significa irmã (Cámara, 2017). O conceito desenvolvido por Millet (1970) se enquadra no contexto do feminismo radical em sua segunda onda, onde as mulheres estavam engajadas nas lutas contra as opressões que sofriam na época, no entanto, o *sisterhood* de Millet (1970) foi alvo de críticas, pois apesar de se referir à união entre as mulheres, não incluía definitivamente as mulheres lésbicas, trans e negras, estes grupos sentiam-se excluídos das pautas dos movimentos que surgiram a partir do *sisterhood*. “A defesa ou a crítica a uma irmandade feminina motivou uma série de debates políticos e acadêmicos na história do movimento” (Leal, 2019, p. 87)

A sororidade que se conhece hoje, não é fruto da fonte teórica de Millet (1970), é, na verdade, fruto das novas e atuais teorias feministas e o conceito de sororidade atual está embasado na teoria da antropóloga Marcela Lagarde Y De Los Ríos (2012), que traz uma redefinição do conceito a partir do feminismo latino-americano, considerando as demandas emergentes do movimento.

No Brasil, a ideia de um laço de sororidade entre as mulheres, se materializou entre as décadas de 1970 e 1980, momento em que o movimento feminista se consolidou no país e promoveu diversas ações buscando a inserção da mulher no espaço público.

A origem etimológica da palavra “sororidade” vem do latim “*sóror*”, que significa irmã e não só na gramática, mas também na semântica, se trata de um substantivo feminino, devido ao seu significado: irmandade entre as mulheres. No Português, no Inglês e no Francês, por exemplo, nomeou-se de sororidade, *sisterhood* e *sororité*, respectivamente. (Leal, 2019)

A sororidade pode ser uma representação “feminina” do conceito de fraternidade, que foi durante a revolução francesa um de seus princípios: liberdade, fraternidade e igualdade (no Francês: *liberté, fraternité, égalité*), sendo que, neste período, as mulheres não estavam incluídas nos princípios da revolução, assim, a sororidade, se mostraria como um sinônimo de fraternidade para as mulheres.

Não existe uma definição de sororidade no dicionário da língua portuguesa, mas existe uma definição no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, incluída na edição de 2021, após a crescente utilização do termo de forma coloquial e nas mídias sociais

Sentimento de irmandade, empatia, solidariedade e união entre as mulheres, por compartilharem uma identidade de gênero; conduta ou atitude que reflete este sentimento, especialmente em oposição a todas as formas de exclusão, opressão e violência contra as mulheres. (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, 2021)

A definição adotada pelo Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (2021) se aproxima do conceito definido por Lagarde Y De Los Ríos, ao tratar a sororidade como um elemento de combate à violência e à opressão contra as mulheres.

O uso do termo cresceu com a expansão da internet, principalmente, com as redes sociais, que trouxe um *boom* nas ações do movimento feminista, uma vez que facilitou a comunicação e a disseminação das informações, ainda, a internet permite que pessoas de várias localidades geográficas (a níveis municipais, estaduais, regionais, nacionais e mundiais) possam interagir entre si e compartilhar experiências, ideais e informações, o que de certa forma contribui para o fortalecimento dos movimentos sociais, pois “se configura um novo espaço de ativismo social.” (Angelim, 2022, p. 1). Um exemplo disso é o movimento “*Me too*”, que se originou através da mobilização nas redes sociais e se mantém ativo através de seu próprio site eletrônico.

Por outro lado, ao mesmo tempo em que a internet facilita a disseminação das informações, ela também fragiliza as informações compartilhadas, pois não há um filtro que assegure que todas as informações encontradas neste meio são verídicas ou estão pautadas em referenciais teóricos consistentes.

E é isso que acontece com o conceito da sororidade, a forma como tem sido disseminada, principalmente através das redes sociais, como twitter, instagram, e facebook, podem tornar frágil a sua utilização, considerando que podem estar compartilhando informações falsas ou de um entendimento equivocado do conceito.

Agelim (2022) se dedicou em analisar a produção acadêmica na pós-graduação no Brasil sobre a temática da sororidade em um recorte temporal de trabalhos produzidos entre os anos de 2011 e 2021, quando a palavra sororidade foi incluída oficialmente no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP), as buscas foram realizadas na internet, através da ferramenta gratuita google acadêmico.

Considerando trabalhos de conclusão de especialização, teses e dissertações da pós-graduação, a pesquisa de Angelim (2022) obteve 14⁷ resultados, sendo que os resultados indicam que 2011, 2012 e 2013 e 2014 não tiveram produções de acordo com os critérios da pesquisa, já os anos de 2019, 2020 e 2021 foram os anos que mais tiveram produção (10 produções).

As áreas do conhecimento que apresentam maiores produções são: Educação; Comunicação e Jornalismo (3 trabalhos cada). As áreas do conhecimento com os menores índices de produções foram: design e estudos de gênero e sexualidade (apenas 1 trabalho cada). Angelim (2022) conclui a pesquisa afirmando que o número de produções sobre sororidade na pós-graduação no Brasil aumentou conforme o passar dos anos.

O estudo de Angelim (2022) se mostra importante ao trazer a produção científica acerca da sororidade à tona, no entanto, o estudo revela a carência da produção científica sobre sororidade no Brasil. Também evidencia que a internet se tornou o meio principal de pesquisa, considerando que a maior parte da busca por referencial teórico se dá neste meio de comunicação. Precisa-se esclarecer que se observa a carência de produção científica da sororidade enquanto conceito teórico, já que a sua análise prática vem sendo tema de algumas pesquisas nos últimos anos.

Mas além de um conceito teórico, a sororidade é uma prática

[...] que implica poder e liberdade de pensamento para lutar contra valores e estereótipos patriarcais que, tradicionalmente, unem as mulheres sob determinadas situações e que, em outras, as afastam e as tornam em certa medida inimigas. (Becker; Barbosa, 2016, p. 245)

A lógica patriarcal contribui para o sentimento de competição feminina, as colocando em uma posição de rivalidade, principalmente ao evidenciar as desigualdades entre as mulheres. A sororidade, emerge para desconstruir a competição feminina, nas palavras de Lagarde Y De Los Ríos (2012)

A sororidade parte de um esforço para desestruturar a cultura e a ideologia da feminilidade dentro de cada uma, como um processo que se inicia na amizade/inimizade das mulheres e avança na amizade das amigas, em busca de novos tempos, de novas identidades (Lagarde Y De Los Ríos, 2012, p. 486) (tradução nossa)

Para a autora, a sororidade tem uma essência disruptiva, a medida em que ela rompe a lógica patriarcal, pois implica na amizade de quem foi criada para ser

⁷ Alguns dos artigos encontrados pelo estudo de Angelim (2022) também foram citados nessa dissertação.

inimiga. Assim, para Lagarde Y De Los Ríos (2012) a sororidade é uma das propostas mais radicais do feminismo contemporâneo, visto que é preciso pensar, propor e atuar, tendo a sororidade como superação das opressões simbólicas e reais. Se trata não só da opressão masculina sobre as mulheres, mas também das opressões praticadas entre as próprias mulheres. As mulheres também podem praticar atitudes machistas e misóginas para com outras mulheres, afinal, a criação patriarcal as tornou rivais, Becker e Barbosa (2016) sustentam que

[...] as mulheres que se introduzem no caminho de luta contra a misoginia com outras mulheres só o fazem por reconhecerem que elas próprias também são misóginas e a sororidade só pode ser exercida se a luta começar contra sua própria misoginia (Becker; Barbosa, 2016, p. 245)

Isso é possível porque a sororidade se configura a partir do cotidiano nas relações sociais, ou seja, no trabalho, no ambiente acadêmico, na família e qualquer outro espaço frequentado pelas mulheres e possibilita o reconhecimento das semelhantes de si e das outras mulheres, o autoconhecimento, é essencial no processo da prática da sororidade, por mais complexo que seja, pois exige a ressignificação condições sociais, sexuais, espirituais, políticas e econômicas das mulheres e a legitimação dos saberes adquiridos com a prática cotidiana (Ferreira, 2017). Para Hooks (2018) a sororidade é uma possibilidade concreta de que as mulheres conseguem alcançar o sucesso sem dominar umas às outras, a sororidade é exercida principalmente diante de situações adversas do cotidiano que unem as mulheres, já que os privilégios dificultam o exercício da sororidade.

A sororidade não pode ser usada para mascarar a luta de classes e a união entre as mulheres não significa que as mulheres devem se unir pelas semelhanças, muito pelo contrário, as diferenças devem ser reconhecidas e respeitadas. A sororidade tem sido alvo de críticas, uma vez que quando se fala em união das mulheres, a imagem que se cria é de uma amizade por afinidade.

A ideia de que somos mulheres e justamente por isto somos irmãs me remete a algo parecido como sairmos andando de mãos dadas por aí, de forma romântica, como se não houvesse a possibilidade de sermos esmagadas por uma outra “irmã” burguesa e que ocupa um lugar privilegiado na sociedade. (Barros, 2014, s/p)

A citação de Barros (2014) reflete a fragilidade própria das relações sociais que o conceito carrega, por não ter uma fundamentação teórica consistente abrindo espaço para interpretações equivocadas, quando na verdade, a sororidade em uma

perspectiva crítica é justamente fomentar a união feminina em torno de seus direitos e na conquista de espaço, para que reconheçam seus privilégios e que isso não seja motivo para oprimir outra mulher. Barros (2014) complementa

Acredito em solidariedade entre mulheres, apoio mútuo, ouvir umas às outras, desconstruir coletivamente o machismo que ainda existe dentro de cada uma, com respeito, e na construção de espaços onde mulheres que sofreram opressões possam estar cercadas por outras mulheres que também sofreram opressões e que por meio da troca de experiências e ideias criativas e criadoras possam somar na luta contra o capital, o patriarcado e na construção de uma sociedade mais justa, com igualdade entre gêneros e sem classes [...] (Barros, 2014, s/p)

E ainda, destaca alguns elementos que caracterizam a prática da sororidade, como a construção de espaços de apoio mútuo entre as mulheres, desconstrução coletiva do machismo. Hooks (2018) afirma que a sororidade não seria poderosa, enquanto as mulheres competem umas com as outras, com isso, a autora reafirma a importância de promover debates sobre classe e raça, entre as mulheres.

Recentemente surgiu um novo conceito criado pela autora feminista brasileira Vilma Piedade: a dororidade. Seu significado é derivado da sororidade e refere-se ao conjunto de ideias que representam as mulheres negras. A palavra dororidade vem de *dolor*, a autora define que o conceito representa a invisibilidade e a dor causada pelo racismo. (Simon, 2021)

A sororidade e a dororidade estabelecem uma relação de dependência, pois “[...] o feminismo promove a sororidade e é ancorada pela irmandade entre nós mulheres, mas que não basta para a mulher preta” (Simon, 2021, p. 248), a sororidade une as mulheres pela dor do machismo e a dororidade, sem a intenção de substituí-la, pretende estabelecer um diálogo entre as duas dores sofridas: de gênero e de raça.

Tanto a sororidade, quanto a dororidade, são conceitos que ainda estão sendo construídos e devem dialogar entre si, para que sejam complementares e não segreguem a luta das mulheres. As críticas construtivas ao conceito são importantes para refletir sobre seus limites e possibilidades e de que forma está contribuindo para a emancipação das mulheres ou para segregação das mulheres, considerando que o objetivo da sororidade é combater as opressões sofridas pelas mulheres, tornando-as aliadas uma das outras neste processo.

Existem elementos que caracterizam o exercício da sororidade e são fundamentais para identificar como esta prática se desenvolve na sociedade

Para que o exercício da sororidade seja possível Lagarde Y De Los Ríos (2012) afirma que é necessário considerar alguns elementos, conforme se observa no quadro abaixo

Quadro 5 – Elementos para se Pensar o Conceito de Sororidade

ASPECTOS ÉTICO-POLÍTICOS DA SORORIDADE	PRINCÍPIOS ÉTICOS DA SORORIDADE
1) As semelhanças entre as mulheres (idade, geração, opção sexual, classe social, étnica, formação cultural, ideologia, atuação política, religiosa, dentre outras);	1) Eliminação da misoginia pessoal e coletiva para não reprodução de opressão entre mulheres;
2) o reconhecimento da igualdade e da diferença, da diversidade e da especificidade das mulheres;	2) Promoção da valorização individual e coletiva para fortalecer as relações;
3) Reconhecimento da vitimização e da opressão de mulheres e criação de mecanismos de defesa contra qualquer tipo de violência e desrespeito aos direitos humanos;	3) Reconhecimento de seu trabalho e suas capacidades próprias e reconhecimento da autoridade da outra mulher para valorização coletiva e autovalorização;
4) a necessidade de dar visibilidade aos avanços reais das mulheres nas esferas social, cultural, política e jurídica e de se enfrentar o antifeminismo e difundir os feminismos;	4) Saber distinguir autoridade de autoritarismo;
5) o reconhecimento entre as mulheres da legitimidade de sua sexualidade e assim como da de como outras mulheres a fim de que possam ressignificar sua própria condição humana.	5) Experimentar a autoridade sem autoritarismo.

Fonte: Moura; Sopko; Machado, 2021. p. 6.

Os aspectos éticos-políticos refletem as ações coletivas, enquanto os princípios éticos condizem com as atitudes individuais. Dentre os elementos que caracterizam a prática da sororidade, o respeito, é um dos primordiais, é preciso haver respeito pelas condições, pela sexualidade, pela condição econômica, social, religiosa e entre outros aspectos, que diferenciam as mulheres uma das outras e reconhecer que esses aspectos não invalidam as vivências pessoais de cada uma e nem devem constituir motivos para a rivalidade feminina.

A sororidade, deve abranger todas as mulheres e não somente as quais se identificam pessoalmente, ela deve ultrapassar essa barreira da amizade e da afinidade das mulheres, por isso a valorização individual e coletiva no fortalecimento das relações contribui com a prática da sororidade.

Condições pessoais como, idade, orientação sexual, classe social, etnia, formação cultural, ideologia, posição e atuação política, exercício da fé, entre outras

características, configuram-se como aspectos de semelhanças entre as mulheres, pois facilita que as mulheres se reconheçam umas nas outras. É necessário também, reconhecer as diferenças entre as outras mulheres, pois fomenta o debate sobre a misoginia, tornando-a mais fácil de ser reconhecida e combatida. O que não pode ficar apenas no discurso, colocar em práticas ações que visem o avanço das mulheres nas esferas sociais, culturais, políticas, entre outras. (Becker; Barbosa, 2016)

A prática da sororidade só é possível se existem condições necessárias e vontade mútua das mulheres para lutarem juntas contra as opressões e a misoginia. O apoio entre as mulheres não significa ser conivente com práticas discriminatórias de qualquer natureza, apenas por que foi praticada por outra mulher, daí a importância de reconhecer os próprios pré-conceitos e desconstruí-los, “[...] é imprescindível que as mulheres tomem consciência da política patriarcal que as utiliza para reproduzir diversas opressões [...]” (Becker; Barbosa, 2016, p. 247), pois a sororidade defende

[...] uma aliança entre mulheres que seja, ao mesmo tempo, um anúncio e uma denúncia de enfrentamento das realidades mascaradas e abstratas do ser mulher: “ser bela, recatada e do lar” (Ferreira, 2017, p. 424)

Lagarde Y De Los Ríos (2012) aponta para a importância das redes de apoio, chamadas pela autora de *genealógicas*, que são construídas por mulheres da família, amigas, companheiras, nos ambientes de trabalho, familiar e de amizades e que vai passando de geração para geração, “as mulheres não teriam sobrevivido em condições de opressão se não tivessem esses apoios vitais” (Lagarde Y De Los Ríos, 2012, p. 548, tradução nossa), a sororidade acontece nas ações cotidianas, pela mãe, avó, amiga, colega de trabalho.

Lagarde Y De Los Ríos (2012) define os guias para a sororidade:

Quadro 6 – Guias e objetivos éticos-políticos da sororidade.

a) Identificação entre mulheres como semelhantes. Quanto mais semelhante, quanto maiores as coincidências das condições de idade, geração, orientação sexual, classe social, etnia, formação cultural, ideologia, posição e ação política, opção religiosa, nacionalidade e outras. Semelhanças com esses conteúdos abrem canais para identificação positiva entre as mulheres devido ao seu gênero feminino e o gênero da mulher.
b) A necessidade de uma aliança de gênero a estabelecer entre mulheres o que é exigido da sociedade: a valorização da mulher baseada no reconhecimento da igualdade e da diferença, da diversidade e especificidade, com base nos direitos humanos do mulheres acordadas na última década do século XX.
c) Defesa contra ataques, agressões e qualquer forma de violência e maus tratos ou desrespeito aos nossos direitos humanos, e a eliminação de complacência, vitimização e opressão de mulheres.

d) A disseminação do feminismo e a realização do seu impacto social, cultural, jurídico e político são vinculativas na aliança sororal. Enfrentando o antifeminismo – forma fundamentalista de misoginia política – e avançar tornando visíveis as contribuições do feminismo para modernidade e seu impacto nos avanços reais das mulheres.

e) A sexualidade feminina, tão poderosa e prodigiosa, foi desvalorizada e naturalizado para eliminá-lo como suporte político de a poderosa condição sexual e de gênero das mulheres. É central o reconhecimento entre as mulheres da legitimidade da sexualidade a própria e a sexualidade dos outros como forma de ressignificação da condição humana das mulheres.

Fonte: Lagarde Y De Los Ríos, 2012, p. 545, tradução nossa. Organização: a autora.

A sororidade se mostra presente nas práticas e nos discursos entre grupos de mulheres e só se consolida quando as mulheres assumem a consciência crítica da sua existência e das condições que possuem. A linguagem é um dos valores que permeiam a sororidade e se constrói no avanço da consciência crítica e enfrentamento das estruturas de poder que dominam as mulheres.

Becker e Barbosa (2016) salientam que a sororidade ocupa um lugar central como ferramenta para a construção de uma nova identidade para as mulheres, que é o objetivo de busca dos femininos contemporâneos. A sororidade é vivida, é compartilhada, é prática, mas também é teoria, é fruto dos movimentos feministas na busca de uma nova forma de relação entre as mulheres, no combate das opressões, das violências e da misoginia.

CAPÍTULO 3 – A SORORIDADE NA TEORIA E NA PRÁTICA: RESULTADOS DA PESQUISA DE CAMPO

Neste capítulo serão apresentados e analisados os resultados obtidos através da pesquisa de campos realizada, conforme descrita na seção “Percurso Metodológico”. A pesquisa de campo, que neste trabalho foi realizada a partir de um formulário, se configura como uma das etapas mais importantes desta dissertação, pois evidencia a perspectiva da comunidade acadêmica sobre o conceito da sororidade.

A produção da ciência nos espaços acadêmicos deve ultrapassar os limites universitários e atingir a população em geral, contribuindo para o desenvolvimento social, político e econômico, contando sempre com o compromisso ético das/os pesquisadoras/es. A socialização das informações verídicas de forma ética deve ser o elemento norteador da pesquisa acadêmica.

Considerando o universo desta pesquisa, este capítulo está dividido em duas seções. A primeira parte é dedicada a uma breve contextualização da educação superior no Brasil a partir da pesquisa enquanto produção da ciência e do conhecimento, através do tripé ensino-pesquisa-extensão e uma breve apresentação da pesquisa e da extensão nas Universidades Estaduais do Paraná.

Na seção serão apresentados os resultados obtidos através do formulário aplicado, com dados quantitativos e qualitativos, que constituirão a análise qualitativa dos elementos identificados conforme as categorias de análise definidas.

3.1 A PRODUÇÃO DA CIÊNCIA NOS GRUPOS DE PESQUISAS E PROGRAMAS/PROJETOS DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS

A educação superior está presente na realidade brasileira desde o período colonial (1500-1822), inicialmente as instituições de ensino superior se concentravam na Europa, então a elite brasileira se deslocava para o outro continente a fim de acessar as universidades europeias, esta condição atribuía grande status a quem era formando no ensino superior no Brasil, já que era totalmente restrito à população. A primeira instituição de ensino superior no Brasil, foi instituída no ano de 1808 e atualmente é conhecida como Universidade Federal da Bahia.

Atualmente, o ensino superior no Brasil é ofertado em instituições públicas de ensino nas instâncias estaduais e federais, além das instituições privadas. Nestas instituições o ensino pode ser oferecido em três modalidades principais: presencial; ensino à distância (EaD) e semipresencial. Dito isto, entende-se que o ensino superior é responsável por formar profissionais capacitados para exercer as atividades que contribuam significativamente para o desenvolvimento da sociedade contemporânea.

O ensino superior passou por grandes mudanças ao longo dos anos e cada vez mais foi se aprimorando e incorporando novas atividades, bem como foi se tornando um espaço democrático de acesso à população brasileira, se tornando ainda um espaço de emancipação. E demonstrou-se também ser um espaço produtivo que beneficiava a sociedade e o Estado em vários aspectos, principalmente na área tecnológica, pois contribuía com o desenvolvimento, na década de 1960

A Reforma Universitária, muito questionada pela forma como foi apresentada e pelo seu conteúdo explícito e implícito, foi um marco na Educação Brasileira, pois introduziu a pesquisa, especialmente através dos cursos de pós-graduação *stricto sensu*. A pós-graduação *lato e stricto sensu*, foi uma resposta ao desafio desenvolvimentista e, devido aos interesses políticos e necessidades da época, visava à formação de pessoal qualificado para a pesquisa e magistério superior, nas diferentes áreas do conhecimento. (Lampert, 2005, p. 4)

Assim as instituições públicas de ensino superior passaram a desempenhar um papel importante, além da função de ensino, elas são responsáveis por produzir conhecimento que beneficiam não só a comunidade acadêmica como também a sociedade em geral, através da pesquisa e da extensão. O tripé: ensino, pesquisa e extensão, compõe a formação da graduação e pós-graduação buscando inserir a comunidade acadêmica no contexto social local da comunidade em geral e são indissociáveis, conforme o art. 207 da Constituição Federal que dispõe sobre a autonomia universitária e que deverão obedecer ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão (Brasil, 1988).

A indissociabilidade é um princípio orientador da qualidade da produção universitária, porque afirma como necessária a tridimensionalidade do fazer universitário autônomo, competente e ético (Moita; Andrade, 2009, p. 269)

Manter o tripé ensino, pesquisa e extensão em consonância garante a qualidade da aprendizagem e da produção científica nas universidades, uma vez que

[...] se considerados apenas em relações duais, a articulação entre o ensino e a extensão aponta para uma formação que se preocupa com os problemas

da sociedade contemporânea, mas carece da pesquisa, responsável pela produção do conhecimento científico. (Moita; Andrade, 2009, p. 269)

Como aponta Moita e Andrade (2009) o ensino aliado à extensão demonstra a preocupação com problemas apresentados pela sociedade, pois se fazem uma alternativa de responder às demandas e as necessidades apresentadas pela população. Porém, a pesquisa cumpre a função de produzir conhecimento científico, que por sua vez, acarretará em desenvolvimento de ações e respostas às apresentadas pela sociedade.

E como qualquer outra instituição de ensino, o ensino superior faz parte do contexto brasileiro sócio-político atual no que se refere à educação, ou seja,

O ensino superior está atrelado, fortemente, a um paradigma de educação que privilegia o ensino em detrimento da aprendizagem. Isso ocorre porque a centralidade do processo pedagógico está na figura do professor, depositário do saber e que possui o papel de transmitir os conteúdos. Aos alunos cabe o papel de receptores das informações [...]. As instituições de ensino superior aonde apenas o ensino for enfatizado, não formarão profissionais capazes de manejar os conhecimentos que vão além dos que lhes foram transmitidos. Juntamente com o ensino e a extensão, a pesquisa na universidade assume papel fundamental no desenvolvimento sócio econômico de um país. (Sônego, 2015, p. 32)

Especificamente nas universidades públicas, o conjunto ensino, extensão e pesquisa é mais presente no cotidiano dos alunos e dos professores, bem como de toda a comunidade universitária, se comparado com as universidades privadas. Pois são nas universidades públicas que está centrado cerca de 95% da produção científica no país (Moura, 2019). A produção do conhecimento está toda em sua maior parte sendo produzida e propagada nas universidades públicas.

Para Demo (2009) o conhecimento representa um fator essencial para a cidadania

Conhecimento, para a cidadania significa a base instrumental da consciência crítica e criativa, para melhor intervir na realidade como sujeito capaz de conduzir seu destino, dentro das circunstâncias externas dadas. (Demo, 2009, p. 53)

Educação e conhecimento, devem caminhar juntos para que sirvam a sociedade, com base científica e de forma ética, sem se tornar mera ideologia ou doutrinação (Demo, 2009). E é através do conhecimento que os sujeitos têm a possibilidade de tornarem-se críticos e de exercerem a cidadania em sua finalidade primordial: contribuir para a construção de uma sociedade participativa e inclusiva.

Dito isso, para além do ensino, a pesquisa desempenha um papel fundamental para a sociedade, pois é através dela que o desenvolvimento social, econômico e político se torna possível, a “[...] universidade deve romper com a manutenção do *status quo* e abrir a possibilidade de ser o espaço para a reflexão política e filosófica sobre a sociedade” (Sônego, 2015, p. 4).

Pensar a universidade como espaço de reflexão política e inclusão, ao mesmo tempo que promove o fortalecimento da democracia e emancipação das classes menos favorecidas, também gera o descontentamento da classe dominante neoliberal, porque assim perderia sua força e poder, em detrimento da classe dominada (trabalhadores), na ordem do capital. É importante salientar que a educação, principalmente o ensino superior, desde o período colonial foi símbolo de status e privilégio do homem branco e detentor de capital, estando diretamente atrelado às condições de classe, raça e gênero da população.

As universidades, embora contemporaneamente estejam preocupadas com a produção do conhecimento crítico e buscando romper com o conservadorismo, ainda estão inseridas no contexto do capital, onde há um grande debate sobre a destinação de recursos por parte do poder público, o que de certa forma prejudica a continuidade das atividades universitárias, em contrapartida, o que se produz nas universidades, retorna à população, seja na forma de serviços ou produtos.

Tendo em vista este embate, as universidades públicas sempre estiveram em pauta no conflito entre capital e trabalho, se por um lado havia a população menos favorecida que tinha no ensino superior a chance de possuir melhores condições de trabalho, por outro havia a população privilegiada incomodada com o acesso da classe trabalhadora às universidades. Assim, elas se tornaram alvo do desmonte da educação, a própria modalidade EaD está no centro da discussão do desmonte do ensino, por entenderem que esta modalidade afeta a qualidade do ensino e da participação na extensão e na pesquisa, ao mesmo tempo em que facilita o acesso de muitos estudantes que por razões diversas não teriam condições de frequentar as aulas presencialmente.

Não obstante, o contexto sócio político brasileiro afetou significativamente a produção da ciência no Brasil nos últimos anos, em dois aspectos: no financiamento e na valorização do pesquisador (a).

No contexto sócio-político vivenciado atualmente pelos pesquisadores, a produção do conhecimento científico se tornou um ato de resistência, diante das

precárias condições e falta de investimento. Lampert (2005) traça a trajetória do ensino superior no Brasil e considera que a

[...] Educação Superior Brasileira sempre foi influenciada por fatores políticos, econômicos, sociais e culturais internos e/ou externos, que determinaram e marcaram sua trajetória (Lampert, 2005, p. 5)

À vista disso, entende-se que as universidades públicas são espaços de construção e resistência, principalmente pelo tripé ensino, pesquisa e extensão, que contribuem para melhor compreender o desenvolvimento da sociedade de acordo com cada contexto histórico vivido, considerando ainda a realidade local em que está localizada.

A extensão universitária é uma forma da universidade manter vínculos com a sociedade, Gadotti (2017) a considera como uma vida de mão dupla, onde se reúne o saber acadêmico e o saber popular.

A Extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade. (Política Nacional de Extensão Universitária, 2012, p. 16)

Foi a partir da década de 1960 que a extensão que conhecemos hoje “[...] tomou corpo quando surgiram ações de compromisso com as classes populares, com a intencionalidade de conscientizá-las sobre seus direitos” (Gadotti, 2017, p. 1) e desde então se fazem presentes no ambiente universitário.

Para que a serventia da Universidade melhor se faça sentir no contexto de problemas da comunidade - cumpre às instituições de ensino superior que se adaptem às exigências estruturais e sistêmicas da extensão universitária e contem com a conscientização de suas comunidades internas quanto à importância da política extensionista a assumir. (Universidade Estadual de Ponta Grossa, 1982, p. 21)

Em 2012, o Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras instituiu a Política Nacional de Extensão Universitária, visando materializar o compromisso da Universidade com a sociedade em busca da mudança social em direção à justiça, à solidariedade e à democracia.

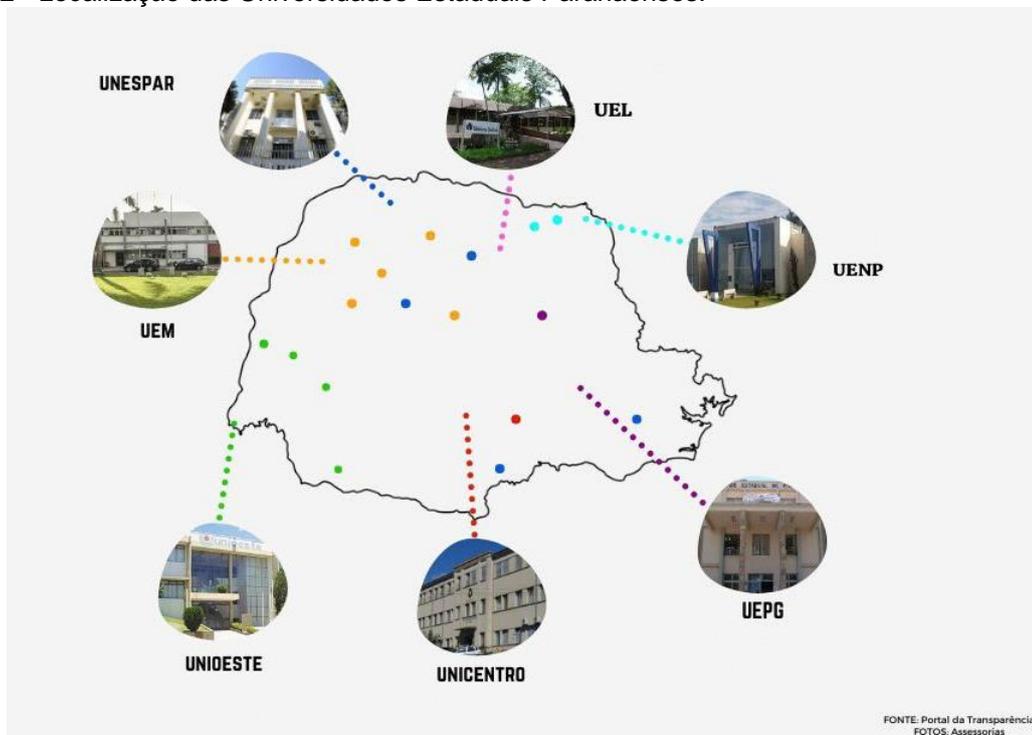
A Política Nacional de Extensão Universitária estabeleceu diretrizes que devem orientar a formulação e implementação das ações de extensão universitária, sendo elas: Interação Dialógica, Interdisciplinariedade e interprofissionalidade, Indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão, Impacto na Formação do Estudante e Impacto e Transformação Social (Política Nacional de Extensão Universitária, 2012).

Ainda, o fortalecimento da extensão universitária e o compromisso com o enfrentamento da vulnerabilidade e combate de todas as formas de desigualdade, alia-se aos interesses sociais e articulam-se aos movimentos sociais na defesa dos direitos. Propiciando o diálogo entre universidade e movimento sociais.

É por este motivo que a presente pesquisa buscou incluir tanto os grupos de pesquisa, quanto os projetos e programas de extensão das universidades estaduais, considerando o aspecto teórico-prático da sororidade, enquanto pauta do movimento feminista e objeto de estudo das pesquisadoras e enquanto vivência pessoal/profissional das mulheres inseridas nos espaços de pesquisa e extensão das universidades.

No Brasil, o Estado do Paraná conta com a presença de sete universidades estaduais, além das federais e privadas. Na região paranaense, as Universidades Estaduais estão distribuídas geograficamente em diversas cidades do Estado, na figura abaixo é possível visualizar a localização de cada uma delas e seus respectivos campuses.

Figura 2 - Localização das Universidades Estaduais Paranaenses.



Fonte: Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (2021). Disponível em: <https://www.andes.org.br/conteudos/noticia/professores-temporarios-representam-29-dos-docentes-da-rede-estadual-de-ensino-superior-do-pR1>. Acesso em: 27 de jan. 2023.

Obs.: A imagem foi alterada pela autora.

Observa-se que os campuses universitários estaduais estão espalhados pelo Estado Paranaense, promovendo o acesso da população ao ensino superior. Destaca-se que na imagem apresenta-se apenas as instituições Estaduais de ensino superior, desconsiderando neste momento as instituições de ensino superior federais e privadas. Além disso, cada cor indica uma instituição, ou seja, cada ponto espalhado se refere ao campus da universidade de referência em outras cidades.

Em todas as universidades estaduais do Paraná, a pesquisa e a extensão são desenvolvidas através das Pró-reitorias de Pesquisa e Pró-reitorias de Extensão. Na sequência, nas próximas seções vislumbra-se uma breve apresentação das Universidades Estaduais Paranaenses. Os dados apresentados foram obtidos através das páginas eletrônicas das universidades, cabe considerar que algumas das páginas estão desatualizadas e/ou que não disponibilizam a mesma informação que a página de outras universidades, assim inviabilizou seguir o mesmo padrão de informações, no entanto, buscou-se apresentar dados referentes à pesquisa e à extensão das universidades.

3.1.1 Universidade Estadual de Ponta Grossa

A Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) foi fundada em novembro de 1969, sua sede está localizada em Ponta Grossa/PR onde possui dois campus, um localizado na Praça Santos Andrade, 01 - Centro e outro na Avenida General Carlos Cavalcanti, 4748 - Uvaranas. Nas figuras 3 e 4 observa-se a fachada dos dois campus.

Figura 3 - Fachada do campus da UEPG localizado no centro de Ponta Grossa.



Fonte: Arquivo CCom. 2021. Disponível em: <<https://www.uepg.br/uepg-e-destaque-em-ranking-da-revista-britanica-the/>> Acesso em: 03 de mar. de 2023

Figura 4 - Fachada do campus da UEPG localizado no Bairro de Uvaranas.



Fonte: Aline Jasper. 2020. Disponível em: <https://www.uepg.br/novo-portal-uvaranas/>. Acesso em: 03 de mar. 2023.

Há também um polo da UEPG na cidade de Telêmaco Borba/PR, onde ocorrem atividades voltadas para o ensino e extensão da referida universidade.

As primeiras atividades extensionistas na instituição ocorreram no ano de 1971, logo em 1973 houve a criação do Grupo de Teatro Universitário e do Festival Nacional de Teatro Amador (FENATA) que segue fazendo parte das atividades culturais extensionistas até o momento. (Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2023)

As atividades extensionistas da UEPG ultrapassam as fronteiras locais e são desenvolvidas em outros municípios, contemplando não só a cidade de Ponta Grossa,

mas toda a região ao entorno. Recentemente a Diretoria de Extensão Universitária da Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) e Assuntos Culturais construíram um mapa⁸ das atividades extensionistas provenientes de Programas e Projetos de Extensão e chegou a um resultado de 218 ações extensionistas, sendo que 19 correspondem à Programas e 192 à Projetos, distribuídos em várias cidades (Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2023)

Enquanto que as atividades de pesquisa sempre acompanharam a instituição desde o início, foram sendo aprimoradas e ampliadas e atualmente são coordenadas pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, que é responsável por toda pesquisa que é desenvolvida na universidade, desde a iniciação científica júnior (destinado aos alunos do ensino médio) até a pós-graduação.

3.1.2 Universidade Estadual de Londrina

A Universidade Estadual de Londrina (UEL) iniciou suas atividades em 1970 e tem o seu campus localizado na Rodovia Celso Garcia Cid, PR-445, Km 380 - Campus Universitário na cidade de Londrina/PR. No Índice Geral dos Cursos (IGC), do Ministério da Educação (MEC), é a 1ª estadual do Paraná e a 4ª estadual do país. Desde a sua criação, as lideranças do Norte do Paraná entenderam a necessidade do ensino superior no desenvolvimento local e assim passaram a investir na instituição.

Na figura abaixo é possível conhecer a fachada do Campus Universitário.

⁸ O mapa está disponível para acesso no link:
<https://www.google.com/maps/d/u/0/embed?mid=1cTUE96hwbZK30J0JYoldC13gkD7-teMH&ll=24.481452257278004%2C-51.11848529989548&z=9>

Figura 5 - Fachada do Campus da UEL



Fonte: Agência UEL. 2023. Disponível em: https://www.uel.br/com/agenciaueldenoticias/index.php?arq=ARQ_not&id=30470. Acesso em: 03 de mai. 2023.

A articulação e gestão das atividades de pesquisa e pós-graduação na Universidade é responsabilidade da Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação (PROPPG), que conta com 32 cursos de Doutorado, 47 Mestrados, 72 Residências e 40 Especializações (Universidade Estadual de Londrina, 2023).

No que se refere à extensão, a UEL realiza ações que contemplam as áreas de comunicação, cultura, educação, meio ambiente, direito humanos e justiça, tecnologia e produção, trabalho e saúde. Destacam-se projetos voltados ao empreendedorismo, agricultura orgânica, assistência jurídica e psicológica, e atividades culturais (Universidade Estadual de Londrina, 2023). Essas ações são de responsabilidade da Pró-reitoria de Extensão, Cultura e Sociedade (PROEX).

Os dados publicados em 2022 mostram que a instituição executou 1.518 projetos de pesquisa e 244 projetos de extensão no referido ano (Universidade Estadual de Londrina, 2022). Além disso, a instituição vem se solidificando no cenário internacional através do impacto das pesquisas desenvolvidas e também orienta processos de revalidação de diplomas estrangeiros.

3.1.3 Universidade Estadual de Maringá

A UEM foi fundada em 1969, sua sede principal e administrativa está localizada na Avenida Colombo, 5790 - Zona 7, Maringá/PR e possui campus nas cidades de

Cianorte, Cidade Gaúcha, Goioerê, Ivaiporã e Umuarama, e extensões nos distritos de Floriano e Iguatemi e na cidade de Porto Rico. A figura retrata a fachada da sede localizada na cidade de Maringá

Figura 6 - Fachada do campus da UEM em Maringá



Fonte: RPC Maringá. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pr/norte-noroeste/noticia/2022/09/23/uem-prorroga-prazo-de-inscricao-do-vestibular-ate-5-de-outubro.ghml>>. Acesso em: 03 de mai. 2023.

Desde a sua criação, ao longo dos anos novos cursos e atividades foram sendo incorporados e desenvolvidos pela instituição. Em relação à pesquisa, teve aumento significativo a partir de 1979, acompanhando o aumento de projetos, houve diversificação de áreas de pesquisa e a necessidade de se estender suas bases tanto para coleta de dados de campo como para levar essas atividades a outros lugares, o que resultou na criação de campi nas cidades citadas. (Universidade Estadual de Maringá, 2023). As atividades voltadas para pesquisas são concentradas na Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PPG). Conta com 55 Programas de Pós-Graduação, entre cursos de Mestrado e Doutorado e em 2020 a universidade contava com 826 projetos de pesquisa institucionais, cadastrados e em andamento, e 304 grupos de pesquisa cadastrados no Diretório de Grupos Pesquisa do CNPq (Universidade Estadual de Maringá, 2020).

A extensão universitária é coordenada pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PEC) que busca efetivar a interação entre a Universidade e a comunidade externa, colaborando nos aspectos sociais, culturais e tecnológicos, articulando à

extensão ao ensino e à pesquisa de modo indissociável e viabilizando a relação transformadora entre a universidade e a sociedade. Não havia disponível dados referentes à extensão na universidade, como o número de programas/projetos de extensão

3.1.4 Universidade Estadual do Oeste do Paraná

A Unioeste foi fundada em 1987 e tem sua sede administrativa localizada na Rua Universitária, 1619 - Universitário, Cascavel na cidade de Cascavel/PR. Além do campus de Cascavel (figura 7), possui campus em Foz do Iguaçu (figura 8), Francisco Beltrão (figura 9), Marechal Cândido Rondon (figura 10) e Toledo (figura 11).

Figura 7 - Fachada da Unioeste em Cascavel/PR



Fonte: UNIOESTE. 2023. Disponível em: <<https://www.unioeste.br/portal/inicio/administracao/gabinete-reitoria#>>. Acesso em: 04 de mai. 2023.

Figura 8 – Fachada da Unioeste Campus em Foz do Iguaçu/PR



Fonte: Unioeste, 2024. Disponível em: <https://www5.unioeste.br/portaunioeste/pos/atalhos/campus-de-foz-do-iguacu>. Acesso em: 20 de jun. 2024

Figura 9 – Fachada da Unioeste campus de Francisco Beltrão/PR



Fonte: Unioeste, 2024. Disponível em: <https://www5.unioeste.br/portaunioeste/pos/atalhos/campus-de-foz-do-iguacu>. Acesso em: 20 de jun. 2024

Figura 10 – Fachada da Unioeste campus de Marechal Candido Rondon/PR



Fonte: Unioeste, 2024. Disponível em: <https://www5.unioeste.br/portaunioeste/pos/atalhos/campus-de-foz-do-iguacu>. Acesso em: 20 de jun. 2024

Figura 11 – Fachada da Unioeste campus de Toledo/PR



Fonte: Unioeste, 2024. Disponível em: <https://www5.unioeste.br/portaunioeste/pos/atalhos/campus-de-foz-do-iguacu>. Acesso em: 20 de jun. 2024

A Unioeste abrange um total de 94 municípios, sendo 52 municípios na região oeste e 42 municípios na região sudoeste do Paraná e tem como missão produzir, sistematizar e socializar o conhecimento, contribuir com o desenvolvimento humano, científico, tecnológico e regional e comprometer-se com a justiça, democracia e cidadania.

A produção da pesquisa na instituição é de responsabilidade da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PRPPG). Até o ano de 2021 a instituição contava com a presença de 272 grupos de pesquisa e 166 projetos individuais de pesquisa, que se destacavam em alguns dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), como erradicação da pobreza, fome zero e agricultura sustentável, saúde e bem-estar, entre outros. (Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2021)

Além disso, a Universidade estabelece parcerias com alguns municípios do Paraná e com algumas empresas, no desenvolvimento de pesquisas.

As atividades são desenvolvidas através da Pró-Reitoria de Extensão, buscando materializar o compromisso da Universidade com a sociedade, compartilhando o conhecimento construído no ambiente universitário. As ações extensionistas representam a troca de saberes entre a comunidade e a Universidade. (Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2023)

Atualmente a instituição conta com 36 projetos e 11 programas de extensão desenvolvidos nos campi das demais cidades em que a UNIOESTE está presente.

3.1.5 Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná

A Unicentro é uma das mais novas instituições Estaduais de ensino superior do Paraná, teve sua criação no ano de 1990 e a partir de 1997 iniciou a sua ampliação, incluindo novos cursos em diversas áreas do conhecimento. Até o presente momento conta com 40 cursos de graduação, diversos cursos de pós-graduação em nível de especialização lato sensu e 17 programas stricto sensu, com 17 mestrados e 8 doutorados. (Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná, 2023)

Instalada na região central do Estado, tem a sua sede principal localizada na cidade de Guarapuava/PR, onde há dois campi: Santa Cruz (figura 12), localizado no endereço Rua Padre, R. Salvatore Renna, 875 - Santa Cruz, e Cedeteg, localizado no endereço Alameda Élio Antonio Dalla Vecchia, 838 - Vila Carli, além disso possui campi nas cidades de: Irati/PR (figura 14); Chopinzinho/PR (figura 15); Coronel Vivida/PR⁹; Laranjeiras do Sul/PR¹⁰; Pitanga/PR (figura 16) e Prudentópolis/PR (figura 17).

⁹ Não encontrado imagem do campus em Coronel Vivida/PR

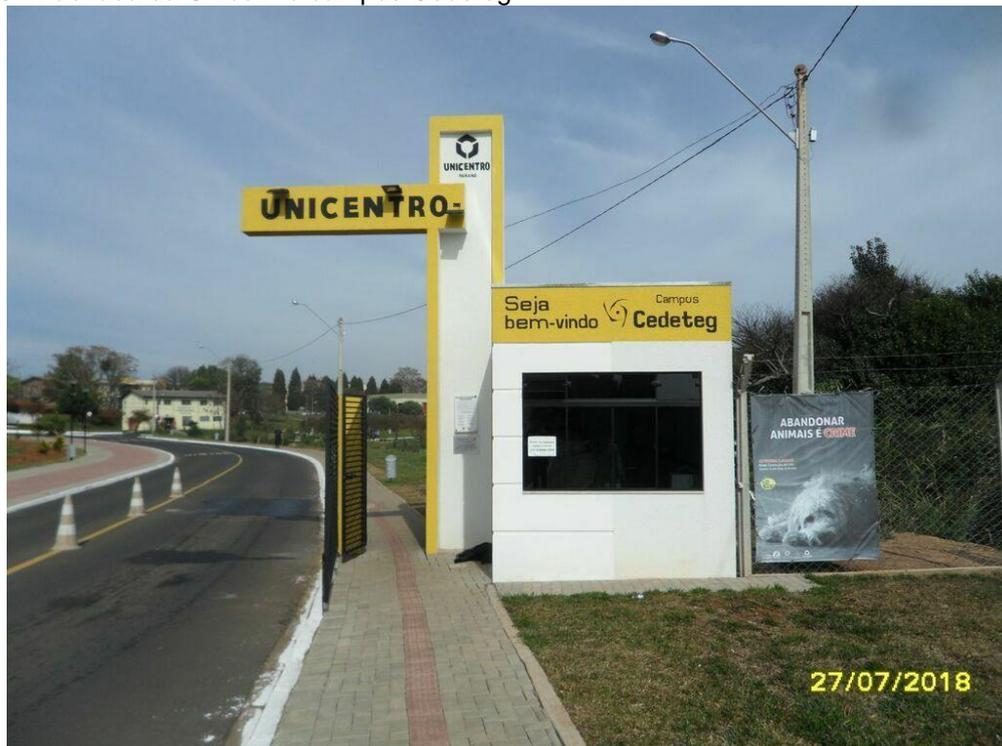
¹⁰ Não encontrado imagem do campus em Laranjeiras do Sul/PR

Figura 12 - Fachada da UNICENTRO campus Santa Cruz.



Fonte: UNICENTRO, 2023. Disponível em: <<https://www3.unicentro.br/slide01-revolution1/>>. Acesso em: 06 de mai. 2023.

Figura 13 - Fachada da Unicentro campus Cedeteg.



Fonte: UNICENTRO. 2018. Disponível em: <<https://www3.unicentro.br/proplan/2017/06/08/novo-acesso-campus-cedeteg/>>. Acesso em: 04 de mai. 2023.

Figura 14 – Fachada da Unicentro campus de Irati/PR



Fonte: Unicentro, 2024. Disponível em: https://www3.unicentro.br/fachada-irati_3/. Acesso em 20 de jun. 2024

Figura 15 – Fachada da Unicentro campus de Pitanga/PR



Fonte: Unicentro, 2024. Disponível em: <https://www3.unicentro.br/campi-avancados/>. Acesso em 20 de jun. 2024

Figura 16 – Fachada da Unicentro campus de Prudentópolis/PR



Fonte: Unicentro, 2024. Disponível em: <https://www3.unicentro.br/campi-avancados/>. Acesso em 20 de jun. 2024

A Unicentro abrange mais de cinquenta municípios, atingindo uma população de mais de 1 milhão de habitantes, para os quais oferece oportunidades de formação superior com cursos de graduação e de pós-graduação, além de uma variada gama de serviços que propiciam o desenvolvimento regional (Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná, 2023).

A Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEC) e a Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação são responsáveis por planejar, coordenar, executar, orientar e controlar todas as atividades referentes à pesquisa e a extensão da instituição. Atualmente a universidade conta com 188 grupos de pesquisa em 50 diferentes áreas do conhecimento.

No que se refere à extensão a Unicentro, considerando os seus campuses, no ano de 2022 a universidade contava com aproximadamente 43 programas de extensão, em diversas áreas do conhecimento, como comunicação, cultura, direitos humanos e justiça, entre outros, além de outras atividades de extensão como eventos, cursos e prestação de serviços extensionistas (Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná, 2022) e que se estendem às cidades de abrangência da universidade no Estado.

3.1.6 Universidade Estadual do Norte do Paraná

A Universidade Estadual do Norte do Paraná foi criada em 2006, tendo a sua sede principal na cidade de Jacarezinho/PR (figura 20) e campus nas cidades de Bandeirantes/PR (figura 21) e Cornélio Procópio/PR (figura 22) e busca contribuir com o crescimento do Paraná e do país.

Figura 17 - Fachada da Reitoria da UENP em Jacarezinho/PR.



Fonte: UENP. 2015. Disponível em: <<https://uenp.edu.br/noticias/item/1484-uenp-obt%C3%A9m-conceito-4-pelo-mec-em-sete-cursos-ofertados-pela-institui%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 06 de mai. 2023.

Figura 18 – Fachada da UENP campus de Bandeirantes/PR



Fonte: UENP. 2024. Disponível em: <https://uenp.edu.br/clm/itemlist/category/15-noticias-uenp-clm?start=65>. Acesso em: 21 de jun. 2024

Figura 19 – Fachada da UENP campus de Cornélio Procópio/PR



Fonte: UENP. 2024. Disponível em: <https://uenp.edu.br/clm/itemlist/category/15-noticias-uenp-clm?start=65>. Acesso em: 21 de jun. 2024

A estrutura física da Universidade é composta por mais de 60 laboratórios, cinco bibliotecas, Hospital Veterinário, Clínicas de Fisioterapia, de Odontologia e de Enfermagem, Escritório Modelo, Fazenda-Escola, Brinquedotecas, auditórios, salas de aula e o Parque Universitário de Ciência Cultura e Inovação, que reúne espaços para práticas de esporte, além de ações culturais e lazer. (Universidade Estadual do Norte Do Paraná, 2023)

A Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPG) é responsável pelas pesquisas desenvolvidas na instituição, atualmente a Universidade conta com 88 grupos de pesquisa. Também, através da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEC) a universidade conta com mais de 100 programas e projetos de extensão sendo desenvolvidos atualmente tanto a pesquisa, quanto a extensão, contemplam as diversas áreas de conhecimento.

3.1.7 Universidade Estadual do Paraná

A Universidade Estadual do Paraná (Unespar) foi criada no ano de 2001, com a sede da Reitoria na cidade de Paranavaí/PR (figura 23), além disso é formada por sete campus nas cidades de Apucarana/PR (figura 24), Campo Mourão/PR, Curitiba/PR (figura 25), Paranaguá/PR (figura 26) e União da Vitória/PR (figura 27). Oferece cursos de graduação e pós-graduação *lato sensu* e *stricto sensu*, atingindo

150 municípios que, juntos, formam uma população média de 4,5 milhões de pessoas. (Universidade Estadual do Paraná, 2023)

Figura 20 - Fachada da Unespar campus de Paranavaí/PR.



Fonte: Agência Estadual de Notícias. 2022. Disponível em: <<https://www.aen.pr.gov.br/Noticia/Unespar-divulga-resultado-do-Vestibular-2023-matriculas-serao-de-7-9-de-fevereiro>>. Acesso em: 06 de mai. 2023.

Figura 21 – Fachada da Unespar campus de Apucarana/PR



Fonte: Unespar, 2024. Disponível em: <https://apucarana.unespar.edu.br/graduacao/letras-portugues-1/estrutura>. Acesso em: 21 de jun. 2024

Figura 22 – Fachada da Unespar campus de Paranaguá/PR



Fonte: Unespar, 2024. Disponível em: <https://apucarana.unespar.edu.br/graduacao/letras-portugues-1/estrutura>. Acesso em: 21 de jun. 2024

Figura 23 – Fachada da Unespar campus de União da Vitória/PR



Fonte: Unespar, 2024. Disponível em: <https://apucarana.unespar.edu.br/graduacao/letras-portugues-1/estrutura>. Acesso em: 21 de jun. 2024

Além disso, a Universidade oferece atividades de pesquisa e extensão. A Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEC) tem o compromisso de promover o diálogo entre o saber científico produzido na Universidade e os saberes leigos, populares e tradicionais proveniente de diferentes culturas. Os programas e projetos de extensão estão distribuídos entre os campus das cidades.

A Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PRPPG) é responsável por toda ação de pesquisa desenvolvida na Universidade, podendo ser vinculada a Grupos de Pesquisa ou a Projetos de Pesquisa que também estão distribuídos entre os campuses.

3.2 ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA DE CAMPO

Foram aplicados dois formulários¹¹: um destinado às participantes de grupos de pesquisas e outro destinado às participantes dos programas/projetos de extensão selecionados a partir do edital. Ambos foram aplicados no período de setembro/2022 a junho/2023. O período foi delimitado aleatoriamente, considerando o tempo de aprovação do comitê de ética, envio dos Termos de Anuência e novas estratégias para obter as respostas dos formulários. Os dois formulários continham as mesmas perguntas. O público participante foi selecionado conforme apresentado na seção "percurso metodológico". Ao todo obteve-se 19 respostas, a expectativa era de que se tivesse um número maior de participações, no entanto, foi suficiente para realizar a análise de conteúdo.

Sendo assim, a análise se dará com base nestas respostas, destaca-se que não é uma análise absoluta e que não reflete uma realidade generalizada sobre a sororidade nas universidades paranaenses, porém traz alguns indicativos sobre o conceito da sororidade.

Os dados serão apresentados de acordo com as categorias de análise definidas a partir da análise de conteúdo, selecionadas após a tabulação e pré-tratamento dos dados. As categorias definidas são: a) Características das Participantes; b) Valores e elementos da sororidade e; c) Sororidade e seus aspectos teórico-práticos.

Essas categorias foram definidas a partir dos elementos que se destacaram nas respostas do formulário. A categoria "características das participantes" permite conhecer o perfil acadêmico das respondentes, o que refletirá no conhecimento sobre o tema da pesquisa, por isso é importante conhecer quais espaços elas estão inseridas dentro da universidade.

¹¹ A aplicação de dois formulários se deu exclusivamente pela adaptação da linguagem, tendo em vista que um se destinou às participantes de grupos de pesquisas e outro às participantes dos programas/projetos de extensão.

A categoria “valores e elementos da sororidade” foi definida a partir da identificação dos valores e dos elementos da sororidade citados pelas respondentes e que permitiram identificar a presença da sororidade nos discursos destacados no decorrer da próxima seção.

Enquanto a categoria “sororidade e seus aspectos teórico-práticos” demonstram a relação entre a teoria e a prática da sororidade e alguns conflitos que essa relação apresenta em alguns momentos.

3.2.1 Características das Participantes

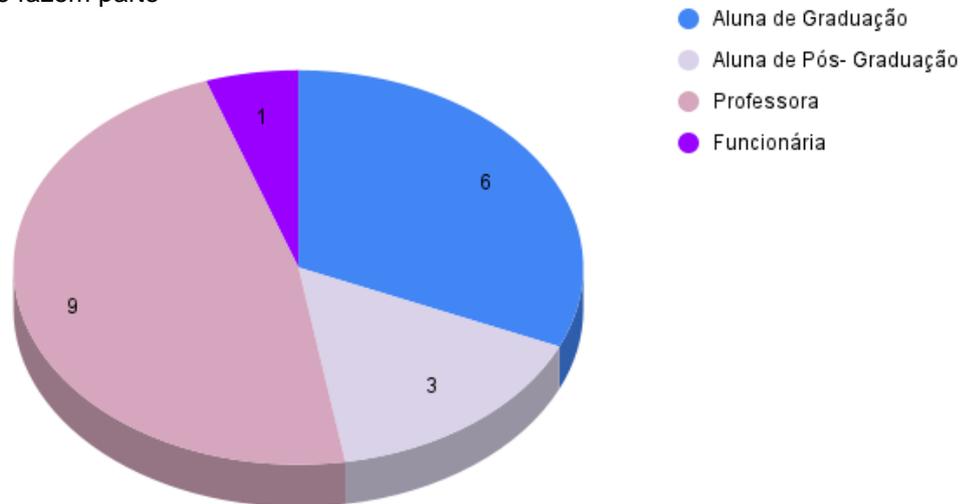
As características do perfil das participantes desta pesquisa não foram pré-definidas, ou seja, poderiam participar todas as mulheres que faziam parte do grupo de pesquisa ou programa/projeto de extensão selecionados (conforme descrito na seção “Percurso Metodológico”). Ter conhecimento das características do perfil das participantes da pesquisa se faz necessário para compreender as diferentes respostas, a fim de “especificar a quem os achados do estudo se aplicam e esclarecer a generalização dos resultados, bem como quaisquer possíveis limitações” (Universidade Federal de Minas Gerais, 2020) e que impactam na análise, por exemplo entre as respondentes há alunas de graduação e professoras universitárias, não há como nivelar o conhecimento de todas, considerando que são vivências diferentes, porém o fato de não poder nivelar os diferentes níveis de conhecimento, não invalida o objetivo da pesquisa

Optou-se por não separar a análise dos dados por perfil (professoras e alunas), mas sim, realizar uma única análise considerando todos os dados obtidos. As principais características identificadas foram: 1) forma de participação no grupo de pesquisa ou programa/projeto de extensão; 2) Curso de formação; 3) Grupo de pesquisa ou programa/projeto de pesquisa que participa; 3) Universidade a qual está vinculada; 4) Tempo de participação no referido grupo pesquisa ou programa/projeto de extensão; 5) Se já esteve em contato com outros espaços que perpassa pela temática mulher; 6) Em quais meios já ouviu falar sobre a sororidade; e 7) O grau de informação sobre a sororidade.

Das 19 mulheres que responderam o formulário, 5 atuam em grupos de pesquisa e 14 atuam em programas/projetos de extensão, sendo que: 9 atuam como

professoras, 6 como alunas de graduação, 3 como alunas de pós-graduação e apenas 1 como funcionária

Gráfico 1 - A forma de participação das respondentes nos grupos de pesquisa e programa/projetos de extensão que fazem parte



Fonte: Google Forms. 2023. Organização: a autora.

A forma da participação das mulheres indica o seu grau de formação, o que reflete no aprofundamento teórico de certos conceitos e também nas vivências pessoais nos espaços que frequentam, principalmente no ambiente universitário. A percepção sobre alguns assuntos pode variar conforme a forma de participação. Além da forma de participação, é necessário conhecer o perfil profissional dessas mulheres, qual a área de formação, qual grupo de pesquisa ou projeto de extensão que faz parte e a quanto tempo e à qual universidade está vinculada. Essas informações podem ser consultadas no quadro abaixo

Quadro 7 - Perfil profissional das respondentes

	CURSO DE FORMAÇÃO	GRUPO DE PESQUISA/ PROGRAMA/PROJETO DE EXTENSÃO	UNIVERSIDADE	TEMPO
Respondente 1	História Social	Gênero, Trabalho e Políticas Públicas	UNESPAR - Campus Paranavaí	mais de 2 anos
Respondente 2	Serviço Social	Questão Ambiental, Gênero e Condição de Pobreza	UEPG	1 a 2 anos
Respondente 3	Jornalismo	Jornalismo e Gênero	UEPG	mais de 2 anos

	CURSO DE FORMAÇÃO	GRUPO DE PESQUISA/ PROGRAMA/PROJETO DE EXTENSÃO	UNIVERSIDADE	TEMPO
Respondente 4	Serviço Social	Questão Ambiental, Gênero e Condição de Pobreza	UEPG	mais de 2 anos
Respondente 5	Serviço Social	Feminismos e Violência	UNICENTRO - Campus Santa Cruz	mais de 2 anos
Respondente 6	Engenharia de Produção	Elas inspiram: Capacitação e empoderamento feminino	UNESPAR - Campus Paranaguá	1 a 2 anos
Respondente 7	Engenharia de Produção	Elas inspiram: Capacitação e empoderamento feminino	UNESPAR - Campus Paranaguá	1 a 2 anos
Respondente 8	Engenharia de Produção	Elas inspiram: Capacitação e empoderamento feminino	UNESPAR - Campus Paranaguá	1 a 2 anos
Respondente 9	Engenharia de Computação	Proteção e empoderamento de mulheres: desenvolvimento de aplicativo de segurança para celulares e de cursos de formação para rompimento do ciclo de violência	UEPG	Menos de 1 ano
Respondente 10	Economia	Não informado	UEM	Menos de 1 ano
Respondente 11	Enfermagem	Não informado	UEM	Mais de 2 anos
Respondente 12	História	Laboratório de Estudos de Gênero, Diversidade, Infância e Subjetividades	UEPG	Mais de 2 anos
Respondente 13	Jornalismo	Elos	UEPG	Menos de 1 ano
Respondente 14	Serviço Social	Mulheres na Economia Solidária: Perspectivas de empoderamento na cidade de Ponta Grossa e região	UEPG	Menos de 1 ano
Respondente 15	Serviço Social	Mulheres na Economia Solidária: Perspectivas de empoderamento na cidade de Ponta Grossa e região	UEPG	Menos de 1 ano
Respondente 16	Serviço Social	Mulheres na Economia Solidária:	UEPG	Menos de 1 ano

	CURSO DE FORMAÇÃO	GRUPO DE PESQUISA/ PROGRAMA/PROJETO DE EXTENSÃO	UNIVERSIDADE	TEMPO
		Perspectivas de empoderamento na cidade de Ponta Grossa e região		
Respondente 17	Serviço Social	Mulheres na Economia Solidária: Perspectivas de empoderamento na cidade de Ponta Grossa e região	UEPG	Menos de 1 ano
Respondente 18	Direito	Combate à Pobreza Menstrual Carcerária	UEPG	Menos de 1 ano
Respondente 19	Serviço Social	Combate à Pobreza Menstrual Carcerária	UEPG	Menos de 1 ano

Fonte: Google Forms. 2023. Organização: a autora.

Conforme as informações contidas no quadro, observa-se que 8 participantes possuem em comum a área de formação em Serviço Social, seguido de 3 participantes com formação em Engenharia de Produção, o restante das participantes possui formações variadas, entre Jornalismo, Direito, História, Economia, Enfermagem e Engenharia da Computação.

São variados os grupos de pesquisas e programas/projetos de extensão e todos perpassam por temas que envolvem a questão de gênero e da mulher na sociedade, apenas 2 participantes não informaram o nome do grupo de pesquisa ou programa/projeto de extensão.

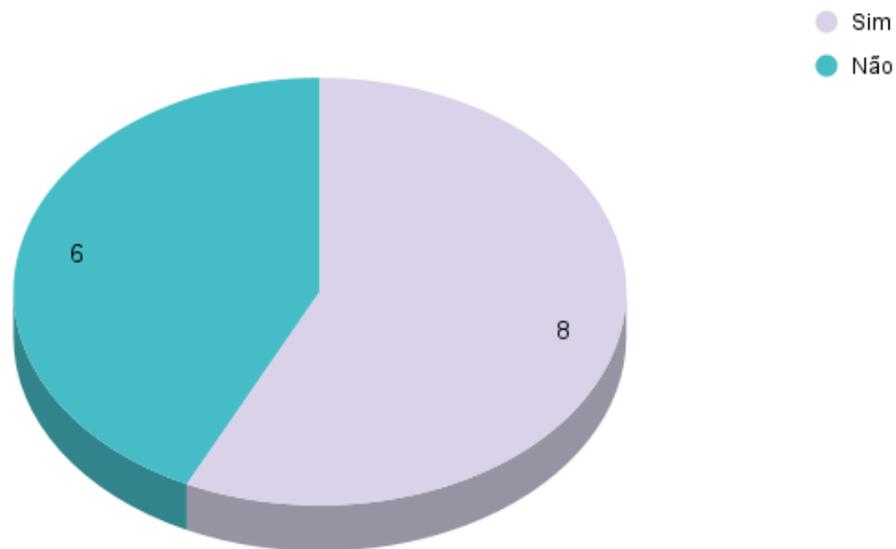
Sobre o tempo de participação no grupo de pesquisa ou programa/projeto de extensão, 9 participantes indicaram que fazem parte há menos de 1 ano, 6 participantes fazem parte há mais de 2 anos e 4 fazem parte entre 1 a 2 anos. Cabe ressaltar que o Programa Mulheres Paranaenses: Empoderamento e Liderança iniciou em 2022, então os projetos/programas de extensão que foram aprovados pelo programa são recentes, o que pode justificar a participação por menos de 1 ano.

Observa-se também a predominância da participação da UEPG, seguido da UNESPAR, da Unicentro e da UEM, não houve a participação de nenhum grupo de pesquisa ou programa/projeto de extensão da UEL, da Unioeste e da UENP. A maior

participação da UEPG pode estar relacionada ao fato dessa pesquisa estar vinculada a referida universidade, o que pode ter motivado a maior participação dos grupos de pesquisas e dos programas/projetos de extensão.

No formulário destinado à extensão, incluiu-se uma questão, que deveria ser respondida apenas pelas participantes dos programas/projetos de extensão (14 respondentes)¹², referente à participação em outros espaços que discutem a temática da mulher, o que se observa no gráfico abaixo

Gráfico 2 - Para além deste programa/projeto, você já esteve em contato com outros espaços que perpassa pela temática mulher?



Fonte: Google Forms. 2023. Organização: a autora.

O gráfico revela que 8 das mulheres que estão inseridas nos programas/projetos de extensão já participaram de outros espaços que perpassam pela temática da mulher, no quadro abaixo está exposto quais espaços elas participaram

Quadro 8 - Participação em outros espaços que perpassam pela temática da mulher

	Espaços de participação
Respondente 8	Exercício físico para mulheres -1 ano - UFPR
Respondente 9	Exercício físico para mulheres -1 ano - UFPR
Respondente 10	Outros projetos de extensão universitária, vinculados à Incubadora de

¹² Essa é a única pergunta que foi exclusivamente respondida pelas participantes de programas/projetos de extensão, totalizando 14 participantes.

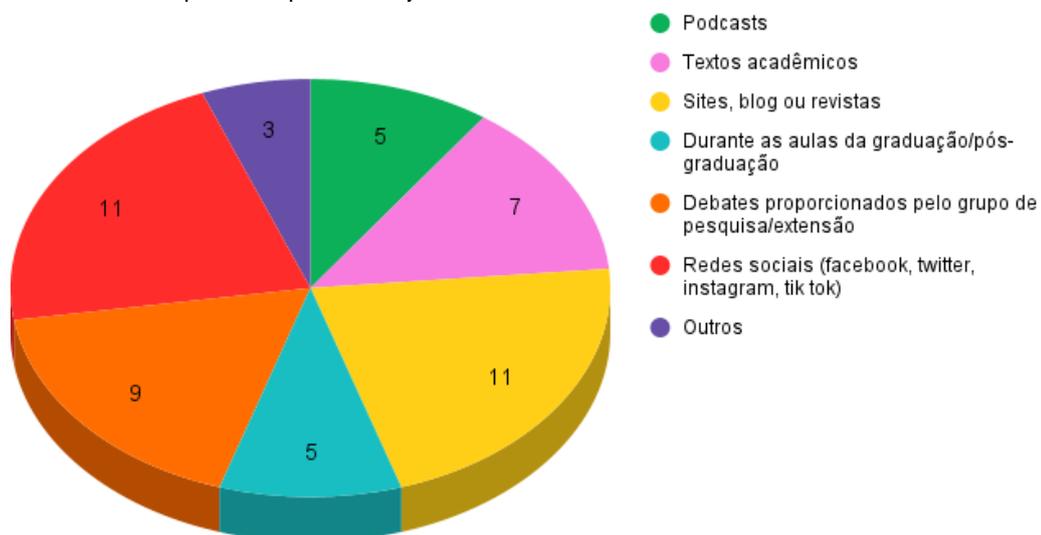
	Economia Solidária, desde o ano de 2015.
Respondente 11	Espaço Saúde reprodutiva, no Museu Dinâmico Interdisciplinar da UEM
Respondente 12	Conselho municipal da mulher de Ponta Grossa; Grupos feministas da UEPG e outras universidades
Respondente 14	Projeto de Extensão NUMAPE - Núcleo Maria da Penha
Respondente 18	Trabalhos acadêmicos voltados ao tratamento recebido pelas mulheres nos ambientes carcerários

Fonte: Google Forms. 2023. Organização: a autora.

A participação em outros espaços acadêmicos que discutem a questão da mulher demonstra maior aproximação com temas referente às questões de gênero e possivelmente maior conhecimento sobre conceitos pertinentes ao assunto e maiores vivências práticas que as aproximam ainda mais do tema.

A próxima pergunta busca saber se já haviam ouvido falar sobre a sororidade e todas as 19 participantes responderam que sim, já haviam ouvido falar sobre o tema, para complementar a pergunta questionou-se através de qual meio ouviram falar, ressalta-se que nesta pergunta as respondentes poderiam marcar mais de uma opção

Gráfico 3 - O meio em que as respondentes já ouviram sobre sororidade.



Fonte: Google Forms. 2023. Organização: a autora.

De acordo com o gráfico 3 observa-se que a maior incidência das respostas é para *redes sociais (facebook, twitter, instagram, tik tok)* e *sites, blogs ou revistas*, ambos correspondendo à 11 respostas, seguido de *debates proporcionados pelo grupo de pesquisa/extensão*, com 9 respostas; *textos acadêmicos* com 7 respostas;

durante as aulas da graduação/pós-graduação e podcasts, ambos com 5 respostas e por fim, 3 participantes selecionaram a opção *outros* e incluíram *rodas de conversa sobre a temática feminista, em espaços diversos; reuniões de coletivos feministas e; movimentos sociais*. Em se tratando do meio em que as participantes responderam que já ouviram falar sobre a sororidade e considerando que a maior incidência de respostas foi através de redes sociais, Biondi e Marques (2022) consideram que

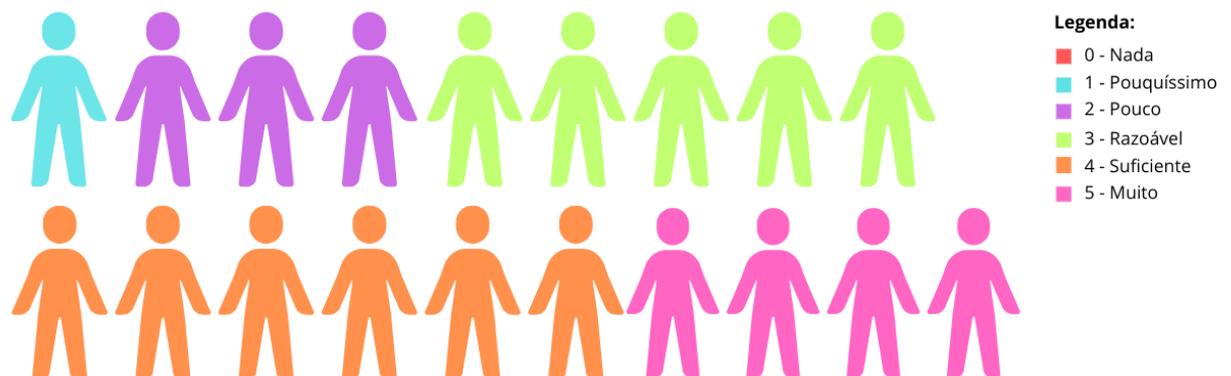
As redes sociais, hoje, têm um papel de destaque na popularização do movimento, pois ideias feministas antes restritas a pequenos grupos são disseminadas e compartilhadas com amplo alcance, permitindo a troca de saberes, a mobilização em ampla escala e a articulação de demandas diversas. (Biondi; Marques, 2022, p. 8)

Não há como descartar que a internet atualmente se tornou um grande meio de comunicação e de popularização do conhecimento, que antes muitas vezes ficava restrito ao meio acadêmico, no entanto não deixa de ser necessário que os conceitos sejam discutidos teoricamente no meio acadêmico.

As informações contidas no quadro 8, complementam o gráfico 3, já que o meio em que ouviram falar sobre a sororidade, está atrelado também aos espaços que já participaram e que pautavam a temática da mulher. A participação em outros projetos/programas de extensão permite que a respondente tenha mais vivência acadêmica e que possa se aproximar mais da discussão sobre a sororidade no ambiente acadêmico.

Para mensurar o grau de informação que as respondentes têm sobre o tema, foi questionado o quanto elas avaliam que sabem sobre o conceito da sororidade em uma escala de 0 (nada) a 5 (muito), os resultados podem ser vistos no gráfico abaixo:

Gráfico 4 - O grau de informação das respondentes sobre sororidade em uma escala de 0 (nada) a 5 (muito)



Fonte: Google Forms. 2023. Organização: a autora.

Não houve nenhuma resposta para nada, apenas uma respondente indicou que conhece pouquíssimo, houveram três respostas para pouco, para razoável houveram cinco respostas, enquanto que para suficiente e muito, houveram respectivamente 6 e 4 respostas. Ou seja, pouco mais da metade das respondentes indicaram que conhecem o suficiente ou muito sobre o tema e menos da metade possui um conhecimento razoável ou pouco sobre o tema.

O grau de informação que as respondentes têm sobre o tema refletirá nas próximas perguntas do formulário, que são especificamente sobre o conceito e a prática da sororidade, baseando-se na teoria da autora Marcela Lagarde Y De Los Ríos (2012) e de outras autoras que seguem a sua mesma perspectiva teórica.

Até aqui, buscou-se apresentar algumas características no aspecto profissional/acadêmico das respondentes dessa pesquisa e identificar de que forma a sororidade está presente na realidade (seja de forma prática ou teórica) de cada uma.

3.2.2 Valores e elementos da sororidade

Marcela Lagarde Y De Los Ríos (2012) escreveu elementos que caracterizam a sororidade e trouxe valores e condições que possibilitam a prática da sororidade. Nesta seção serão apresentados os dados obtidos através dos formulários aplicados e que se referem aos valores e elementos da sororidade.

Foram elencados 7 elementos, para que os respondentes selecionassem os 3 principais que consideram caracterizar a sororidade. Ressalta-se que nesta questão cada respondente deveria selecionar pelo menos 3 opções.

Gráfico 5 - Principais elementos que caracterizam a sororidade



Fonte: Google Forms. 2023. Organização: a autora.

Os resultados mostraram que *“não reproduzir a opressão entre as mulheres”* foi o elemento mais selecionado pelas respondentes, correspondendo à 14 respostas, seguido de *“reconhecimento da igualdade e diferenças entre as mulheres”*, com 12 respostas, *“visibilidade aos avanços das mulheres nas conquistas pelos seus direitos”* e *“respeito à diversidade e especificidades das mulheres”*, ambas com 10 respostas, *“criação de mecanismos de defesa contra as violências e opressões contra as mulheres”* e *“eliminação da misoginia pessoal e coletiva”*, também ambas com 6 respostas e ninguém selecionou a opção *“saber distinguir autoridade de autoritarismo”*.

Destaca-se que nenhuma respondente identifica a distinção entre autoridade de autoritarismo, sendo que este é um dos principais elementos que caracterizam a sororidade e que pode revelar a falta de sororidade no ambiente acadêmico, nos faz refletir sobre a contradição entre a teoria e a prática da sororidade, que embora estejam atreladas, podem ser conflitantes no cotidiano.

Para Lagarde Y De Los Ríos (2012) às mulheres só conseguem caminhar contra a misoginia patriarcal, quando reconhecem que elas próprias reproduzem a misoginia contra outras mulheres, O primeiro passo para não reproduzir a opressão, preconceitos e julgamentos contra outras mulheres é reconhecer as igualdades e diferenças entre elas.

Na sequência, foram descritas cinco afirmações, as quais as respondentes poderiam *concordar*, *não concordar* ou *concordar parcialmente* e em caso de *não concordar* ou *concordar parcialmente*, poderiam justificar ou comentar a resposta, se fosse do interesse.

Tais afirmações se referem à sororidade em seu aspecto teórico, com base na perspectiva de Lagarde Y De Los Ríos (2012), permitindo inferir até que ponto o conhecimento das pesquisadoras e extensionistas sobre o tema está baseado na perspectiva da autora referenciada e como isso interfere em suas análises e vivências da sororidade.

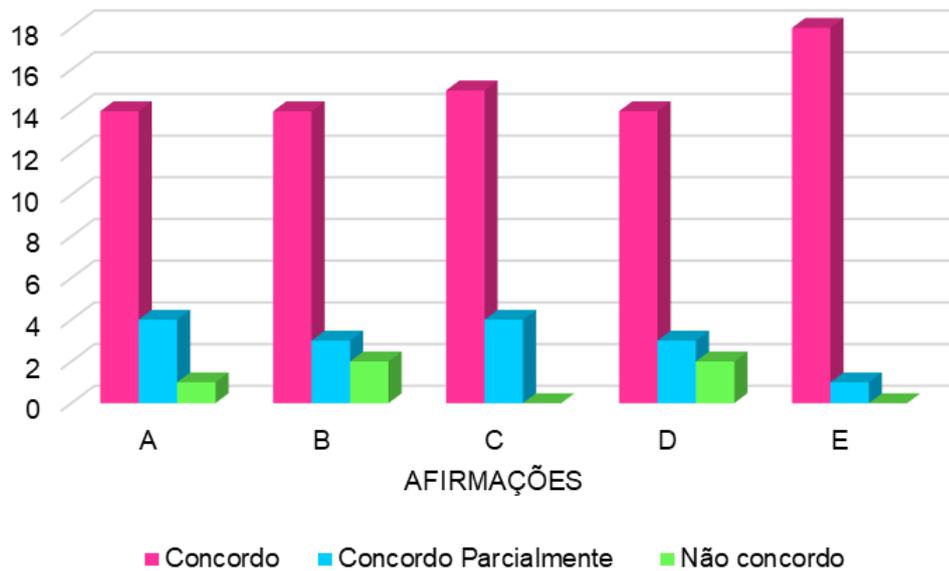
Quadro 9 - Afirmações sobre o aspecto teórico da sororidade

AFIRMAÇÃO A	A Sororidade é essencialmente interruptiva, ou seja, implica na "amizade" entre aquelas que foram criadas pelo mundo patriarcal como inimigas. (LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2012)
AFIRMAÇÃO B	A sororidade é uma das propostas mais radicais da nova cultura feminista, por que é necessário pensar, propor mediações e atuar (LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2012)
AFIRMAÇÃO C	A sororidade é uma dimensão ética, política e prática do feminismo contemporâneo. (LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2012)
AFIRMAÇÃO D	A sororidade é um princípio universal da relação com todas as mulheres e é um recurso para enfrentar conflitos entre mulheres de forma inédita, apenas com a eliminação da misoginia. (LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2012)
AFIRMAÇÃO E	Enquanto mulheres usarem poder de classe e de raça para dominar outras mulheres, a sororidade feminista não poderá existir por completo. (HOOKS, 2018)

Fonte: Google Forms. 2022. Organização: a autora.

Abaixo se observa os resultados obtidos a partir das afirmações acima

Gráfico 6 - Resultados das afirmações sobre sororidade



Fonte: Google Forms. 2023. Organização: a autora.

Observa-se que na afirmação A, 14 respondentes concordam, 4 concordam parcialmente e apenas 1 não concorda, no entanto, não houve justificativa ou comentários sobre a afirmação.

Ao que Lagarde Y De Los Ríos (2012) defende ao dizer sobre a amizade daquelas que foram criadas pelo patriarcado como inimigas, Becker e Barbosa (2016) complementam ao afirmarem que as narrativas possuem o poder de nos aproximar, para essas autoras

As narrativas em determinados momentos nos tornam iguais, mesmo ao sermos por vezes tão diferentes! Quando somos tocadas pela narrativa da outra, por sua história de vida, por sua experiência, por seu sofrimento. (Becker; Barbosa, 2016, p. 252)

Existem alguns espaços que propiciam que as narrativas autobiográficas sejam compartilhadas, principalmente enquanto as mulheres praticam alguma atividade manual, como tricô, crochê, bordar (Becker e Barbosa, 2016).

Na afirmação B, 14 respondentes concordam, 3 concordam parcialmente e 2 respondentes não concordam e uma delas adicionou um comentário: *"A sororidade não possui radicalidade. A substância política dela é neutra"* (Respondente 2, 2023). Quando se afirma que a sororidade é a aliança das mulheres contra a misoginia e que busca a superação da condição de mulheres como dominadoras de outras mulheres, então, assume-se que a sororidade não é neutra. A sororidade assume uma dimensão

política imprescindível nos feminismos contemporâneos pelo princípio ético de respeito às outras mulheres (Becker; Barbosa, 2016).

Lagarde Y De Los Ríos (2012) considera a sororidade como consciência crítica, ou seja, não há como a sua substância política ser neutra, inclusive está permeada por valores éticos-políticos.

Na afirmação C, 15 respondentes concordam e 4 concordam parcialmente com a assertiva e uma delas acrescentou que “[...] *não tem como a sororidade, sem um embasamento teórico, ser por si só política*” (Respondente 2, 2023). Nota-se que a participante considera o embasamento teórico necessário para que a sororidade possua uma dimensão política. O embasamento teórico é necessário para compreender como a sororidade se desenvolve e a importância dos seus elementos éticos-políticos para a sua prática. Observa-se que há uma preocupação em discutir a sororidade como prática e pouco como teoria, o que mais uma vez corrobora a importância da sororidade ser discutida no ambiente acadêmico e também praticada.

Entre as inquietações que rodeiam nosso debate sobre pesquisas e o trabalho científico e acadêmico com mulheres, numa perspectiva do exercício da epistemologia feminista, está a grande dificuldade de praticar a sororidade entre as mulheres, mesmo entre as que têm o discurso sororal na ponta da língua. Deparamo-nos com o fato de que sororidade não é algo dado, natural, palpável. Trata-se de um desafio construir a ideia de sororidade numa sociedade moldada por uma cultura patriarcal, que silencia a alma e acirra a disputa entre as mulheres. (Becker; Barbosa, 2016, p. 249)

A ideia de sororidade se constrói na prática e na teoria, a universidade se constitui como um espaço de interlocução, é onde se produz ciência a partir da realidade, considerando ainda que o conhecimento se dá nos espaços da sociedade. A extensão universitária e os grupos de pesquisa constituem espaços para a construção teórica e também para proporcionar o compartilhamento de narrativas. Ou seja, percebe-se que a teoria e a prática da sororidade estão atreladas e se desenvolvem juntas.

Na afirmação D, em que se refere a sororidade como um princípio universal e considera que a eliminação da misoginia é suficiente para enfrentar os conflitos entre as mulheres, 14 respondentes concordam, 3 concordam parcialmente e 2 não concordam, apenas duas justificaram: “*Somente a eliminação da misoginia não é suficiente para acabar com a opressão das mulheres*” (Respondente 2, 2023) e “[...] *apenas com a eliminação da misoginia, acredito que é mais amplo do que isso*” (Respondente 5, 2023). A afirmação da respondente revela que há outros elementos,

outras ações que devem ser consideradas para o enfrentamento dos conflitos entre as mulheres, como por exemplo distinguir a autoridade de autoritarismo, compromisso ético-político com a causa de todas as mulheres.

Na última afirmação (afirmação E), 18 participantes concordaram com a assertiva, de que a sororidade só existirá por completo quando as mulheres pararem de usar classe e raça para dominar outras mulheres e apenas 1 concorda parcialmente com a afirmação, mas não incluiu nenhum comentário ou justificativa da sua resposta.

As assertivas permitiram identificar que as pesquisadoras possuem uma compreensão crítica acerca da sororidade, reconhecendo a necessidade da fundamentação teórica para perceber a sororidade como uma dimensão política. Cabe destacar algumas complementações realizadas pelas respondentes, como a de que a sororidade é mais ampla do que apenas eliminar a misoginia e concorda-se com Hooks (2018) quando a autora afirma que a sororidade é poderosa, porém tem esquecido do seu valor. Deve-se relembrar que a sororidade é

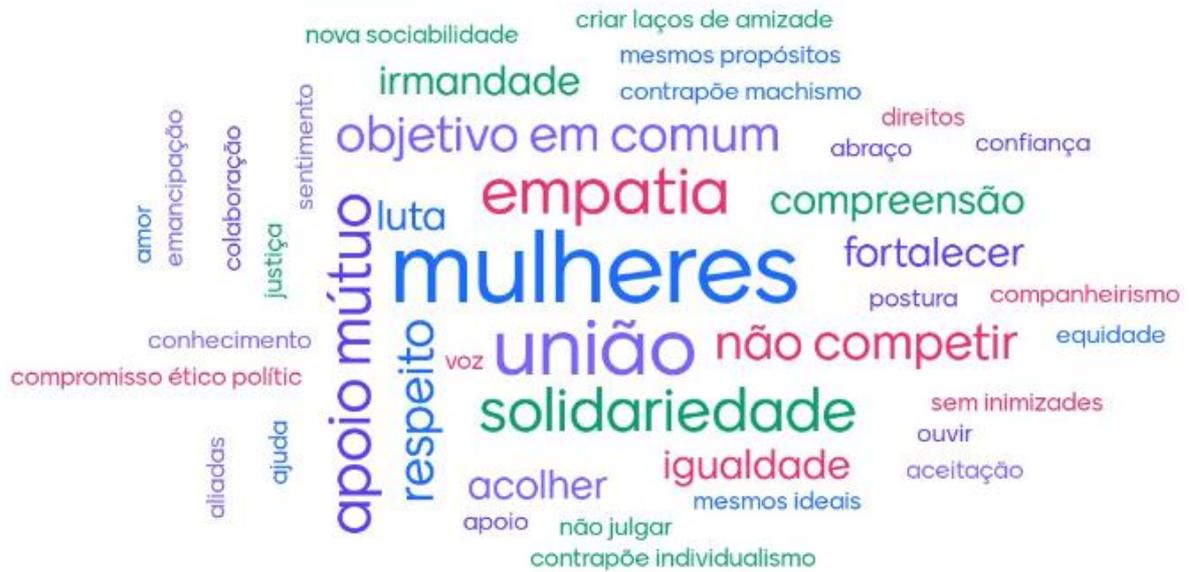
Uma construção coletiva que nasce da valorização das histórias de vida, das experiências do trabalho doméstico, da mobilidade no universo da vida privada, dos enfrentamentos diários dos silêncios que nos jogam à margem de nossa própria história. (Ferreira, 2017, p. 424)

A valorização das histórias de vida de outras mulheres e reconhecer as lutas individuais de cada uma, são fundamentais para alcançarem a mesma luta coletivamente. As desigualdades de gênero não podem mascarar as pautas raciais e de classe, neste sentido, a interseccionalidade é importante para o debate da sororidade.

No sentido de complementar e enriquecer a discussão sobre o tema, perguntou-se o que as respondentes entendem por sororidade, os resultados obtidos foram compilados na nuvem de palavras¹³ abaixo

¹³A nuvem de palavras foi elaborada utilizando o site mentimeter.com.

Figura 24 - Nuvem de palavras sobre o que as respondentes entendem por sororidade



Fonte: Google Forms. 2023. Organização: a autora.

A nuvem de palavras ilustra a incidência das palavras na resposta, assim, quanto maior a palavra e mais centralizada na imagem, maior foi sua incidência nas respostas. Observa-se que a palavra “mulheres” foi a que teve maior incidência, considerando que além de ser a maior é a que está no centro da imagem, as palavras: união, empatia, solidariedade, apoio mútuo, também tiveram grande incidência, seguido das palavras: respeito, igualdade, compreensão, não competir, objetivo em comum, irmandade, fortalecer, acolher, luta, foram palavras que tiveram grande repetição também.

As demais palavras, apesar de não terem sido citadas tantas vezes, são importantes na análise do que é a sororidade, como o compromisso ético-político e a contraposição ao machismo e ao individualismo.

Pode-se refletir sobre o termo “mulher” e o que é “ser mulher” na sociedade, Beauvoir (2016) ao dizer que ninguém nasce mulher, mas torna-se mulher, confirma que a construção do “ser mulher” é social. A condição social da mulher sofreu alterações, à medida em que alcançaram certa liberdade e independência, mas a que custo? Os direitos conquistados pelas mulheres, como estudar e trabalhar, foram frutos de um contexto histórico específico (Moraes, 2012) em que as mulheres tiveram que se mobilizar para que fossem conquistados e mesmo após a conquista desses direitos, eles ainda são ameaçados pela sociedade patriarcal, a luta pela permanência

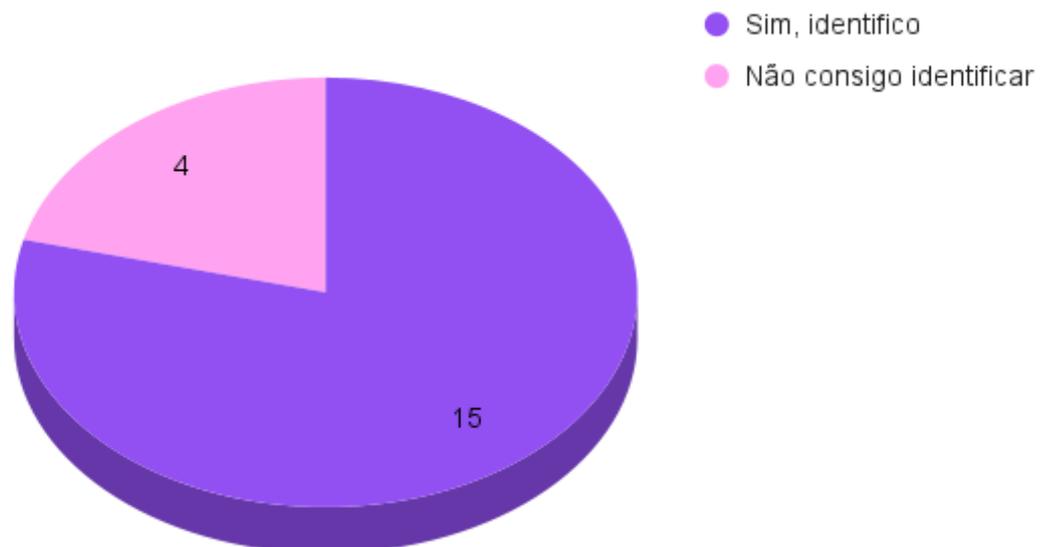
dos direitos das mulheres é constante. O machismo ainda está presente, principalmente nos discursos, não só dos homens, mas também das mulheres.

A união das mulheres contra o machismo, não é uma luta contra os homens, mas sim contra os discursos e comportamentos pautados em valores sexistas, que tratam a mulher com inferioridade. O machismo não é praticado somente pelos homens, as mulheres também reproduzem discursos machistas contra outras mulheres.

A sororidade resgata o sentimento de apoio mútuo, empatia e solidariedade entre as mulheres, promovendo a compreensão e o fortalecimento das lutas em comum, deixando de ser inimigas, rivais ou competidoras, mas aproximando-as como mulheres, trabalhadoras, mães, pesquisadoras e conjuntamente assumindo o compromisso ético-político de lutar pelo direito de todas as mulheres, sem distinção de classe, raça, sexualidade ou outra condição que as diferencie. A sororidade é uma prática e é vivida no cotidiano das relações sociais.

Partindo para as vivências pessoais das pesquisadoras e extensionistas referente à sororidade, 15 respondentes afirmaram que conseguem identificar elementos de sororidade em seu cotidiano nos espaços que frequenta, seja no trabalho, na universidade, com amigos/as ou na família, já outras 4 responderam que não conseguem identificar, como ilustra o gráfico abaixo

Gráfico 7 – Você consegue identificar elementos da sororidade em seu cotidiano nos espaços que frequenta?



Fonte: Google Forms. 2023. Organização: a autora.

O fato de não conseguirem identificar, não necessariamente significa que elas não praticam ou não tenham vivências de sororidade, mas não conseguem identificar por que muitas vezes lhes falta clareza do que é sororidade e quais são os elementos que a caracterizam no dia-a-dia.

Quantas mães têm sido figuras fundantes, transmissoras da nossa língua e com ela é a base da nossa visão de mundo, e coautoras de nossa identidade. Quantas apoiaram suas filhas ao longo da vida. Que mulher não teve apoio ou não o deu à alguma irmã, tia e prima, sogra e cunhada. Desde a compreensão aos conflitos as parentes se apoiam no dia-a-dia. O que dizer das avós e das netas nos mágicos encontros geracionais e das filhas que nas voltas da vida acabam sendo mães de suas mães. E as amigas, companheiras e colegas que acompanham as outras em riscos por inúmeras coisas. As mulheres que nos tem curado e cuidado, as que nos tem mostrado o mundo com intimidade e proximidade acima dos tabus e das normas sociais. (Lagarde Y De Los Ríos, 2006, p. 123-124, tradução nossa)

Lagarde Y De Los Ríos (2006) afirma que a sororidade acontece no cotidiano, quando uma mulher oferece ou recebe apoio de outra, quando compartilham suas vivências e conhecimentos, quando se inspiram em outras mulheres. Provavelmente, em algum momento, toda mulher já passou por um momento de sororidade em sua vida, mesmo não sabendo identificá-lo. A importância do reconhecimento dos elementos da sororidade se dá para que as mulheres consigam identificar essa prática no seu cotidiano.

Para dar sentido à questão anterior, a próxima pergunta questionava se em algum momento já vivenciaram a sororidade e para essa pergunta 18 pessoas responderam que sim, enquanto apenas 1 respondeu que não sabe identificar e nenhuma selecionou a opção não vivenciou. Ainda, algumas respondentes se sentiram confortáveis de compartilhar, no espaço opcional disponibilizado para comentários, algumas das vivências de sororidade que tiveram, como: *"Mulheres que não se dão bem, não tem um vínculo de amizade, se unindo por um propósito em comum"* (Respondente 7); *"Apoio mútuo entre as mulheres, visando conquistas coletivas"* (Respondente 9). Esses comentários evidenciam que o apoio mútuo é o principal elemento identificado quando se trata de sororidade, independente do vínculo afetivo que as mulheres possuem.

Destaca-se também a seguinte vivência compartilhada: *"Um evento comemorativo ao Dia das Mulheres, onde eu falava, em uma roda de conversa, sobre Pobreza Menstrual e o palestrante anterior pediu a palavra e, de modo subliminar, fez uma fala com mensagem machista! Discordei de forma contundente [...] evidenciando*

o conteúdo machista da fala. E, para minha surpresa, todas as mulheres que estavam no evento levantaram e aplaudiram!" (Respondente, 11), nesse relato observa-se que a respondente considerou como uma vivência de sororidade o apoio que recebeu das mulheres que estavam na plateia do evento, a fala machista proferida pelo palestrante, gerou um sentimento de união entre as mulheres, mesmo que nem se conhecessem anteriormente, mas que diante de uma possível situação de opressão, coletivamente demonstraram a sua solidariedade à outra mulher.

O relato corrobora que a sororidade acontece entre qualquer mulher, desconhecida, parentes, colegas, companheiras, não é preciso ser amiga para praticar a sororidade, como reforça Lagarde Y De Los Ríos (2012) a sororidade acontece quando as mulheres deixam de ser inimigas e se aproximam para um objetivo em comum: a luta pelos direitos das mulheres e contra as opressões machistas.

3.2.3 Sororidade e seus aspectos teórico-práticos.

O fortalecimento teórico da sororidade, contribui também para o fortalecimento da sua prática, tanto a teoria quanto a prática da sororidade devem caminhar juntas, afinal o conhecimento se dá nos espaços da sociedade.

Tendo em vista a importância dos aspectos teóricos da sororidade, havia uma pergunta do formulário questionado se na opinião das respondentes o conceito da sororidade deve ser fortalecido com fundamentação teórica, para a qual obteve-se um resultado de 19 das respostas para "sim", ou seja, todas as respondentes acreditam que o conceito da sororidade deve ser fortalecido teoricamente. Para complementar a pergunta, questionou-se também se as respondentes acreditam que a sororidade deve ser mais discutida no ambiente acadêmico pelos/as pesquisadores/as e mais uma vez todas as respondentes afirmaram que sim, que o tema deve ser mais discutido no ambiente acadêmico e apresentaram como justificativa para as suas respostas, as frases que compõem o quadro abaixo:

Quadro 10 - Motivo pelo qual as respondentes consideram que o tema deve ser mais discutido no ambiente acadêmico

RESPONDENTE 1	Por acreditar que o debate acadêmico pode fomentar mudanças sociais .
RESPONDENTE 2	Para aprofundar o tema e preenchê-lo de substância teórica .
RESPONDENTE 3	Devido à necessidade de ampliar discussões sobre pensamentos e práticas que acolhem as diferenças e projetam outros modelos de comportamento e vivência coletiva.
RESPONDENTE 4	Porque pode ser uma ferramenta de transformação das relações de gênero .
RESPONDENTE 5	Pois a opressão e exploração das mulheres atravessam os diferentes espaços sociais, que vão desde o âmbito familiar até as diferentes instituições, como o ambiente acadêmico e a produção do conhecimento científico.
RESPONDENTE 7	Porque muitas pessoas ainda não sabem o que significa e não sabem identificar no dia a dia.
RESPONDENTE 8	Para que essa pauta seja sempre lembrada.
RESPONDENTE 9	O conhecimento sobre sororidade não é muito conhecido.
RESPONDENTE 10	Possibilitaria maior conhecimento sobre a temática e, conseqüentemente, maior empatia entre mulheres, desconstruindo estereótipos ainda existentes em nossa sociedade.
RESPONDENTE 11	Discutido no meio acadêmico e divulgação, por meio da extensão facilita que um tema desconhecido ou permeado por tabus, possa ser levado para fora dos muros das universidades, alcançando a população como um todo!
RESPONDENTE 14	Pois ainda é um tema pouco discutido e de extrema importância e relevância na contemporaneidade.
RESPONDENTE 17	Não são em todos os momentos, porque de modo geral considero que a universidade é muito acolhedora. Mas principalmente dentro da sala de aula, às vezes é criada uma concorrência e rivalidade desnecessária (pelo menos eu passei por isso). Por exemplo, você tentar um processo seletivo com uma colega sua e você conseguir passar, e isso se tornar motivo de rivalidade entre vocês. Ou então o seu desempenho em sala de aula e etc., são coisas fúteis, mas que às vezes são levadas muito a sério. Talvez a falta de um pouquinho de maturidade torne o sentimento de ódio mais fácil na vida, sei lá.
RESPONDENTE 19	Porque é necessário debater temas que provêm a equidade das mulheres na sociedade .

Fonte: Google Forms. 2023. Organização: a autora. (Destques nosso)

Destacou-se nas respostas alguns elementos considerados importantes para a fundamentação teórica da sororidade, como: “fomentar mudanças sociais”, “transformações das relações de gênero” e “desconstruir estereótipos”. Esses são

exemplos, do que o debate teórico sobre sororidade pode resultar a longo prazo na sociedade,

Por sua vez, o ambiente acadêmico é onde se constroi o conhecimento, assim, incluir a sororidade como pauta para debate neste espaço é contribuir para a sua compreensão, tratando-a cientificamente como conceito teórico. A pesquisa e a extensão se tornam espaços não só para discutir teoricamente a sororidade, mas também para vivenciá-la entre as pesquisadoras, Lagarde Y De Los Ríos (2012) afirma que a sororidade é vivida primeiro e depois teorizada, assim como Becker (2015, p. 11) diz que “quem pesquisa, nunca pesquisa sozinho/a”, mesmo que a sororidade seja pauta teórica em grupos de pesquisa ou projetos de extensão, a prática dela entre as pesquisadoras é fundamental. Becker e Barbosa (2016, p. 248) reforçam que

[...] as mulheres necessitam exercitar seu pensamento crítico e reconhecer sua própria misoginia, inclusive as que atuam no campo do trabalho e formação científico. (Becker; Barbosa, 2016, p. 248)

O pensar científico, não deve afastar as pesquisadoras da sua realidade enquanto mulheres, a prática e a teoria é indissociável para o fortalecimento da sororidade. No quadro 10 a Respondente 11 ressaltou que a extensão universitária facilita que os temas discutidos na universidade alcancem a população como um todo, assim, não basta que a sororidade seja fortalecida teoricamente, precisa ultrapassar as barreiras da universidade.

Ainda ao questionar se as respondentes acham que a sororidade é uma prática que contribui para a emancipação das mulheres, obteve-se 18 respostas como “sim” e apenas 1 como “não” e no quadro abaixo observa-se as argumentações em relação a contribuição da sororidade para a emancipação das mulheres

Quadro 11 - Motivos pelos quais as respondentes acreditam que a sororidade contribui para a emancipação das mulheres.

RESPONDENTE 1	Sim, pelo poder de nos unir .
RESPONDENTE 2	Ela, sozinha, não contribui, mas munida de embasamento teórico do feminismo marxista pode ser que contribua.
RESPONDENTE 3	Porque contribui para o fortalecimento das relações entre mulheres e para o sentimento de apoio e compartilhamento de vivências
RESPONDENTE	Sem a sororidade não há emancipação

4	
RESPONDENTE 5	Pois a construção de relações emancipatórias se dão por meio da coletividade, de práticas coletivas . Ninguém "se emancipa" sozinho ou sozinho.
RESPONDENTE 8	É muito mais difícil conquistar independência quando se é colocada como inferior
RESPONDENTE 10	Porque elas passam a ser valorizadas e também se valorizam enquanto seres humanos, contribuindo para a emancipação social.
RESPONDENTE 11	Porque o trabalho em equipe sempre fortalece um grupo!
RESPONDENTE 14	Pois através da sororidade é possível estabelecer vínculos com outras mulheres através da coletividade e apoio e assim contribuir para um processo de emancipação.
RESPONDENTE 17	Tornar uma luta coletiva é visar a emancipação.
RESPONDENTE 19	Sim, pois faz jus a luta das mulheres para alcançar o mesmo patamar dos homens na sociedade.

Fonte: Google Forms. 2023. Organização: a autora. (Destaques nosso)

Observa-se que nas argumentações as respondentes citam alguns elementos em comum, principalmente a união entre as mulheres e a coletivização dos movimentos feministas, destaca-se a resposta da respondente 2, ao citar a importância do embasamento teórico da sororidade, para que ela contribua para a emancipação das mulheres. A respondente 5 contribui afirmando que o processo de emancipação é coletivo e que *"Ninguém "se emancipa" sozinho ou sozinho"*, Beauvoir (2016), em seu contexto histórico afirmava que a libertação das mulheres só pode ser coletiva e que a emancipação feminina deve ser uma luta que integre todas, a autora defende que toda mulher deve ter o direito de escolha do "destino" que deseja seguir, pois sempre afirmou que o casamento e a maternidade não fazem parte de uma condição natural da mulher e que estes devem fazer parte do "destino" das mulheres que optarem por segui-los.

Ou seja, a emancipação das mulheres será possível quando deixarem de ser dominadas e para isso, há de se extinguir também a dominação feminina, praticada por mulheres contra outras mulheres, como comentou a respondente 14, a sororidade possibilita o estabelecimento de vínculos entre as mulheres, abandonando as rivalidades entre elas e fortalecendo a luta coletiva, assim contribuindo para o processo de emancipação.

Na sequência, questionou-se a importância da sororidade na opinião das respondentes e as suas considerações podem ser observadas no quadro a seguir:

Quadro 12 - A importância da sororidade na opinião das respondentes

RESPONDENTE 1	Pelo apoio mútuo que pode levar à emancipação feminina.
RESPONDENTE 2	Para que construam, em suas subjetividades, uma consciência melhor para si mesmas e para outras mulheres.
RESPONDENTE 3	O feminismo pressupõe ação coletiva , de modo que a sororidade deve estar presente como prática integradora radical e ferramenta para a luta pela igualdade
RESPONDENTE 4	Instrumento de emancipação social
RESPONDENTE 5	A importância é grande, pois nos sentimos fortalecidas, acolhidas e aprendemos umas com as outras. Em uma sociedade que valoriza o individualismo e a competição, a união e o acolhimento são também práticas de enfrentamento do estabelecido.
RESPONDENTE 6	Para fortalecer a posição da mulher diante da sociedade e mercado de trabalho.
RESPONDENTE 7	Conquistar mais coisas, alcançar lugares onde sozinha seria quase impossível de chegar.
RESPONDENTE 8	A sororidade proporciona Oportunidades
RESPONDENTE 9	Conquista de espaços
RESPONDENTE 10	Fundamental importância para combater o sexismo e enfrentar situações de discriminações e até violência que muitas mulheres se deparam.
RESPONDENTE 11	Evidenciar que estamos unidas e isso nos torna fortes!
RESPONDENTE 12	rompimento com cultura patriarcal
RESPONDENTE 13	Juntas, somos mais fortes e vamos mais longe
RESPONDENTE 14	O apoio, ajuda mútua , companheirismo e coletividade.
RESPONDENTE 15	É importante pois promove a união entre as mulheres e a igualdade.
RESPONDENTE 16	É um debate importante porém há outros que são mais urgentes: como a situação de mulheres negras, pobres, situações de violência em geral, reprodução de opressões
RESPONDENTE 17	Para o reconhecimento enquanto uma luta conjunta. Muitas mulheres não entendem o movimento feminista, por exemplo, veem o movimento como "inimigo", e isso é causado por uma mentira que foi criada por cima do que realmente é o movimento
RESPONDENTE	A sororidade faz com que as mulheres ajudem as outras a chegarem e

18	alcançar outros patamares.
RESPONDENTE 19	Convívio social de qualidade.

Fonte: Google Forms. 2023. Organização: a autora. (Destaques nosso)

A maior parte das respostas está atrelada ao sentimento de união entre as mulheres, evidenciando a sororidade como um instrumento para alcançarem o pleno acesso aos direitos já garantidos e usufruírem de espaços e oportunidades que nem todas as mulheres atualmente têm acesso.

Ressalta-se que a respondente 16 faz uma crítica ao descrever que “*É um debate importante porém há outros que são mais urgentes: como a situação de mulheres negras, pobres, situações de violência em geral, reprodução de opressões*” (Respondente 16, 2023), no entanto, com base na fundamentação teórica construída neste trabalho sabe-se que o objetivo da sororidade é extinguir (ou minimizar) o sentimento de diferença, opressão e rivalidade entre as mulheres, ou seja, incluir as mulheres negras, pobres, lésbicas, trans e todas as formas de ser e se expressar mulher na luta pela libertação dos padrões sociais, na busca pela emancipação e acesso pleno aos direitos.

Biondi e Marques (2022) alertam que

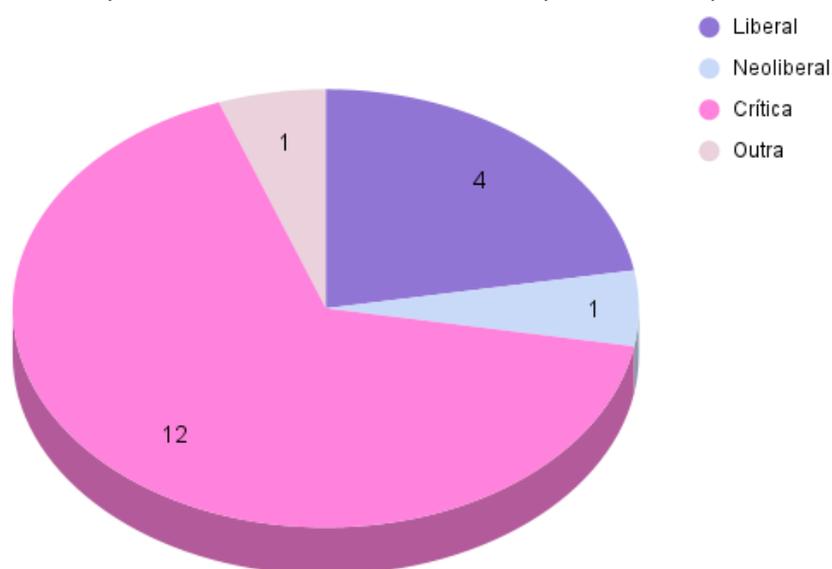
[...] as discussões sobre a sororidade ainda mobilizam compreensões difusas que ora enfatizam aspectos de uma suposta universalidade das vivências femininas, ora enfatizam as desigualdades e complexidades de pautas e lutas feministas. Elas compreendem ainda muito dos códigos políticos e culturais postos em circulação e disseminados por discursos cuja urgência da tarefa teórico crítica é a da observação atenta e da desconstrução constante. (Biondi; Marques, 2022, p. 9)

O que reforça ainda mais a necessidade de se construir um referencial teórico capaz de consolidar o entendimento da sororidade entre as mulheres, com um significado único, na tentativa de diminuir compreensões diversas do conceito e da prática, lembrando ainda que a sororidade deve aproximar as mulheres e não afastá-las e para que essa aproximação seja possível, é necessário que o reconhecimento e respeito às suas diferenças seja central na luta dos direitos das mulheres e que o apoio mútuo promovido pela sororidade não oculte atitudes e discursos preconceituosos reproduzido por mulheres, contra outras mulheres, esses comportamentos devem ser evidenciados e combatidos coletivamente. A respondente 17 traz uma reflexão sobre o reconhecimento da coletividade e da importância de

entender o verdadeiro sentido e objetivo dos movimentos feministas, já que algumas mulheres o enxergam como “vilão” e não se consideram parte deste movimento, pois criaram-se alguns mitos sobre os movimentos feministas, atrelando-os à um sentido negativo e fazendo com que as próprias mulheres, fiquem contra outras mulheres.

O que leva à próxima pergunta: Na sua opinião, você identifica que a *sororidade*, atualmente, está mais vinculada à qual perspectiva? Observe as respostas no gráfico abaixo

Gráfico 8 - Perspectiva a qual a sororidade está vinculada na opinião das respondentes



Fonte: Google Forms. 2023. Organização: a autora.

A maior parte das respondentes (12) acreditam que o conceito está atrelado à perspectiva Crítica, seguido de 4 respondentes que acreditam que está vinculada à perspectiva Liberal, 1 respondente considera que está atrelada à perspectiva Neoliberal e 1 assinalou a opção “outra” e descreveu “*Entendo que somos seres políticos, mas não gosto da ideia de vincular a uma ou outra perspectiva*” (Respondente 11, 2023). Novamente, há uma sugestão de que a sororidade é neutra, porém, se o objetivo da sororidade é extinguir toda forma de dominação e ampliar o acesso de todas as mulheres aos seus direitos em busca da sua emancipação, não cabe descrever a sororidade politicamente neutra.

As respostas evidenciam se as respondentes têm clareza do significado da sororidade e sugerem novas pesquisas sobre o tema, para fortalecer a perspectiva crítica da sororidade, nesta pesquisa o conceito da sororidade é baseado na autora Lagarde Y De Los Ríos (2012) que defende que a sororidade é a

[...] consciência crítica da misoginia e de seus fundamentos e dos prejuízos que deixa para as mulheres. É um esforço consciente em nível pessoal e coletivo com o objetivo de desmontar a cultura patriarcal vigente em nossa sociedade. Por meio dessa prática, as mulheres buscam transformar não somente suas relações com outras mulheres, mas sobretudo buscam transformações sociais – especialmente políticas, econômicas e jurídicas. (Becker; Barbosa, 2016, p. 245-246)

Portanto, não há como negar a criticidade que a sororidade carrega em seu significado, ela é sobretudo política, pois prevê que as mulheres coletivamente criem mecanismos de combate a todo e qualquer tipo de opressão e rivalidade que possam ter construído entre si, desconstruindo os padrões patriarcais impostos às mulheres.

Por fim, no formulário havia um espaço aberto (não obrigatório) para que as respondentes deixassem suas sugestões para quem estuda o conceito da sororidade, os resultados obtidos foram:

Quadro 13 – Sugestões para quem estuda o conceito da sororidade

RESPONDENTE 2	O conceito precisa estar muito bem fundamentado para não cair num discurso neoliberal . A sororidade sem nenhum plano de fundo teórico, por si só, não dá conta de abranger a dinâmica de todas as relações de mulheres e entre mulheres, porque não considera outros fatores (como social, cultural, racial, e principalmente econômico)
RESPONDENTE 5	Participar de experiências coletivas de mulheres , como os coletivos ou movimentos feministas, pois acredito que a sororidade a gente aprende praticando, experienciando, além de refletindo, é claro
RESPONDENTE 8	Buscar apresentar mais visibilidade para o assunto
RESPONDENTE 10	Extrapolar a investigação teórica, uma vez que a sororidade deve ser prática diária entre mulheres, logo, buscar construir e/ou fortalecer relações de apoio e empatia entre mulheres, no seu ambiente
RESPONDENTE 11	Evitar formar conceitos que se encaixem nesse ou naquela perspectiva. O tema deve ser trabalhado no sentido de mostrar/evidenciar que o fortalecimento das mulheres para a conquista de nosso espaço na sociedade será facilitado se estivermos unidas , trabalhando em grupo, em equipe! A sua dor é a minha dor! A sua necessidade é a minha necessidade! A sua conquista é a minha conquista!
RESPONDENTE 14	Identificar as práticas de sororidade dentro dos espaços acadêmicos
RESPONDENTE 17	Disseminação do conhecimento!
RESPONDENTE 19	Aprofundamento do tema para que não haja conclusões precipitadas

Fonte: Google Forms. 2023. Organização: a autora. (Destques nosso)

Dentre as sugestões, destacamos a da Respondente 5, que sugere a participação das pesquisadoras nos coletivos de mulheres dos movimentos feministas, para experimentar a prática da sororidade, a fim de aliar prática e teoria, bem como disseminar o conhecimento do conceito da sororidade. Neste sentido, a extensão universitária é um espaço que possibilita identificar e vivenciar a prática e ainda contribuir com a construção teórica, como sugeriu a Respondente 14.

A Respondente 11 sugeriu que se deve evitar formar conceitos que se encaixam em perspectivas, apenas considerar as conquistas coletivas, no entanto essa contribuição se contrapõe à sugestão da Respondente 2, que afirmou que o conceito precisa estar bem fundamentado teoricamente para não cair num discurso neoliberal. A convergência de algumas sugestões evidencia a pluralidade de opiniões e uma não anula a outra, mas permite realizar uma reflexão de que a sororidade não está consolidada com uma única interpretação e propõe às/aos pesquisadoras/es do tema, ampliar os estudos e investigações sobre o conceito e fortalecer o seu significado para a luta das mulheres.

Todas as sugestões apresentadas são importantes para pensar as lacunas que existem sobre o tema da sororidade e instigar a construção de novas pesquisas que busquem responder essas interrogações e ampliar a discussão sobre a sororidade. Assim, se reconhece a necessidade de considerar a extensão universitária como um espaço que potencializa o debate sobre a sororidade.

O fortalecimento da Extensão Universitária e seu compromisso com o enfrentamento da exclusão e vulnerabilidade sociais e o combate a todas as formas de desigualdade e discriminação também são favorecidos pela articulação das ações extensionistas com os movimentos sociais que organizam e expressam os interesses dos segmentos que se encontram nessas condições, sejam eles nacionais ou locais. (Política Nacional de Extensão, 2012, p. 26)

Aliar a academia aos movimentos sociais, é ampliar o acesso aos debates comuns da sociedade e buscar soluções científicas a partir das necessidades reais da sociedade. O fortalecimento da extensão universitária e a indissociabilidade com os grupos de pesquisa é uma possibilidade de a universidade estar próxima da comunidade e disseminar o conhecimento científico.

A sororidade faz parte dos movimentos feministas, inclusive emergiu através das feministas que lutavam por seus direitos, contudo ela também está presente pesquisa e na extensão, assim, a Universidade se apresenta enquanto um espaço de interlocução - a universidade produz ciência a partir da realidade, assim é necessário

a aproximação das pesquisadoras e das representantes dos movimentos feministas, para que juntas trilhem um caminho em prol de um objetivo em comum: a liberdade de todas as mulheres e a eliminação de toda forma de opressão contra as mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os objetivos propostos para essa pesquisa, considera-se que todos foram satisfatoriamente atingidos. Durante o processo da pesquisa enfrentou-se alguns obstáculos metodológicos, entre eles: a ausência de retorno das cartas de anuência das universidades participantes; a baixa participação das pesquisadoras e extensionistas nas respostas dos formulários aplicados. Diante desses desafios, foram necessárias algumas adaptações metodológicas na pesquisa de campo, mas que não comprometeram o compromisso ético assumido nesta dissertação. Apesar desses percalços, foi possível obter dados suficientes para inferir análises sobre o tema.

A metodologia aplicada permitiu identificar as informações necessárias para atingir os objetivos propostos, cumprindo com as expectativas iniciais. A pesquisa de campo, apresentada no capítulo 3, complementou a revisão bibliográfica construída nos capítulos 1 e 2. A alternativa de aplicar formulários de maneira online possibilita a integração entre pesquisadores de outras instituições de ensino, enriquecendo o conhecimento científico e a construção de pesquisas. Embora apresente alguns desafios: a fragilidade no contato, que acontece quase exclusivamente via e-mail institucional e que não é possível confirmar que todos os e-mails enviados foram recebidos; não há contato direto com os participantes da pesquisa, apenas através dos formulários, o que de certa forma limita a obtenção de dados. Cabe ressaltar que a dificuldade de contato direto com os participantes da pesquisa foi o motivo de não ser viável realizar entrevistas.

Quanto ao estado da arte realizado em duas etapas permitiu mapear o que se tem de produção científica acadêmica sobre a sororidade e identificar lacunas que a presente dissertação pretendeu preencher, não de maneira absoluta ou que irá responder a todos os questionamentos sobre o tema, mas sobretudo a principal delas: a ausência de pesquisas que abordem a fundamentação teórica sobre o conceito da sororidade.

O referencial teórico construído neste trabalho evidenciou que a sororidade se delinea a partir das relações de gênero e é fruto dos movimentos feministas contemporâneos. Mostrou-se necessário compreender como a categoria de gênero se apresenta e se constroi na sociedade capitalista patriarcal.

Partindo da concepção de que gênero é tudo aquilo que se refere aos homens e as mulheres, entende-se que gênero não se refere aos aspectos biológicos propriamente ditos ou à uma ordem natural do universo, mas à uma construção social dos papéis sociais de gênero a partir das relações sociais de poder, enquanto que as características biológicas são representadas pelo conceito de sexo.

A construção da relação entre homens e mulheres retrata uma relação histórica-universal, já que se constituiu desde o início da humanidade e que conforme a sociedade evoluiu essas relações se tornaram cada vez mais complexas. Outros elementos foram incorporados na compreensão das relações de gênero, o modelo econômico e social capitalista interferiu nas relações de gênero.

Quando se fala em desigualdade de gênero, ou seja, a desigualdade existente entre homens e mulheres, motivada apenas pelo gênero ao qual pertencem, existem alguns conceitos que se encarregam de explicar essa relação, como o patriarcado. Para Saffioti (2015) patriarcado é o sistema de dominação dos homens pelas mulheres e se acentuou com a consolidação do sistema capitalista, legitimando o poder que os homens possuíam sobre as propriedades privadas e inclusive sobre as mulheres, que eram vistas também como “propriedade” dos homens. As relações sociais de poder explicam como a dominação masculina é materializada não somente pela força física, mas também por outras formas que fazem com que a dominação não seja sentida pelos dominados, como se fosse uma ordem natural da sociedade, corroborado pelos papéis sociais, definidos socialmente, de que há comportamentos e trabalhos que devem ser desempenhados somente pelas mulheres ou pelos homens.

É diante deste contexto de opressão masculina que algumas mulheres percebem que estão ocupando uma posição de inferioridade pela sua condição de gênero e organizam algumas ações para que sejam inseridas nos espaços da sociedade e nos debates públicos, então, surge as primeiras ações dos movimentos feministas, que lutavam pela igualdade de gênero e pela participação feminina na sociedade. O recorte das mulheres que debatiam os feminismos é que gerou a pluralidade dos movimentos feministas, considerando os interesses de grupos específicos, como o movimento feminista das mulheres negras, das mulheres lésbicas, das mulheres brancas e burguesas. As necessidades específicas de cada grupo geraram demandas específicas.

Os movimentos feministas passaram por algumas fases, conhecidas como “ondas do movimento feminista”, são momentos que tiveram reivindicações

características de acordo com cada momento histórico vivenciado e conforme as pautas do movimento iam avançando e as mulheres iam conquistando seus espaços na sociedade e seus direitos políticos, civis e sociais. Os movimentos feministas foram e são muito importantes para as mulheres, foi através deles que elas conquistaram melhores condições de vida, condições dignas e certa liberdade.

A luta dos direitos das mulheres é constante, quando há conquista de um direito, é necessário a luta pela sua permanência, muito se avançou nas condições das mulheres na sociedade, no entanto, ainda vivem situações de opressões e violências. As opressões machistas são reproduzidas inclusive por mulheres por outras mulheres, que não se reconhecem nas outras pelas diferenças que as distanciam.

A sororidade emerge como resultado dos movimentos feministas, as mulheres perceberam que a desigualdade não era somente entre elas e os homens, mas que entre as próprias mulheres haviam condições que as desigualam é que a condição de gênero já não era mais suficiente para as aproximarem, já que mulheres que ocupavam posições privilegiadas, dominavam mulheres menos privilegiadas. As mulheres negras, por exemplo, são oprimidas pelo seu gênero e também pela sua raça, assim como as mulheres lésbicas, são oprimidas pela sua sexualidade, as mulheres trans, que não são legitimadas como mulheres, inclusive por outras mulheres.

A luta pela igualdade de gênero não pode mascarar as lutas de classe e raça, elas devem caminhar juntas, para que acabe gerando a fragmentação das lutas. A sororidade, na perspectiva da antropóloga Marcela Lagarde Y De Los Ríos (2012) surge para aproximar as mulheres diante das suas reivindicações, tornando-as aliadas contra as opressões machistas e a misoginia, inclusive das próprias mulheres, que muitas vezes reproduzem comportamentos machistas.

O conceito da sororidade é relativamente recente e isso gera uma confusão no entendimento do seu sentido, tanto teórico, quanto prático, a ideia de que a sororidade é uma irmandade pode ser perigosa, já que, com o termo irmandade remete-se à um grupo de mulheres irmãs ou amigas e a sororidade deve ultrapassar os laços de amizade, ela pode e deve ser praticada não somente para com as mulheres que se conhece ou que se tem proximidade, mas com todas as mulheres, independente da sua religião, classe, raça, sexualidade, identidade e entre outros aspectos que não são comum à todas as mulheres. Por isso o reconhecimento das

diferenças das outras mulheres e o respeito a essas diferenças são essenciais para que a sororidade se materialize na prática.

Não só pelo aspecto prático, mas também teórico, a sororidade precisa ser fortalecida, a pesquisa de campo deste trabalho revelou dados empíricos que corroboram a fundamentação teórica construída nos dois primeiros capítulos desta dissertação e trouxe elementos que permitem identificar os desafios e potencialidades da sororidade.

Enquanto potencialidade identificou-se que a sororidade é um campo teórico em construção e seu desenvolvimento é recente no campo científico, corroborado pelo estado da arte, que revelou as poucas pesquisas relacionadas ao conceito teórico, o que torna o campo um grande potencial nas áreas das ciências sociais, pois poderá definir uma nova forma das mulheres se relacionarem entre si e avançarem no enfrentamento das opressões vivenciadas. O apoio mútuo entre as mulheres, o respeito e o reconhecimento das diferenças é necessário para que a sororidade seja uma realidade.

A pesquisa evidenciou que a maior parte das pesquisadoras e extensionistas, que participaram da pesquisa, conheceram ou ouviram falar do termo através das redes sociais, corroborando que a internet se tornou fonte de informação e, portanto, é preciso que ela seja usada como uma ferramenta que propague informações verdadeiras, com embasamento científico. Mais uma vez mostra-se a importância das universidades enquanto espaço de produção do conhecimento e como estes devem estar próximos da comunidade em geral e dos movimentos sociais para que possam incorporar pautas atuais nas pesquisas e extensão.

A pesquisa e a extensão constituem espaços extremamente importantes, pois é onde se produz o conhecimento e a ciência, o tripé ensino-pesquisa-extensão é essencial para a sociedade, não só para formar profissionais capacitados, mas para atender demandas da sociedade e para compreender as novas relações que se estabelecem.

A pesquisa demonstrou que a sororidade está presente na fala das pesquisadoras e extensionistas, além de que conhecem e reconhecem a sororidade no seu cotidiano, no entanto verifica-se que precisa ser fortalecida entre as mulheres que ocupam o espaço universitário. O formulário aplicado não permitiu identificar como elas tratam a sororidade em seus grupos de pesquisa ou projetos/programas de extensão entre si, sendo assim, não se pode afirmar que a praticam efetivamente com

as colegas pesquisadoras ou alunas, já que nenhuma respondente mencionou ou relatou no formulário nos espaços destinados ao compartilhamento de vivências/práticas da sororidade, sobre vivências suas nos grupos de pesquisa ou projetos/programas de extensão que participam ou participaram.

Pode-se citar como um dos desafios acerca da sororidade é a sua produção no campo teórico e nas universidades, seja através dos grupos de pesquisa ou dos programas/projetos de extensão, sem o fortalecimento teórico da sororidade, seu conceito se torna vulnerável, pois fica suscetível às diversas interpretações. O que dificulta também a prática da sororidade no cotidiano das mulheres. A sororidade precisa estar vinculada à uma análise crítica das condições das mulheres, sem consciência crítica, às desigualdades dificilmente são evidenciadas e as barreiras da amizade não são ultrapassadas. A sororidade não pode encobrir as lutas contra as desigualdades de classe, contra o racismo, contra a homofobia/transfobia, ela precisa unificar essas pautas e fortalecer os movimentos feministas no combate a todas as opressões.

As universidades constituem um espaço que devem aliar conhecimento prático e teórico, bem como, fomentar que as pautas dos movimentos sociais, sejam também objetos de estudos e pesquisas, visando o avanço dos temas emergentes, como a sororidade, a dororidade, a interseccionalidade e o empoderamento feminino. Fortalecer a sororidade e a sororidade, enquanto conceitos complementares buscam acolher as dores das mulheres negras, que já foram silenciadas. O ambiente universitário deve se mostrar transformador para a sociedade e não restringir o seu acesso.

Esta dissertação buscou contribuir para o campo científico de um conceito que já é realidade e que já faz parte das pautas dos movimentos feministas, mas que pouco está sendo incorporado no campo científico. O principal objeto de pesquisa era identificar as potencialidades e os desafios da sororidade a partir da concepção das pesquisadoras e das extensionistas de grupos de pesquisas e programa/projetos de extensão que perpassam pela discussão de gênero ou da mulher e como ela está sendo desenvolvida nos espaços acadêmicos.

Os dados revelam que a sororidade não faz parte da discussão dos grupos de pesquisa ou dos programas/projetos de extensão enquanto objeto de pesquisa, mas que faz parte da realidade dessas mulheres, seja por vivências pessoais em outros espaços ou nos próprios grupos de pesquisa ou programas/projetos de extensão.

Considera-se que a maior das participantes desta pesquisa, consegue identificar a presença da sororidade no seu cotidiano e entendem a sororidade como um potencial para a emancipação das mulheres e enfrentamento às violências e opressão.

Assim, de modo geral, considera-se que a presente dissertação identificou que a sororidade é um grande potencial no ambiente acadêmico e que deve ser explorado, assim esta pesquisa não esgota o assunto, mas fomenta a sua discussão e desenvolvimento de novas pesquisas sobre o tema, buscando contribuir para melhores condições de convivência entre as mulheres, deixando de serem rivais e se tornarem aliadas à uma causa em comum.

A sororidade é poderosa.

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Jeffrey. Que es la teoria? Las Teorías Sociológicas desde la Segunda Guerra Mundial. **Gedisa**, Barcelona, 199, p. 11-26.

ALVES, B. M.; PINTANGUY, J. **O que é feminismo**. Editora Abril Cultural Brasiliense. 1985. 77 p.

ANGELIM, Maria Roberta Medeiros. A discussão da sororidade: um estudo bibliográfico sobre as pesquisas realizadas no Brasil. In: VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, IV Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e IV Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade. 2022, Campina Grande, **Anais [...]** Campina Grande: Editora Realize, 2022. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/edicao/anais-do-viii-seminario-corpo-generoese sexualidade/pesquisa?autor=Maria+Roberta+Medeiros+Angelim+&titulo=&modalidade=&at=>. Acesso em: 28 de mai. 2023.

APFELBAUM, Erika. Dominação. In: HIRATA, Helena, *et al* (Org.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. Editora Unesp: São Paulo, 1ª ed. 2009, p. 76-80.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. RETO, L. A. PINHEIRO, A. (trad.) Edições 70: Lisboa. 1977.

BARROS, Yohanan. **A solidariedade entre mulheres não pode mascarar a luta de classes**. Portal A Verdade, 2014. Disponível em: averdade.org.br/2014/09/solidariedade-entre-mulheres-nao-pode-mascarar-luta-de-classes/. Acesso em: 05 de jun. 2023.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: A experiência vivida. vol.2, ed. 3. Editora Nova Fronteira: Rio de Janeiro. 2016b. 339 p.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: fatos e mitos. vol.1, ed. 3. Editora Nova Fronteira: Rio de Janeiro. 2016a. 339 p.

BECKER, M. R. BARBOSA, C. M. Sororidade em Marcela Lagarde Y De Los Ríos e experiências de vida e formação em Marie-Christine Josso e algumas reflexões sobre o saber-fazer-pensar nas Ciências Humanas. **Coisas do Gênero**: São Leopoldo, v. 2, n. 2, p. 243-256. ago.-dez. 2016. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/genero>. Acesso em: 05 de jul. 2021.

BECKER, Marcia Regina. A Sororidade como Experiência Produzida na Pesquisa Participante. In: 37ª Reunião Nacional da Anped, 2015, Porto Alegre, **Anais [...]** Porto Alegre: Unisinos, 2015, p. 1-16. Disponível em: <https://www.anped.org.br/sites/default/files/trabalho-gt06-3807.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2024.

BELLONI, Isaura. Educação Superior Pública: um compromisso com a ciência e a justiça social. **Em Aberto**: Brasília, v. 5, n. 30, p. 29-32, abr./jun. 1986. Disponível em: <http://emaberto.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/1958/1697>. Acesso em: 02 de fev. 2023

BIONDI, A; MARQUES, A. C. S. Sororidade em campanhas de hashtag durante a pandemia do novo coronavírus. **Triade: comunicação, cultura e mídia**: Sorocaba. v. 10, n. 23, 2022. 27 p.

BIROLI, Flávia. Gênero e Família em uma sociedade justa. In: BIROLI, Flávia e MIGUEL, Luis Felipe (Org.) **Teoria Política e Feminismo**: abordagens brasileiras. Editora Horizonte: Vinhedo. 2012. p. 211-242.

BONETTI, Alinne. **Gênero não é sinônimo de mulher**. Ministério Público do Estado da Bahia. 2012. Disponível em: <https://www.mpba.mp.br/noticia/27587>. Acesso em: 02 de dez. 2022.

BORREGO, Arelis Esquenazi. Género y relaciones capitalistas de producción: una reflexión desde la perspectiva marxista. **Revista Katálysis**: Florianópolis, v. 21, n. 3, set/dez, 2018, p. 471-483. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/katalysis/article/view/198202592018v21n3p471/37962>. Acesso em: 02 de dez. 2022

BOTELHO, Julia. **Vertentes do feminismo**: conheça as principais ondas e correntes!. 2023. Disponível em: <https://www.politize.com.br/feminismo/>. Acesso em: 03, jun. 2023.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 25 de jan. 2023.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2003.

CAMARA, Rosana Hoffman. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. **Gerais, Rev. Interinst. Psicol**: Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 179-191, jul. 2013. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S19838220201300020003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 02 de jun. 2020.

CÁMARA, Julia. **Sororidad y conciencia femenina**: qué hermandad de mujeres para qué propuesta política. VientoSur. 2017. Disponível em: <https://vientosur.info/sororidad-y-conciencia-femenina-que-hermandad-de-mujeres-para-que-propuesta/>. Acesso em: 28 de mai. 2023.

CHIMAMANDA, Ngozi Adichie. **Sejamos todos feministas**. Companhia das Letras: São Paulo. 1ª ed. 2014.

COLLINS, Patrícia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. SOUZA, Rane (Tradução). 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2020. 341 p.

CRENSHAW, Kimberlé. Documentos para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero. **Revistas Estudos Feministas**: Florianópolis. 2002. p. 171-188.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. CANDIANI, Heci Regina (tradução). Editora Boitempo: São Paulo. ed. 1. 2016. 248 p.

D'ÁVILA, S. M. G. Relações de gênero no cotidiano familiar. In: XX Congresso Brasileiro de Economia Doméstica, VIII Encontro latino-Americano de Economia Doméstica, I Encontro Intercontinental de Economia Doméstica. Fortaleza, 2009. **Anais [...]** Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2009.

DEMO, Pedro. Qualidade e Pesquisa na Universidade. **Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Administração**, v. 1, n. 1, p.52-64, 2009. Disponível em: <<https://noctuam.files.wordpress.com/2019/01/qualidade-e-pesquisa-na-universidade-pedro-demo.pdf>>. Acesso em: 25 de jan. 2023.

DEVREUX, Anne-Marie. Família. In: HIRATA, Helena, *et al* (Org.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. Editora Unesp: São Paulo, 1ª ed. 2009, p. 96-101.

FERREIRA, Luciane Rocha. A sororidade e a interculturalidade crítica: conceitos-chave nos (des)encontros da educação solidária na economia popular solidária. In: Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião, 2017, São Leopoldo. **Anais [...]**, São Leopoldo, p.418-428.

FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, Dominique. Movimentos Feministas. In: HIRATA, Helena, *et al* (Org.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. Editora Unesp: São Paulo, 1ª ed. 2009, p. 144-149.

FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, Dominique. Talcott Parsons: uma herança controvertida. Papéis de sexo, família e modernidade ocidental. In: CHABAUD-RYTCHER, Danielle, *et al* (Org.). **O gênero nas Ciências Sociais: releituras críticas de Max Weber a Bruno Latour**. Editora Unesp: São Paulo, 1ª ed. 2014, p. 137-150.

GADOTTI, Moacir. **Extensão Universitária: Para quê?**. 2017. Disponível em: https://www.paulofreire.org/images/pdfs/Extens%C3%A3o_Universit%C3%A1ria__Moacir_Gadotti_fevereiro_2017.pdf. Acesso em: 02 de fevereiro de 2023.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6º ed. São Paulo: Editora Atlas S. A. 2008. 220 p. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 15 de jul . 2021

Gil, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4a ed. São Paulo: Atlas. 2002. Disponível em: http://www.uece.br/nucleodelinguasitaperi/dmdocuments/gil_como_elaborar_projeto_de_pesquisa.pdf. Acesso em: 17 de jun. 2021.

GOHN, Maria da Glória. Mulheres – atrizes dos movimentos sociais: relações político-culturais e debate teórico no processo democrático. **Política & Sociedade**, v. 6, ed.11, p. 41–70, 2007.

HOHENDORFF, J. V. Como escrever um artigo de revisão de literatura. In: KOLLER, S. H. COUTO, M. C. P. de. P. HOHENDORFF, J. V. (Org) **Manual de Produção Científica**. Porto Alegre: Penso. 2014. p. 39-54.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Rosa dos Tempos: Rio de Janeiro, 1º ed. 2018. 104 p.

LAGARDE Y DE LOS RÍOS, Marcela. **El Feminismo en mi vida**: hitos, claves, y topías. Ciudad del México: Instituto de la Mulheres de la Ciudad del México. 2012.

LAMPERT, Ernani. O desmonte da Universidade Pública: A interface de uma ideologia. **Revista Linhas**: Florianópolis, v. 7, n. 2, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1342>. Acesso em: 30 abr. 2023.

LEAL, Tatiane. A invenção da sororidade: sentimentos morais, feminismo e mídia. 2019. **Tese de Doutorado** (Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura) Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: [tese_tcosta_2019 \(4\).pdf](#). Acesso em 22 de dez. 2022.

LERNER, Gerda. **A criação do Patriarcado**: história das opressões das mulheres pelos homens. Editora Cultrix: São Paulo. 2019.

LISBOA, T. K. Gênero, feminismo e Serviço social – encontros e desencontros ao longo da história da profissão. **Revista Kátalysis**: Florianópolis v. 13 n. 1 p. 66-75, jan./jun. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rk/v13n1/08>. Acesso em: 15 de mai. 2020.

LISBOA, Teresa Kleba. O Empoderamento como estratégia de inclusão das mulheres nas políticas sociais. In: **Fazendo Gênero 8** – Corpo, Violência e Poder, Florianópolis. 2008, **Anais** [...] Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2008. Disponível em: https://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/fg8/sts/ST11/Teresa_Kleba_Lisboa_11.pdf. Acesso em: 05 de fev. 2024.

LEAL, Halina Macedo. A interseccionalidade como base do feminismo negro. **Cadernos de Ética e Filosofia Política**. v. 39, n.2, 2021. p. 21-32. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cefp/article/view/193639/178687>. Acesso em: 20 de fev. 2024.

MARODIN, Marilene. As relações entre o homem e a mulher na atualidade. In: STREY, Marlene Neves (Org.) **Mulher, estudos de gênero**. Editora Unisinos: São Leopoldo. 1997. p. 9-18.

MEAD, Margareth. **Sexo e temperamento**. Editora Perspectiva: São Paulo, 2000. 307 p.

ME TOO. **Você não está sozinha**. 2024. Disponível em: <https://metoobrasil.org.br/>. Acesso em: 20 de fev. 2024.

MILLET, Kate. **Sexual Politics**. University of Illinois Press. 1970.

MOITA, F. M G. da S. ANDRADE, F. C. B de. Ensino-pesquisa-extensão: um exercício de indissociabilidade na pós-graduação. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14, n. 41. maio/ago. 2009. p. 269-393. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/gmGjD689HxfJhy5bgykz6qr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 de abr. 2023.

MOURA, Mariluce. **Universidades Públicas Respondem por mais de 95% da produção científica do Brasil**. Academia Brasileira de Ciências: Rio de Janeiro. 2019. Disponível em: <https://www.abc.org.br/2019/04/15/universidades-publicas-respondem-por-mais-de-95-da-producao-cientifica-do-brasil/>. Acesso em: 25 de jan. 2023.

MOURA, Reidy Rolim de.; SOPKO, Camila.; MACHADO, Gabriele Petroski. A Sororidade no Contexto de Atuação da Economia Solidária: Um Debate Necessário. In: João Paulo Hergesel; Patrícia Gonçalves de Freitas. (Org.). **Ciências Humanas e Sociais: Aproximações Interdisciplinares**. 1ed. Rio de Janeiro: e-Publicar, 2022, v. 1, p. 291-308.

NADER, Maria Beatriz; RANGEL, Livia Silveira. Família. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio (Org.). **Dicionário Crítico de Gênero**. Editora Universidade Federal da Grande Dourados. 2ªed. 2019, p. 240-244.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. 1948. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/91601-declara%C3%A7%C3%A3o-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 03 de jul. 2023

PATEMAN, Carole. **O contrato sexual**. Editora Paz e Terra: São Paulo. 1993. 345 p.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, História e Poder. **Revista Sociologia Política**: Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010.

POLÍTICA NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA. **Fórum de Pró-reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras**. Manaus, 2012. Disponível em: <https://uenp.edu.br/doc-proec/proec-documentos-gerais/11837-politica-nacional-de-extensao-universitaria/file>. Acesso em 05 de jun. 2023.

QUIVY, R. CAMPENHOUDT, L. V. **Manual de Investigação em Ciências Sociais**. MARQUES, J. M. MENDES, M. A. CARVALHO, M. (tradução). Lisboa: Gradiva. 1995.

RIBEIRO, R. M. da C. A extensão universitária como indicativo de responsabilidade social. **Revista Dialogos**: Pesquisa em extensão universitária, Brasília, v.15, n.1, jul, 2011. p. 81-88.

ROMANOWSKI, J. P. ENS, R. T. As Pesquisas Denominadas do tipo “Estado da Arte” em Educação. **Diálogo Educação**: Curitiba. v. 6, n.19, p.37-50, set./dez. 2006.

RUBIN, Gaye. Tráfico de Mulheres: notas sobre a economia política do sexo. In: **Políticas do Sexo**. São Paulo: Editora UBU, 2017. p. 9-61.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **A mulher na sociedade de classes**: mito e realidade. Editora Vozes: Petrópolis, 1976, 384 p.

SAFIOTTI, H. I. B. **Gênero, Patriarcado e Violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo. 2015, 160 p.

SAFIOTTI, H. I. B. **O poder do macho**. Editora Moderna: São Paulo. 1987. 134 p.

SANTOS, Aílla Kássia de Lemos. Movimento Feminista e o Debate da Contracepção: Uma Análise acerca do contexto brasileiro na década de 1970. In: XIII Encontro Estadual de História. Pernambuco, 2020. **Anais** [...] Pernambuco: Universidade Federal Rural de. 2020. Disponível em: https://www.encontro2020.pe.anpuh.org/resources/anais/22/anpuhpeeh2020/1602030441_ARQUIVO_3780b4dbce5963e5c0ffef0b825d511a.pdf. Acesso em: 10 de fev. 2024.

SARTI, C. A. Feminismo e Contexto: Lições do Caso Brasileiro. **Cadernos Pagu**, 16^a ed. 2001, p.31-48.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**: Porto Alegre, v. 20, f. 2, jul./dez, 1995, p. 71-99.

SILVA, Juliana Ben Brizola da. Por uma teoria feminista radical e libertadora. **Revista Estudos Feministas**: Florianópolis. v. 30, n. 1, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/3hhvTcmm4WnmFrcvJcr8Mxy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 de fev. 2024.

SIMON, Carolina Russo. Resenha: Dororidade, de Vilma Piedade. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 12, n. 1, 2021. p. 246-250.

SÔNEGO, Aline. Os desafios da universidade no século XXI e algumas reflexões sobre a posição docente frente a este processo. **Revista Brasileira de Ensino Superior**, v. 1, n. 1, p. 30-35, jul.-set. 2015. Disponível em: <https://seer.atitus.edu.br/index.php/REBES/article/viewFile/822/629>. Acesso em: 27 de jan. 2023.

SOUZA, R. B. de. Formas de Pensar a Sociedade: O conceito de *Habitus*, Campos e Violência Simbólica em Bourdieu. **Revista Ars Histórica**: Rio de Janeiro, nº 7, Jan./Jun., 2014, p. 139-151. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4766705>. Acesso em: 01 de mai. 2022.

STREY, Marlene Neves. *et al.* Mulher, gênero e representações. In: STREY, Marlene Neves (Org.) **Mulher, estudos de gênero**. Editora UNISINOS: São Leopoldo. 2001. p. 79-96.

TOURAINÉ, Alain. Na fronteira dos movimentos sociais. **Sociedade e Estado**: Brasília, v. 21, n. 1, jan./abr. 2006 p. 17-28. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/se/a/3QY76c7QYKM6NnjXV5y7Wk/?format=pdf&lang=pt>
Acesso em: 02 de dez. 2022.

UNIVERSIDADE DO NORTE DO PARANÁ. **Institucional**. 2023. Disponível em: <https://uenp.edu.br/institucional>. Acesso em: 06 de mai. 2023.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA. **Apresentação**. 2023. Disponível em: <https://portal.uel.br/conheca-a-uel/>. Acesso em: 03 de mai. 2023.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA. Pró-Reitoria de Planejamento. **UEL em dados**. 2022. Disponível em: http://www.uel.br/proplan/novo/pages/arquivos/uel_em_dados/uel_em_dados_2022_web.pdf. Acesso em: 03 de mai. 2023.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ. **Histórico**. 2023. Disponível em: <http://www.uem.br/a-uem/historico>. Acesso em: 03 de mai. 2023.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. **Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Culturais**. 2013. Disponível em: <https://www2.uepg.br/proex/> Acesso em: 03 de mai. 2023.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE DO PARANÁ. **História da Unicentro**. 2023. Disponível em: <https://www3.unicentro.br/sobre/historia/>. Acesso em: 06 de mai. 2023.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE DO PARANÁ. **Painel Unicentro**. Disponível em: <http://painel.unicentro.br/programasprojetos/Extensao>. Acesso em: 06 de mai. 2023.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ. **Palavra da Pró-Reitora**. 2023. Disponível em: <https://www.unioeste.br/portal/proextensao/a-proex/a-palavra-da-pro-reitor>. Acesso em: 04 de mai. 2023.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ. **Relatório das Atividades de Pesquisa e Pós-Graduação**. 2021. Disponível em: <https://www.unioeste.br/portal/prppg/indicadores/pesquisa>. Acesso em: 04 de mai. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Biblioteca Prof. Lydio Machado Bandeira de Melo. Faculdade de Direito. **Como informar as características dos participantes do estudo em um trabalho de pesquisa?**. 2020. Disponível em: <https://biblio.direito.ufmg.br/?p=1792>. Acesso em: 10 de jan. 2024.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ. **Apresentação**. 2023. Disponível em: https://www.unespar.edu.br/a_unespar/introducao. Acesso em: 06 de mai. 2023.

VALLE, Lílian do. Categoria, teoria, conceito (para dizer o ser em múltiplos sentidos). **Trabalho, Educação e Saúde**: São Paulo, v. 6, n. 2, 2008. p. 1-18. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/VwgMB9kFgbyyyTjvgGnmpxj/?lang=pt>. Acesso em: 22 de nov. 2022

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO DE LÍNGUA PORTUGUESA. Academia Brasileira de Letras. **Sororidade**. 2021. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/sororidade>. Acesso em: 28 de mai. 2023.

ZIRBEL, Ilze. Ondas do feminismo. **Mulheres na Filosofia**: Campinas. vol. 7, n. 2, 2021, p. 10 - 31. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/wpcontent/uploads/sites/178/2021/03/Ondas-do-Feminismo.pdf>> Acesso em: 05 de mai. 2023.

APÊNDICE A - FORMULÁRIO APLICADO ÀS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Estudo sobre Sororidade

Você está sendo convidada a participar da pesquisa "SORORIDADE: UM ESTUDO A PARTIR DOS GRUPOS DE PESQUISA E PROJETOS DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES ESTADUAIS DO ESTADO DO PARANÁ" desenvolvida pela mestrande Gabriele Petroski Machado, sob orientação da Prof^a Dr. Reidy Rolim de Moura, ambas vinculadas ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), tendo em vista que você é uma mulher que faz parte de um grupo de pesquisa e/ou programa de extensão que pauta a temática mulher, de uma universidade estadual localizada no estado do Paraná, sendo este o critério da sua inclusão na pesquisa.

O objetivo desta pesquisa é analisar o conceito e práticas da sororidade a partir da percepção das integrantes dos grupos de pesquisa e programas de extensão no estado do Paraná. Por isso, você irá responder um questionário com perguntas que permitirão analisar a percepção e prática da sororidade no seu cotidiano.

Em caso de dúvidas poderá entrar em contato diretamente com a pesquisadora, através do e-mail 3100121007003@uepg.br ou pelo telefone (42) 99932-7450 (whatsapp)
Ressalto que a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética sob o parecer nº 5.594.504..

***Este questionário deve respondido apenas por mulheres que fazem parte de programas/projetos de extensão.**

Agradeço sua participação!

** Indica uma pergunta obrigatória*

1. De forma livre e esclarecida, declaro ceder à pesquisadora as minhas contribuições contidas aqui neste formulário, como subsídio para construção da dissertação de mestrado *

[Termo de Consentimento Livre e Esclarecido](#)

Marcar apenas uma oval.

- Aceito participar
 Não aceito participar

PERFIL DE ATUAÇÃO

2. Você faz parte deste projeto/programa de extensão como *

Marcar apenas uma oval.

- Aluna de graduação
 Aluna de pós-graduação
 Professora
 Funcionária

3. Qual a sua área de formação ou que está cursando? *

4. Qual o projeto/programa extensão que você faz parte? *

Indicar apenas o projeto/programa pelo qual você recebeu este questionário

5. Qual universidade o projeto/programa que você participa está vinculado? *

Caso a universidade tenha campus em mais de uma cidade, indique a cidade do campus que você frequenta

6. Há quanto tempo faz parte do projeto/programa de extensão atual? *

Responder em número de meses

7. Para além deste programa/projeto, você já esteve em contato com outros espaços que perpassavam pela temática mulher? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

8. Se a resposta anterior for sim, comente abaixo quais esses espaços e há quanto tempo você tem contato com as discussões focadas na temática das mulheres.

ELEMENTOS DE PESQUISA

9. Você já ouviu falar em *sororidade*? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

10. Se sim, onde foi?

Marque todas que se aplicam.

- Podcasts
- Textos acadêmicos
- Sites, blog ou revistas
- Durante as aulas da graduação/pós-graduação
- Debates proporcionados pelo grupo de pesquisa
- Redes sociais (facebook, twitter, instagram, tik tok)
- Outro: _____

11. Em uma escala de 0 a 5, marque o quanto você sabe sobre o que é *sororidade*? *

Marcar apenas uma oval.

- Nada
- _____
- 0
- _____
- 1
- _____
- 2
- _____
- 3
- _____
- 4
- _____
- 5
- _____
- Muito
- _____

O CONCEITO DA SORORIDADE

Nesta seção, as perguntas serão voltadas sobre o conceito da *sororidade* e a sua percepção sobre ele, portanto, as perguntas deverão ser respondidas de acordo com seu conhecimento e sua opinião pessoal/profissional sobre o assunto.

12. Dentre os elementos indicados abaixo, marque os **TRÊS** principais que você considera que caracterizam a prática da sororidade

Marque todas que se aplicam.

- Reconhecimento da igualdade e diferenças entre as mulheres
- Respeito à diversidade e especificidades das mulheres
- Eliminação da misoginia pessoal e coletiva
- Não reproduzir a opressão entre as mulheres
- Visibilidade aos avanços das mulheres nas conquistas pelos seus direitos
- Criação de mecanismos de defesa contra as violências e opressões contra as mulheres
- Saber distinguir autoridade de autoritarismo

13. *A Sororidade é essencialmente interruptiva, ou seja, implica na "amizade" entre aquelas que foram criadas pelo mundo patriarcal como inimigas. (LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2012)*

Você concorda com essa afirmação ?

Marcar apenas uma oval.

- Concordo
 Concordo Parcialmente
 Não concordo

14. Se concorda parcialmente ou não concorda, gostaria de comentar?

15. *A sororidade no mundo da inimizade histórica entre nós, da excisão do gênero feminino em mulheres antagonizadas, passa por depor as armas contra elas, para construir em cada mulher que, ao mudar sua relação com as outras-inimigas, converte em amigas, se afirmam na unicidade.*

A sororidade é uma das propostas mais radicais da nova cultura feminista, por que é necessário pensar, propor mediações e atuar (LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2012)

Você concorda com essa afirmação?

Marcar apenas uma oval.

- Concordo
 Concordo Parcialmente
 Não concordo

16. Se concorda parcialmente ou não concorda, gostaria de comentar?

17. *A sororidade é uma dimensão ética, política e prática do feminismo contemporâneo. (LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2012)* *

Você concorda com essa afirmação?

Marcar apenas uma oval.

- Concordo
 Concordo parcialmente
 Não concordo

18. Se concorda parcialmente ou não concorda, gostaria de comentar?

19. *A sororidade é um princípio universal da relação com todas as mulheres e é um recurso para enfrentar conflitos entre mulheres de forma inédita. (LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2012)* *

Você concorda com essa afirmação?

Marcar apenas uma oval.

- Concordo
 Concordo parcialmente
 Não concordo

20. Se concorda parcialmente ou não concorda, gostaria de comentar?

21. *Enquanto mulheres usarem poder de classe e de raça para dominar outras mulheres, a sororidade feminista não poderá existir por completo. (HOOKS, 2018)* *

Você concorda com essa afirmação?

Marcar apenas uma oval.

- Concorda
 Concordo Parcialmente
 Não concordo

22. Se concorda parcialmente ou não concorda, gostaria de comentar?

23. O que você entende por *sororidade*? *

24. Você consegue identificar a presença da sororidade nos espaços que frequenta? (universidade/trabalho/família/amigos) *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não

25. Você já vivenciou a sororidade em algum momento? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não
 Não sei identificar

26. Você poderia exemplificar a prática da sororidade no seu cotidiano?

27. Na sua opinião, acha que o tema deve ser mais discutido no ambiente acadêmico pelos pesquisadores/extensionistas? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não

28. Por quê?

29. Na sua opinião, acha que a *sororidade* é uma prática que contribui para a emancipação das mulheres? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

30. Por quê

31. Na sua opinião, qual a importância da *sororidade* para as mulheres? *

32. Na sua opinião, o conceito da *sororidade* deve ser fortalecido com fundamentação teórica? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

33. Na sua opinião, você identifica que a *sororidade*, atualmente, está mais vinculada à perspectiva.... *

Marcar apenas uma oval.

Liberal

Neoliberal

Crítica

Outro: _____

34. Qual a sua sugestão para quem estuda este conceito?

APÊNDICE B - OFÍCIO ENVIADO À PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

Prezada Pró-Reitora de Extensão,
Maria Salete Marcon Gomes Vaz

Gostaríamos de solicitar o apoio e contribuição na busca de dados para nossa pesquisa intitulada “SORORIDADE: UM ESTUDO A PARTIR DOS GRUPOS DE PESQUISA E PROJETOS DE EXTENSÃO SOBRE GÊNERO DAS UNIVERSIDADES ESTADUAIS DO ESTADO DO PARANÁ”, vinculada ao mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa, sob minha orientação.

A pesquisa tem como objetivo geral analisar a prática da sororidade na perspectiva das mulheres integrantes dos grupos de pesquisa e programas/projetos de extensão que pautam a questão da mulher, vinculados às Universidades Estaduais do Paraná.

O público alvo da pesquisa, para além de quem já contatamos, são as mulheres que participam das equipes executoras dos projetos selecionados na CHAMADA PÚBLICA 02/2022 PROGRAMA MULHERES PARANAENSES: EMPODERAMENTO E LIDERANÇA, das Universidades Estaduais do Paraná.

Sendo assim, gostaríamos de solicitar a intermediação para com este público alvo por meio das pró-reitorias de extensão das respectivas universidades, encaminhando o link do formulário a ser respondido. Para além do encaminhamento, será muito importante a sensibilização para a participação na pesquisa. Notamos a dificuldade da participação nos últimos anos em diversas pesquisas, mesmo sendo online e sendo formulários rápidos de serem respondidos.

Consideramos que a partir da pró-reitoria de extensão da UEPG é possível esta sensibilização das demais pró-reitorias de extensão e os devidos encaminhamentos solicitados, considerando que não temos acesso aos dados e contatos das responsáveis pelos projetos aprovados em outras instituições.

Ressaltamos que não há identificação de dados pessoais no formulário e que a pesquisa está aprovada pelo Comitê de Ética em pesquisa sob o parecer nº 5.594.504.

Desde já contamos com a sua valiosa colaboração

Ponta Grossa, 17 de março de 2023.

Atenciosamente,

Reidy Rolim de Moura

Prof. Dra. do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais Aplicadas e do Departamento de Serviço Social da UEPG.

APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada a participar da pesquisa “SORORIDADE: UM ESTUDO A PARTIR DOS GRUPOS DE PESQUISA E PROJETOS DE EXTENSÃO SOBRE GÊNERO DAS UNIVERSIDADES ESTADUAIS DO ESTADO DO PARANÁ” desenvolvida pela **mestranda Gabriele Petroski Machado**, sob **orientação da Prof.ª Dr. Reidy Rolim de Moura**, ambas vinculadas ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), tendo em vista que você é uma mulher que faz parte de um grupo de pesquisa e/ou programa de extensão que perpassam pela discussão de gênero, de uma universidade estadual localizada no estado do Paraná, sendo este o critério da sua inclusão na pesquisa.

O objetivo desta pesquisa é analisar a prática da sororidade a partir da percepção das integrantes dos grupos de pesquisa e programas de extensão que pautam a temática da mulher no Estado do Paraná. Por isso, você irá responder um formulário com perguntas que permitirão analisar a sua percepção e prática da sororidade no seu cotidiano.

Conforme o Art. 21 da Resolução 510/2016 do CNS, a pesquisa apresenta grau de risco mínimo, tendo em vista que a pesquisa irá acontecer de modo virtual (formulário) e não será solicitado aos participantes nenhum dado pessoal e se ocorrer de acontecer o vazamento de alguma informação, será possível controlar e será contatado os participantes. Contudo, visando minimizar este risco, apenas a pesquisadora responsável terá acesso aos formulários respondidos e os dados serão analisados sem identificação e o arquivo final será mantido em sigilo sob a responsabilidade desta pesquisadora.

Com as informações colhidas através do formulário, será construída a dissertação de mestrado desta pesquisadora, sem uso de qualquer informação pessoal do participante e que visa contribuir com a construção do conhecimento teórico sobre a sororidade, sendo este o principal benefício da pesquisa.

O tempo estimado para responder o formulário gira em torno de 5 a 10 minutos e será respondido somente pelas mulheres integrantes de grupos de pesquisa e programas ou projetos de extensão das Universidades Estaduais do Paraná.

Você poderá se recusar a participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhuma penalização. Destaca-se que o sigilo e a privacidade serão mantidos a todo momento da pesquisa.

Por fim, ressalta-se que não haverá nenhuma forma de ressarcimento ao pesquisado, já que a sua participação na pesquisa é voluntária e não vai gerar nenhum custo, bem como não receberá nenhum tipo de remuneração.

Em caso de dúvidas quanto aos aspectos éticos desta pesquisa, você pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), localizado na Av. Carlos Cavalcanti, 4748 – Uvaranas Prédio da Reitoria - Sala de Especialização Lato Sensu – Campus Universitário CEP: 84030-900 – Ponta Grossa – PR. E-mail: propesp-cep@uepg.br Telefone: (42) 3220-3108. Ou diretamente com a pesquisadora, através do e-mail 3100121007003@uepg.br ou pelo telefone (42) 99932-7450 (whatsapp)

Agradeço sua participação!

Gabriele Petroski Machado
Pesquisadora Responsável - UEPG

Participante da Pesquisa

ANEXO A - TERMOS DE ANUÊNCIAS DAS UNIVERSIDADES PARTICIPANTES

PRPPGPró-Reitoria de Pesquisa
e Pós-GraduaçãoUNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

CARTA DE ANUÊNCIA PARA PESQUISA DE MESTRADO

Paranavai, 03 de Agosto de 2022.

Prezado (a) Coordenador do CEP/UEPG

Declaramos que nós, da Universidade Estadual do Paraná (Unespar), estamos de acordo com a condução do projeto de pesquisa "Sororidade: Um estudo a partir dos grupos de pesquisa e projetos de extensão sobre gênero das Universidades Estaduais do Estado do Paraná" sob responsabilidade da Pesquisadora Gabriele Petroski Machado (UEPG) nas nossas dependências, tendo o projeto sido aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo seres Humanos da Universidade Estadual de Ponta Grossa, sob número CAAE 57737122.9.0000.0105 e número do Parecer: 5.382.741.

Estamos cientes que as unidades de análise da pesquisa serão: Analisar a prática da sororidade a partir da percepção das integrantes dos grupos de pesquisa e programas de extensão que perpassam pelo debate da questão de gênero no Estado do Paraná; Conceituar e definir a sororidade e seus elementos; Mapear os grupos de pesquisa e programas de extensão que discutem gênero nas Universidades Estaduais do Estado do Paraná; Compreender a teoria e a prática da sororidade a partir da perspectiva das pesquisadoras e extensionistas das Universidades Estaduais do Paraná; Identificar os limites e desafios da prática da sororidade a partir das mulheres vinculadas à pesquisa e extensão sobre gênero das Universidades Estaduais do Paraná, bem como de que o presente trabalho deve seguir a Resolução 466/2012 do CNS e complementares.

Atenciosamente,

Carlos Alexandre Molena Fernandes
Pro-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação - PRPPG
Portaria n. 232/2022 - Reitoria/Unespar

**unioeste**

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Reitoria

CNPJ 78.680.337/0001-84

Rua Universitária, 1619 - Fone: (45) 3220-3000

Jardim Universitário - Cx. P. 000701 - CEP 85819-110 - Cascavel - Paraná

www.unioeste.br

DECLARAÇÃO

Declaro, para os devidos fins, que a discente Gabriele Petroski Machado, orientada pela Prof.^a Dr.^a Reidy Rolim de Moura, do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, está autorizada a realizar pesquisa de mestrado na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Rua Universitária, nº 1619, CEP: 85.819-110, Cascavel – PR, CNPJ: 78.680.337/0001-84.

Cascavel – PR, 05 de julho de 2022.

SANIMAR**BUSSE:90613171934**

Assinado de forma digital por

SANIMAR BUSSE:90613171934

Dados: 2022.07.05 11:39:52 -03'00'

SANIMAR BUSSE

Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação

CPF: 90613171934

ANEXO B - AUTORIZAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA PARA PESQUISA CIENTÍFICA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
PONTA GROSSA - UEPG



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: SORORIDADE: UM ESTUDO A PARTIR DOS GRUPOS DE PESQUISA E PROJETOS DE EXTENSÃO SOBRE GÊNERO DAS UNIVERSIDADES ESTADUAIS DO ESTADO DO PARANÁ

Pesquisador: GABRIELE PETROSKI MACHADO

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 57737122.9.0000.0105

Instituição Proponente: Universidade Estadual de Ponta Grossa

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.594.504

Apresentação do Projeto:

O presente projeto busca reconhecer o conceito de sororidade trabalhado por grupos de pesquisa e extensão sobre gênero das universidades estaduais do Paraná. As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivos da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO 1926361, de 30 de maio de 2022

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Analisar a prática da sororidade a partir da percepção das integrantes dos grupos de pesquisa e programas de extensão que perpassam pelo debate da questão de gênero no Estado do Paraná.

- Conceituar e definir a sororidade e seus elementos;
- Mapear os grupos de pesquisa e programas de extensão que discutem gênero nas Universidades Estaduais do Estado do Paraná.
- Compreender a teoria e a prática da sororidade a partir da perspectiva das pesquisadoras e

Endereço: Av. Gen. Carlos Cavalcanti, nº 4748. UEPG, Campus Uvaranas, Bloco da Reitoria, sala 22

Bairro: Uvaranas **CEP:** 84.030-900

UF: PR **Município:** PONTA GROSSA

Telefone: (42)3220-3282 **E-mail:** propessecretaria@uepg.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
PONTA GROSSA - UEPG



Continuação do Parecer: 5.594.504

extensionistas

das Universidades Estaduais do Paraná;

- Identificar os limites e desafios da prática da sororidade a partir das mulheres vinculadas à pesquisa e a extensão sobre gênero das Universidades Estaduais do Paraná.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

A pesquisa apresenta grau de risco mínimo, tendo em vista que a pesquisa irá acontecer de modo virtual (questionário) e não será solicitado aos participantes nenhum dado pessoal e se ocorrer de acontecer o vazamento de alguma informação, será possível controlar e será contatado os participantes. Contudo, visando minimizar este risco, apenas a pesquisadora responsável terá acesso aos questionários respondidos e os dados serão analisados sem identificação e o arquivo final será mantido em sigilo sob a responsabilidade desta pesquisadora.

Benefícios:

Contribuição significativa para a construção do conhecimento acerca da sororidade e embasamento para pesquisas futuras.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A problemática desta pesquisa se desenvolve em torno do conceito da "sororidade", que atualmente está sendo empregado nos discursos relacionados ao comportamento das mulheres para com outras mulheres. De modo geral, o conceito "sororidade" está intimamente associado às relações de gênero, é uma expressão contemporânea derivada das discussões sobre gênero e sobre a desigualdade entre as mulheres. Portanto, considera-se relevante compreender como este conceito vem sendo entendido pelas pesquisadoras e extensionistas dos grupos de pesquisa e programas de extensão sobre gênero, vinculados às Universidades Estaduais do Paraná. "Como as pesquisadoras e extensionistas dos grupos de pesquisa e programas de extensão que discutem gênero das Universidades Estaduais do Estado do Paraná percebem a prática da sororidade entre as mulheres?". É a partir desta pergunta de partida que a presente pesquisa irá se desenvolver. Define-se, à vista do problema de pesquisa

Endereço: Av. Gen. Carlos Cavalcanti, nº 4748. UEPG, Campus Uvaranas, Bloco da Reitoria, sala 22
 Bairro: Uvaranas CEP: 84.030-900
 UF: PR Município: PONTA GROSSA
 Telefone: (42)3220-3282 E-mail: propespsecretaria@uepg.br

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
PONTA GROSSA - UEPG**



Continuação do Parecer: 5.594.504

apresentado acima, como objeto de estudo os grupos de pesquisa e programas de extensão sobre gênero, enquanto as Universidades Estaduais do

Estado do Paraná constituem o universo desta pesquisa. Cabe registrar que o recorte temporal deste estudo é o ano de 2022.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Em anexo e de acordo com as resoluções 466/2012 e 510/2016

Recomendações:

Enviar o relatório final ao término do projeto de pesquisa por Notificação via Plataforma Brasil para evitar pendências.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto foi aprovado sem restrições, após avaliação documental. O projeto se encontra dentro dos princípios éticos e metodológicos, de acordo com o Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/2012 e 510/2016

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1926361.pdf	20/08/2022 15:20:32		Aceito
Outros	declaracao_anuencia_unespar.pdf	20/08/2022 14:59:52	GABRIELE PETROSKI	Aceito
Outros	declaracao_anuencia_unioeste.pdf	20/08/2022 14:59:35	GABRIELE PETROSKI	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE3.pdf	20/08/2022 14:38:31	GABRIELE PETROSKI MACHADO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_Pesquisa_Mestrado.pdf	08/04/2022 21:12:55	GABRIELE PETROSKI MACHADO	Aceito

Endereço: Av. Gen. Carlos Cavalcanti, nº 4748. UEPG, Campus Uvaranas, Bloco da Reitoria, sala 22
Bairro: Uvaranas **CEP:** 84.030-900
UF: PR **Município:** PONTA GROSSA
Telefone: (42)3220-3282 **E-mail:** propespsecretaria@uepg.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
PONTA GROSSA - UEPG



Continuação do Parecer: 5.594.504

Folha de Rosto	folhaderostoassinada.pdf	08/04/2022 21:09:19	GABRIELE PETROSKI	Aceito
----------------	--------------------------	------------------------	----------------------	--------

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PONTA GROSSA, 22 de Agosto de 2022

Assinado por:
ULISSES COELHO
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Gen. Carlos Cavalcanti, nº 4748. UEPG, Campus Uvaranas, Bloco da Reitoria, sala 22
Bairro: Uvaranas **CEP:** 84.030-900
UF: PR **Município:** PONTA GROSSA
Telefone: (42)3220-3282 **E-mail:** propespsecretaria@uepg.br